

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

ADRIANA REGINA DANTAS MARTINS

**A VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA VIRTUAL CONTRA A MULHER:
IDEOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE (IM) POLIDEZ EM BLOGS.**

FORTALEZA

2013

ADRIANA REGINA DANTAS MARTINS

**A VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA VIRTUAL CONTRA A MULHER: IDEOLOGIA E
ESTRATÉGIAS DE (IM) POLIDEZ EM BLOGS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudiana Nogueira de Alencar.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central do Centro de Humanidades
Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3/726

M386v Martins, Adriana Regina Dantas.
A violência linguística virtual contra a mulher: ideologia e estratégias de (im)polidez em blogs / Adriana Regina Dantas Martins. – 2013.
CD-ROM. 156 f. ; il. (algumas color.) : 4 ¾ pol.
“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Linguagem e Interação.
Orientação: Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.

1. Violência linguística. 2. Mulher. 3. Ideologia. 4. (im)polidez linguística. I. Título.

CDD: 418

ADRIANA REGINA DANTAS MARTINS

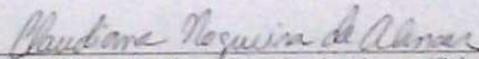
A VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA VIRTUAL CONTRA A MULHER: IDEOLOGIA E
ESTRATÉGIAS DE (IM) POLIDEZ EM BLOGS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística Aplicada do Centro de
Humanidades da Universidade Estadual do Ceará,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Linguística Aplicada.

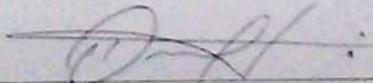
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 11 / 12 / 2013.

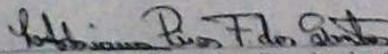
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Daniel do Nascimento e Silva (1º Membro)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO



Prof. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos (2º Membro)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, esposo e filhos. Amo vocês.

“Posso todas as coisas em Deus que me fortalece”

Filipenses 4:13

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de alcançar mais essa conquista; agradeço por me dar graça para superar todas as etapas.

Agradeço aos meus amados filhos, Felipe, Ariane e Iarley, por compreenderem os vários momentos de ausência, bem como ao meu amado esposo, Adonias Martins, pelo incentivo, torcida e força durante todo o processo.

Agradeço aos meus pais, aos meus irmãos e parentes pela torcida e incentivo.

Agradeço à minha querida orientadora Professora Doutora Claudiana Nogueira de Alencar, por compartilhar comigo a paixão pela pesquisa. Obrigada por me orientar, acreditar e incentivar meu projeto. O seu olhar e suas observações fizeram toda a diferença nessa pesquisa.

Agradeço à minha amiga Geórgia Paiva pelos vários momentos de incentivo, de conversas e de observações importantes sobre a teoria da Polidez e Impolidez Linguística.

Agradeço à professora Doutora Letícia Adriana, por participar da minha banca e por me apresentar a teoria da Polidez Linguística e o trabalho da Geórgia Paiva.

Agradeço ao professor Doutor Daniel do Nascimento e Silva, pela participação em minha banca e pela grande contribuição que sua tese proporcionou a essa dissertação.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, o PosLA. Obrigada por compartilharem conhecimento e experiência. Vocês também contribuíram para essa conquista.

Agradeço a todos os meus amigos e amigas que fizeram parte dessa jornada. Obrigada pelas conversas, pelo compartilhar de angústias e experiências. Alguns em especial: Tânia Dourado, Robson Ramos, Marcos Alberto, Fernando Henrique, Maria Eduarda, Gabriela Costa e Emanuel Pedro, que, além da troca de ideias, aceitou também corrigir e formatar essa dissertação.

Agradeço à Keiliane Dantas pelo apoio na secretaria do PosLA.

Enfim, agradeço a todas e a todos que torceram por mim, que contribuíram diretamente ou indiretamente para que esse trabalho se realizasse.

RESUMO

Longe de uma visão pragmática que considere a ação linguística a partir de interações generalizadas, vistas como intencional e universalmente produzidas por sujeitos idealizados, esta dissertação pretende romper com um suposto modelo universal de comunicação pragmática ao estudar as ideologias operacionalizadas em atos de fala impolidos, constituindo uma forma de violência de gênero: a violência linguística. Para isso, investigamos produções em blogs marcadamente machistas, de autoria masculina e feminina, que através de suas postagens lúdicas afirmam e reafirmam determinados modos de ser “mulher”. De modo específico, realizamos uma análise pragmático-discursiva nos textos das postagens e dos comentários sobre esses textos, postados nos blogs *Testosterona* e *Acidez feminina*, entre os anos de 2011 a 2013, a partir da articulação metodológica entre as categorias de operação da ideologia e as estratégias de (im)polidez linguística. Os resultados demonstram que, apesar do caráter lúdico que assumem as postagens impolidas, através das quais explicitamente ocorrem exposições de faces, que os atos de fala proferidos instauram ofensas contra as mulheres, fazendo surgir conflitos nas interações por meio de atos de fala polidos e impolidos, proferidos por homens e mulheres, interagentes dos blogs investigados. Tais ofensas constituem e são constituídas em modos de naturalização de ideologias patriarcais e colonizadoras do gênero feminino, as quais reafirmam modos hegemônicos de ser “mulher”.

Palavras-chave: Violência Linguística; Mulher; Ideologia; (Im)polidez linguística.

ABSTRACT

Far from a pragmatic view that considers the linguistic action from generalized interactions seen as intentional and produced universally by idealized subjects, this dissertation intends to break up a supposed universal model of pragmatic communication by studying ideologies operationalized in impolite speech acts constituting a form of gender violence: linguistic violence. For this, we investigated productions markedly sexist blogs, authored from male and female, that through their playful posts claim and reaffirm certain ways of being "woman." Specifically, we conducted a pragmatic- discursive analysis of the texts of posts and comments on those texts, posted on "Testosterona" and "Acidez Feminina" blogs, between the years 2011-2013, from the methodological articulation between the categories of operations of ideology and (im) politeness strategies. The results demonstrate that, despite the playfulness that assume impolite posts, by which explicitly exposure face occurs, that speech acts uttered make offenses against women, giving rise to conflicts in interactions through speech acts polite and impolite, uttered by men and women, participants of the investigated blogs. Such offenses are incorporated in and constitute modes of naturalization of patriarchal ideologies and colonizing female genre, which reaffirm hegemonic ways of being "woman."

Keywords: Linguistic violence; Woman; Ideology; Linguistic (Im) politeness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Vantagens dos modos de enunciação da polidez linguística	58
Quadro 2: Estratégias de Polidez Linguística.....	59
Quadro 3: : Estratégias de (im)polidez.....	66
Quadro 4: Quadro metodológico baseado nos modos gerais da Ideologia.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1 Violência.....	16
1.2 Gênero feminino	21
1.3 Violência Linguística.....	30
1.4 O Blog	36
1.4.1 O blog como hipergênero	41
1.5 Os modos de operação da ideologia	45
1.6 Polidez linguística	49
1.6.1 Princípio da Ironia e de Banter	54
1.6.2 A ironia/sarcasmo como princípio de (im)polidez	64
1.6.3 Estratégias de <i>output</i> de impolidez positiva e negativa.....	66
2. METODOLOGIA	69
2.1 Explicação do quadro metodológico	72
2.1.1 Foco dos modos gerais – modos gerais – estratégias típicas de construção simbólica.....	72
2.1.2 Os pormenores	73
2.1.3 As estratégias de (im)polidez	79
2.2 <i>Corpus</i> da pesquisa.....	80
2.2.1 Blog Testosterona.....	81
2.2.2 Blog Acidez Feminina	82
2.2.3 A parte comercial.....	83
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	125
ANEXOS	130
Anexo 1	131
Anexo 2	139
Anexo 3	142

Anexo 4	143
Anexo 5	145
Anexo 6	146
Anexo 7	149
Anexo 8	152
Anexo 9	155

INTRODUÇÃO

As interações sociais, por meio de redes sociais, fazem parte da realidade da maioria das pessoas. Independentemente da faixa etária, compartilhar a rotina através de blogs¹, *facebook* e *twitter* é uma forma de construir e manter relações. É interessante pensar que os gêneros impressos aparecem retextualizados em outro tipo de suporte², como o virtual, e dessa forma as relações que se constroem ali são diferentes das relações face a face. Nesse aspecto, Maingueneau (2004, p. 71) afirma que é importante considerar o discurso em relação ao suporte e ao seu modo de difusão; isso significa que um discurso pode cumprir diferente papel comunicativo dependendo do seu suporte e do seu modo de divulgação:

Foi sobretudo com a chegada dos mídiuns audiovisuais e o desenvolvimento da informática que tomamos consciência desse papel crucial do mídiun. Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos textos e o seu modo de consumo. Seu surgimento provocou uma ruptura com a civilização do livro, que trazia em si toda uma concepção de sentido. Revolução que teve também como efeito uma melhor conscientização da especificidade do oral e das modificações anteriormente introduzidas pela escrita e pela imprensa (MAINGUENEAU, 2004, p. 72).

O mídiun citado por Maingueneau se refere não apenas ao meio em que um discurso circula, mas também a um veículo que modifica o sentido dos discursos em circulação. Uma interação através do computador em que o espaço físico se materializa no ambiente virtual se configura diferente de uma interação face a face, ainda que o gênero textual tenha os mesmos traços, pois cada suporte tem sua especificidade. Marcuschi (2008, p. 174) ressalta que o suporte é imprescindível para que o gênero circule na sociedade, e que de alguma forma influencia em sua natureza. Para Marcuschi (2008, p. 186), a internet é “um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos”. Ao refletir sobre essa pesquisa, podemos, por esse prisma, entender que o blog é um gênero que se materializa através do suporte virtual.

¹ Por considerar que a palavra blog faz parte do vocabulário dos falantes de língua Portuguesa, não será grafada em itálico.

² Marcuschi (2008, p. 174) entende suporte como um lócus físico ou virtual, com formato específico, que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra o texto.

No que diz respeito às interações que acontecem nesse gênero, os comentários dos leitores nem sempre levam em consideração os aspectos de polidez linguística ou os de ética de interação na internet³. Geralmente isso é determinado pelo tipo de blog que se está participando, embora na interação face a face as regras éticas de interação também possam ser violadas, ou seja, esse fator não está ligado diretamente ao suporte, mas ao tipo de gênero e à motivação dos interagentes. Nesse contexto, nem sempre os atos de fala ali registrados, na modalidade escrita, são polidos. Pode-se dizer que ser polido ou impolido depende de vários fatores, por exemplo: concordar ou discordar de algo ou alguém; ter afinidade ou não com os outros atores sociais⁴ (internautas); ou, até em atos de fala preconceituosos ou violentos, de alguma forma naturalizar algum tipo de comportamento. A respeito dos atores sociais, Dantas e Gomes (2008, p. 3) ressaltam que:

O ator social não é um idiota cultural permanentemente submetido à força coercitiva das normas sociais que se enunciam no seu mundo. Ele é um membro de uma comunidade, participante de um domínio discursivo, ativo para concordar ou discordar (total ou parcialmente), completar, adaptar ou executar aquilo que a linguagem social à sua volta lhe procura impor, reelaborando seu mundo de maneira dialógica. O mundo social com suas normas se constrói em torno do sujeito e por meio da sua interação com outros sujeitos através da elaboração de discursos manifestos em enunciados que jamais serão recebidos passivamente pelos indivíduos.

Concordando com Dantas e Gomes sobre a postura ativa do ator social, é importante ainda considerar, em uma visão pragmática, que linguagem é ação e que fazemos coisas com as palavras (AUSTIN, 1975). Tanto a produção do administrador do blog, que pode ser conteúdo verbal e/ou imagético, quanto os comentários dos participantes reforçam alguns tipos de discurso e comportamentos. No blog *Testosterona e Acidez Feminina*, o discurso em circulação nem sempre favorece a autoestima da mulher.

Este trabalho consiste em uma análise discursiva das postagens de produção e dos comentários do blog *Testosterona e Acidez Feminina*, e do seu modo de performatizar, através da linguagem verbal e imagética, a naturalização da violência linguística contra a mulher e a construção de um discurso ressignificado de uma imagem colonial e patriarcal da mulher.

³ Para interagir na internet, não é preciso conhecer essas regras. Porém, essas regras específicas para internet esclarecem alguns aspectos polidos que podem contribuir para o equilíbrio na interação. Por exemplo: a utilização de atos de fala escritos em maiúsculas significa, em comparação com a fala, que o interlocutor está “gritando” com o outro interagente. Para saber sobre as regras de interação na internet, abra o link: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2907386>>. Acesso em: 21 set. 2013.

⁴ Nesse trabalho, serão considerados sinônimos de atores sociais os termos: interagente, participante, internauta.

Essa análise se orienta pela visão de linguagem defendida pela Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010), apoiada em teóricos como Wittgenstein e J. L. Austin. Nessa perspectiva, procuramos responder as seguintes questões: como as categorias de polidez de Brown e Levinson (1987), as categorias de Impolidez de Culpeper (1996) e os modos gerais e as estratégias de construção simbólica de Thompson (2009) concorrem para os interagentes dos blogs reforçarem o sentido machista e naturalizarem a violência linguística digital contra a mulher? Como um recurso como ironia é mobilizado pelos interagentes dos blogs como forma de violência linguística contra a mulher?

Partimos da suposição de que o princípio da ironia é utilizado pelos produtores e consumidores dos blogs como forma de violência linguística contra a mulher, e de que os modos de enunciação da polidez linguística e as categorias da ideologia de Thompson se articulam naturalizando o sentido machista contra a mulher.

Nesse contexto, as mulheres sofrem discriminação e violência linguística, mesmo que de forma “camuflada”, porém não menos cruel. Em algumas situações, a violência física é, de forma macro, quase sempre consequência da violência que se iniciou com palavras e que extrapolou a linguagem. Como no assassinato⁵ de uma garota que aconteceu dia 11/09/2013 na Galeria do Rock em São Paulo, a vítima foi esfaqueada no pescoço por discutir com a mulher do agressor. A polícia justifica como crime passional, porém nos casos de violência como esse, nunca é tocado o fato de que a violência física é o cume de uma violência que se iniciou com palavras. No contexto atual, o termo “passional” parece que é uma justificativa plausível para se subtrair a vida de alguém. Uma testemunha⁶ declarou que: “... *infelizmente, essas cenas são comuns* (grifo nosso) *no estado de São Paulo - disse Souza ao site G1*”. A situação é preocupante, pois não pode ser comum tirar a vida de alguém. Essa construção discursiva “*é comum... foi crime passional*” parece que tem minado as forças até das autoridades que em muitas situações não fazem algo para combater ou tratar o foco do problema.

⁵ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/mulher-e-assassinada-na-galeria-do-rock-em-sp>>. Acesso em: 14 set. 2013.

⁶ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mulher-morre-apos-ser-esfaqueada-na-galeria-do-rock-em-sp-9923230>>. Acesso em: 14 set. 2013.

A violência contra a mulher existe, e a cada dia a mídia divulga em telejornais os diversos tipos de violência que mulheres de diferentes classes e *status* social sofrem. O artigo 2 da Lei Maria da Penha 1.340/2006 diz:

Toda mulher, independente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

O estatuto considera que a violência contra a mulher está para além de uma lesão física, mas não deixa claro que aspectos linguísticos também podem ser uma forma de violência. No início dessa pesquisa, estávamos conversando com um advogado⁷ sobre a violência contra a mulher e perguntamos como a delegacia da mulher trata as denúncias de violência linguística ou injúria. O advogado deixou claro que a delegada registra nos autos do processo os atos de injúria, porém, durante a entrevista com a vítima, pergunta-se constantemente: “[...] *mas ele te bateu?*”. Esse relato não é exatamente uma crítica ao trabalho da delegada, pois entendemos que ela como mulher se compadece dos atos violentos que outras mulheres sofrem, mas é uma reflexão sobre o sistema legislativo que ainda não considera a violência linguística como algo que fere e que tem consequências tão cruéis como a violência física.

Fairclough (2005) salienta que há um discurso cultural que circula na sociedade sobre a mulher: “a mulher pode fazer qualquer coisa, mas sendo mulher”. Esse discurso mostra que as diferenças de gêneros não podem ser negadas e que conceitos como domínio, opressão e formas de dominação masculina precisam ser discutidos, pois de alguma forma esses conceitos podem incentivar o crescimento de diversas formas de violência.

Santos (2011), em sua tese de doutorado, pesquisou sobre a violência contra a mulher e cita que a intervenção psicológica em torno da violência da mulher desenvolveu-se bastante e que a psicologia buscou mecanismos para que a mulher pudesse relatar seu sofrimento após um ato de violência, e desenvolveu as intervenções baseadas no estresse pós-traumático. Porém, a violência nesse sentido é geralmente física. Já a tese de Daniel do Nascimento e Silva (2010) ressalta uma discussão importante sobre a violência linguística em diferentes desdobramentos: contra a mulher, contra o nordestino. Na mesma esteira do

⁷ Esse advogado é também um professor da IES onde trabalho. A conversa foi de caráter informal e a título de curiosidade sobre se na prática, a violência linguística é considerada. Não há registro documental dessa conversa.

pensamento de Daniel do Nascimento e Silva (ibidem), esse trabalho também trata da violência linguística, porém com enfoque no virtual, especificamente no gênero blog, e visa a analisar as postagens de dois blogs, que circulam na internet.

Moita Lopes (2006) ressalta que, para uma disciplina como a Linguística Aplicada falar a vida contemporânea, precisa-se considerar como implicação ética de pesquisa duas perspectivas: a prática, focando a multiplicidade de contextos sociais e situacionais; e os atores sociais que vivem tais contextos e situações. Aqui, nessa pesquisa, os interagentes serão considerados enquanto atores sociais que estão participando com seus comentários em um determinado gênero. É notório que ampliar o raio de visão para além da tela seria algo interessante, porém, no momento em que as interações acontecem, os atos de fala que ali são escritos são a única coisa que importa. O impacto, o retorno e os desdobramentos que esses atos fomentam são originários do que ali fora escrito, sendo que quem está do outro lado aparece metaforicamente falando, diluído nos atos proferidos. Em algumas circunstâncias, o gênero é um fator que implica determinadas reações. Portanto, pode-se considerar que, na mesma esteira de Moita Lopes, essa pesquisa busca abranger essas perspectivas, considerando como prática os atos de fala que são postados como *posts* e também em forma de comentário em um blog; o “outro”, nesse trabalho, significa os atos de fala que ali são proferidos e que acabam ridicularizando a imagem das mulheres.

Congruente ao arcabouço teórico, optamos por uma pesquisa qualitativa, exploratório e descritiva, em que o *corpus* da pesquisa serão as postagens e os comentários do blog *Testosterona e Acidez Feminina*. As postagens selecionadas são do período de 2012 e 2013, e são as que de alguma forma valorizam um discurso que violentam linguisticamente a mulher. Os critérios utilizados para decidir se um discurso é violento ou não, se pautam em atos de fala pejorativos, jocosos e irônicos que viola o corpo que é representado como “mulher”.

O capítulo 1 apresenta o referencial teórico e discute as questões de violência e violência linguística, considerando as questões de gênero; o capítulo 2 refere-se à metodologia e apresenta o percurso metodológico e a tentativa de articulação das categorias da polidez de Brown e Levinson (1987), Impolidez de Culpeper (1996) aos modos gerais e as estratégias típicas de construção simbólica segundo Thompson (2009), como instrumentais metodológicos para as análises dos *posts* e dos comentários. O capítulo 3 se refere às análises

e discussão dos *posts* e dos comentários selecionados, mostrando que a ideologia vivenciada por cada um se materializa em atos de fala polidos ou impolidos, sendo possível perceber essa articulação entre ideologia e (im)polidez.

Em um aspecto macro, esses atos de fala podem ser violentos e naturalizar um comportamento machista e violento contra a mulher. Essa naturalização faz parte da narrativização de atos de fala que circulam na sociedade ao longo dos anos, como reflexo de um discurso patriarcal. Apontamos, assim, para a necessidade de discussões sobre esse tipo de violência que, com a velocidade da internet e a difusão das redes sociais, tem um alcance cada vez maior, com consequências, em muitas situações, irreparáveis.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Violência

A violência humana, onipresente no cotidiano contemporâneo, ignora nossos esforços para mantê-la distante e invade nossas vidas das mais diversas maneiras (ALMEIDA 2010, p. 14).

A violência é parte da sociedade desde os primórdios da humanidade; a diferença é que em cada época ela se apresenta de formas e circunstâncias diferentes (LEVISKY, 2010). Fazendo uma viagem até o início da civilização, percebemos que a sociedade era organizada em grupos, as tarefas eram divididas, porém os papéis do homem e da mulher não eram delimitados como na sociedade atual. O homem era quem geralmente usava de violência como forma de sobrevivência – lutar, matar e morrer fazia parte de um contexto de busca por alimento ou por um espaço para viver. Em alguns contextos, a violência também era utilizada como imposição de chefia. O mais forte era o mais indicado para liderar o grupo. Ainda nesse contexto de pré-civilização, no âmbito da linguagem, eram os sons, grunhidos e gestos que sempre antecipavam os ataques e os embates entre os primitivos (ZALUAR, 2003).

Seguindo um pouco mais adiante, ao longo da história da evolução linguística e social, esse conceito de violência foi sendo ressignificado e ampliado em seu escopo de atuação. A violência não era apenas por sobrevivência ou por liderança, já que outros “motivos” passaram a fazer parte desse campo. Tais como: cargo político, carreira profissional, interesses financeiros etc. Chegando à sociedade moderna, a violência é sentida pelas pessoas, como um fenômeno social inquietante, cujo elemento estrutural é intrínseco ao fato social e não apenas aos resíduos de uma diacronia bárbara (PICKERING, 2010, p. 100). Em contextos atuais, pessoas tentam justificar atitudes de violência, como se isso fosse possível, deslocando a culpa para o outro. Algumas justificativas versam sobre honra (no caso de traição conjugal) ou discussões que tangem à dignidade de alguém; a justificativa pode ser ainda amor a Deus, desacordo comercial, discussão no trânsito ou algum tipo de conflito importante ou banal. O notório é que, normalmente, a linguagem perpassa todas as situações.

Em alguns contextos, dependendo da forma como os atos de fala são orientados, a performatividade desses atos podem ser de guerra ou paz. Isso significa que os atos de fala são fatores que podem decidir a vida ou o futuro de alguém, ou de uma nação. Considerando

essa complexidade de contextos, torna-se difícil eleger uma única definição para a violência *in loco*, pois não há um único conceito capaz de abordar toda a carga semântica que está intrínseca nesse termo. A possibilidade se resume a algumas possíveis definições. No dicionário Houaiss (2001), a violência se configura na “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspecto jurídico, é “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”. Para os direitos humanos, é toda violação dos direitos civis, políticos, econômicos, culturais e sociais.

Arblaster (1996, p. 803) afirma que “não existe uma definição consensual ou incontroversa de violência. O termo é potente demais para que isso seja possível”, porém Levisky (2010, p. 6) afirma que, em Rocha (1996), há uma boa concepção sobre violência, que citamos:

A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto.

A questão da “objetificação” do ser, mediante um ato violento, condiz com o pensamento de Butler (1997), quando diz que a violência coloca a vítima em um não lugar. É um deslocamento brusco, inesperado, que em muitas situações leva a consequências irreparáveis⁸. Como exemplo prático de que o conceito de violência pode ser complexo, citamos um fato vivenciado há quatro anos, quando estávamos em um grupo de quatro pessoas participando de uma pesquisa sobre violência. O tema gerou polêmica entre nós participantes, pois cada um tinha um argumento diferente para o que era “violência”: um dizia que era medo de morrer em assalto; outra que era os reflexos da relação entre uso de drogas, tráfico e problema sociais; outro afirmava que era a sensação de “prisão” que as pessoas viviam sem poder ir e vir; e nós citamos a mídia televisiva, sob a ótica de que é um veículo que pode disseminar a violência quando os comportamentos são naturalizados, em outras palavras, o dia a dia da vida que passa na TV passa a fazer parte do cotidiano como se fosse

⁸ O irreparável está relacionado com as diversas formas com que a vítima significa determinado ato violento.

algo comum e as pessoas acabam se acostumando a conviver com a violência, mesmo que ninguém consiga prever como se comportará diante de uma situação violenta. Nesse dia, ficou claro que todos os participantes citaram a violência como algo que causa dolo físico. É interessante que a verbalização das vivências de cada um sobre violência deixou alguns participantes com o tom de voz alterado e trêmulo. Esse tipo de reação pode ser entendido como um indício de que atos de fala causam algum tipo de impacto e as pessoas reagem, isto é, “a força da repetição e o corpo que quando fala transborda o que diz” (SILVA, 2010, p. 39).

A realização dessa pesquisa, no contexto atual, certamente indicaria o *bullying* como uma forma de violência. Abrindo um parêntese nessa discussão, é importante perceber que, quando falamos de violência (pois é o tópico da discussão), sempre virão na mente as vivências de cada um em determinado momento histórico-social, por isso que cada um pode traçar diferentes caminhos para conceituar ou falar de algo, ou seja, é o que está sendo vivido naquele momento. Silva (2010, p. 34) afirma, a esse respeito, que “a violência é um aspecto constituinte da relação que estabelecemos com o mundo em que a violência verbal e física são variavelmente constitutivas” – como o *bullying*, que é um ato preconceituoso que se inicia com palavras e atitudes hostis e que posteriormente pode, em última instância, matar. Para ilustrar, citamos o massacre que aconteceu há dois anos na escola em Realengo⁹, em que morreram 12 jovens. Embora exista um consenso de que o ex-aluno Wellington, de 23 anos, apresentava problemas sociopatológicos, não se sabe ao certo os fatores que podem ter desencadeado essa situação, porém, independentemente dessas respostas, é possível afirmar que a linguagem e a violência expostas pela mídia perpassaram todas as instâncias desse trágico evento. A justificativa do atirador, culpando um outro, para o massacre aconteceu através de uma carta. As redes sociais também eram utilizadas para compartilhar e fomentar os pensamentos que não expressava presencialmente.

Na teoria dos Atos de fala, Austin (1975) concebe que um ato de fala é uma forma de agir no mundo e que, quando falamos, “coisas acontecem”. Considerando o contingente de utilização e o grau de abrangência das ferramentas tecnológicas, “coisas acontecem” independentemente se a interação é face a face ou a distância. No início de sua teoria, Austin tinha uma visão de que os atos poderiam ser constativos ou performativos: os constativos eram o uso de sentenças para descrever algo e os performativos eram usados para realizar

⁹ Maiores informações disponíveis em: <<http://oglobo.globo.com/infograficos/massacre-realengo/>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

algo. Ex: “A criança está na escola” é um exemplo de constativo (que pode ser verdadeiro ou falso em relação ao fato que descreve); e “Eu lhe declaro culpado” é um exemplo de performativo, já que exprime uma ação, que pode ser feliz ou infeliz, na medida em que as condições para sua realização são cumpridas ou não (OLIVEIRA, 1996, p. 153).

Por outro prisma, Rajagopalan (2010, p. 15) considera que “Austin em algum momento de suas reflexões se deu conta da recursividade da própria noção de performatividade [...], pois no fim das contas tudo o que há são os enunciados performativos”. Essa questão é importante, pois todo enunciado produz, em diferente proporção, reação em seu interlocutor, significando que todo ato é performativo. “Quando Austin desfaz a distinção performativo-constativo, ele instaura um rompimento: a fala produz um ato que tem uma força e produz um efeito. A visão performativa surge na ruptura: o ato é percebido e por isso produz ação, ação do eu, do corpo”. (OTTONI, 1995, p. 89). Essa visão de ato de fala em uma visão performativa extrapola até mesmo o conceito de uma pragmática linguística e abre espaço para uma pragmática em uma visão mais plural mais cultural, em que indivíduo e cultura estão intrinsecamente ligados. Um bom exemplo da abrangência da performatividade dos atos de fala são as investigações que atualmente são deliberadas nas redes sociais em que os atos de fala funcionam como “explicadores” ou “pistas justificativas” para atos violentos. Nesse aspecto, Silva (2010, p. 37) afirma que “o espetáculo da violência física adquire nuances performativas, simbólicas e culturais”. Geralmente é na linguagem que toda forma violenta se inicia, e, simbolicamente falando, a violência linguística é equivalente à violência física.

Veena Das (1999, p. 37) ressalta que as variações diversas que decorrem do padrão de violência são explicitadas através de técnicas performativas que os participantes empregam para tornar público a violência e o conflito. E essa “habilidade de ‘falar a violência’ encontra-se nos recessos dessa cultura de encenar e contar histórias no interior dos domínios da família e do parentesco”. Nessa perspectiva, é que Thompson (2009) ressalta sobre os modos de operação da ideologia, a estratégia de narrativização em que são nas histórias cotidianas que os seres sociais recontam como o mundo se apresenta e reforçam a ordem aparente das coisas. A forma de renarrar esses eventos, que pode ser através do humor – como nas postagens do blog *Testosterona* – ou de fatos trágicos – nesse contexto de

Realengo, naturalizam formas diversas de violência. Pode-se assim dizer que se constrói uma narrativa da violência, que é castradora, fomentada pela constante sensação de medo¹⁰.

A violência faz parte do campo da subjetividade e é construída linguisticamente nesse campo das subjetivações. Dessa forma, cada indivíduo tem uma experiência diferente sobre violência e tem sua forma particular de vivê-la e expressá-la, como as mulheres e crianças, por exemplo, no contexto de violência doméstica. Meyers (apud MATOS, 2006, p.105) acrescenta que:

[...] as próprias notícias veiculadas pelos mass media acerca do fenômeno da violência, na maioria das vezes são o produto de uma perspectiva masculina, contribuindo para perpetuar estereótipos e mitos acerca do papel da mulher e para minimizar as suas necessidades e preocupações, reforçando a sua continuada vitimação.

Nessa citação, aparece a perspectiva de naturalização da violência que citamos anteriormente sobre a TV, ou seja, a veiculação midiática da violência pode, em situações de contato com diferentes interagentes, interferir na experiência de violência de cada um, proporcionando um sentimento negativo ou de aceitação de sua natureza vitimada de mulher.

Nessa perspectiva, é importante discutir não especificamente sobre os tipos de violência, mas sobre o polo primeiro da violência que é a violência linguística, considerando as questões de gênero.

¹⁰ O medo, explica Luiz Fábio Paiva, do Laboratório de Estudo da Violência da Universidade Federal do Ceará (LEV/UFC), não está ligado apenas a uma experiência objetiva dos cidadãos com assaltos, sequestros, assassinatos etc. O medo e sua inserção cultural têm uma dimensão mais “sutil” e se reproduzem por meio da narração dos fatos, seja no universo científico, nos dados oficiais, na imprensa, no boato. No livro *Rumeurs et Legendes Urbaines (Boatos e Lendas Urbanas)*, inédito no Brasil), o sociólogo francês Jean-Bruno Renard, da Universidade Paul Valéry, indica um dado curioso: nove entre dez boatos são relativos, mais ou menos, à violência; de sequestros de crianças em shoppings centers a seringas contaminadas com vírus da aids em poltronas de cinema. A diferença entre a criminalidade e a sensação de insegurança é o terreno fértil onde se desenvolve o imaginário da violência. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/violencia-simbolica-e-producao-do-medo-coletivo-alteram-qualidade-de-vida-das-pessoas-e-os-p>>. Acesso em: 14 set. 2013.

1.2 Gênero feminino

*De que vale ter voz
se só quando não falo é que me entendem?
De que vale acordar
se o que vivo é menos do que o que sonhei?
Mia Couto*

Tratar as concepções de gênero, no que se refere às questões que envolvem homem/mulher, não é uma empreitada simples. Pinto (2007) ressalta que a palavra gênero tem origem na cultura americana e é conhecida entre os estudiosos da linguagem como uma categoria morfológica de classificação. As identidades de gênero e suas configurações culturais hegemônicas homem/mulher são performatizadas e, assim, naturalizadas pela linguagem através de repetidos atos de fala. Desse modo, podemos entender que, sendo o sexo um efeito perlocucionário do gênero, o gênero seria também um efeito de atos de fala ritualizados, que podem ser realizados violentamente e dissimulados de forma ideológica, uma vez que são naturalizados nos diversos discursos tradicionais que apresentam as identidades tradicionais de gênero masculinas e femininas como reais, naturais, binárias e hierarquizadas. Como exemplo citamos o comentário¹¹ abaixo:

TA EXPLICADO O PORQUE UMAS SÃO FELIZES E OUTRAS NÃO.....
MULHERES, LIBEREM O (_* _) PRA GENTE.....
Responder · 8 · Curtir · 23 de outubro de 2012 às 08:29

Esse comentário ilustra como os atos de fala naturalizam o discurso tradicional que apresenta a identidade tradicional de gênero feminina como serviçal sexual. Estes atos ritualizam o corpo feminino como um objeto através de um discurso hegemônico que circula em diversos gêneros. Tal discurso tradicional é repetido ao longo do tempo até mesmo por mulheres.

Heilborn (1990, p. 40) mostra que gênero trata-se de “uma aceção do emprego de desinências diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes ou ainda coisas sexuadas”. Na afirmação de Heibom, o gênero é uma forma de qualificação, de diferenciação, que se sustenta por um fator biológico entre macho e fêmea. Em nosso ponto de vista, dizer

¹¹ Esse comentário será analisado no capítulo 3.

que o campo semântico da palavra evoluiu e passou a significar a distinção entre atributos culturais inerentes a cada um dos sexos seria, na prática, um contrassenso, pois, desde o início das organizações sociais, o fator biológico era o que determinava uma cultura de diferenças e sempre foi um indicador das posições sociais que poderiam ser ocupadas por cada sexo. Rosaldo e Lamphere (1979) apontam para um discurso que circula de modo naturalizado em nossa sociedade a partir do qual a mulher, apesar da sua influência social, é vista como ocupando uma posição secundária na sociedade. Em relação ao homem, com mesma idade e mesmo *status* social, ela precisa de um poder que seja reconhecido e valorizado culturalmente. As autoras afirmam ainda que, na esfera natureza e cultura, as mulheres têm o status derivado de suas funções biológicas e de seu estágio no ciclo de vida que são de ordem natural, como: dar a luz, alimentar, cozinhar, cuidar dos filhos, limpar etc. Os homens, por sua vez, pertencem a uma esfera diferenciada, em suas relações institucionalizadas da família, política, entre outros, ocupando um papel social que define a organização pública como se os homens fossem responsáveis pela ordem. As diferenças de gênero resistem ao tempo e às mudanças na sociedade, e, a cada dia, se reafirmam através de narrativas que territorializam o homem como um ser superior à mulher.

Nesse aspecto, Rubin (1975, p. 165), em seus estudos, afirma que toda a sociedade tem um sistema sexo/gênero e que esse sistema é um “jogo de preparativos cujo material biológico cru do sexo humano e procriação é formado pela intervenção humana, social e satisfeita através da maneira convencional, não importa quão bizarra algumas convenções sejam”. Rubin (*ibidem*) considera que os sistemas sexo/gênero são um conjunto de práticas, valores sociais, normas, representações e símbolos¹² que as sociedades elaboram a partir da diferença sexual e que emprestam sentidos e significados ao cumprimento de papéis sociais vivenciados na sociedade. Essas questões de gênero ressaltadas por Rubin reforçam fatores que contribuem para a acomodação da violência simbólica. Segundo Freitas (online), a

¹² Noções culturais sobre as mulheres, frequentemente, giram em torno de características biológicas. A simbologia gira em torno de diferentes papéis, como esposas, mães, parteiras, freiras, bruxas ou prostitutas, que são definidos basicamente em torno de suas funções sexuais. Uma bruxa, na tradição europeia, é uma mulher que dorme com o diabo e uma freira é uma mulher que casa com seu Deus. Além disso, pureza e profanação são ideias aplicadas principalmente às mulheres que precisavam negar seus corpos ou circunscrever sua sexualidade perigosa. Cf. Rosaldo e Lamphere (1979, p. 48).

violência simbólica é tão cruel quanto a violência física na produção do medo coletivo. É mais um índice na estatística da indústria da violência¹³.

Rubin mostra que “o sexo é uma distinção física; o gênero é social e cultural. Embora o gênero masculino ou feminino esteja normalmente associado com o sexo masculino ou feminino, esta não é uma correlação absoluta”. Na mesma esteira, Macêdo (2003) afirma que o gênero é apreendido socialmente e varia de época e de uma sociedade para outra, e que fatores como a moda e as relações desiguais de poder elucidam as singularidades de gênero de cada povo. Nesse processo construtivo, permanente, todos os seres sociais operam reforçando ou desestabilizando certos comportamentos “designados” para garotos e garotas, em que as instituições ligadas à família, à escola, à mídia têm a função de formar, transmitir valores, modelos e estereótipos ligados ao gênero.

Essa correlação vem da constituição da família na época patriarcal, em que a mulher era criada para ser mãe e o homem era ensinado para ser pai e chefe de família. Jurandir Freire da Costa (2004, p. 252) mostra que:

Historicamente, a redução da mulher ao papel de mãe e esposa devotada representou esse compromisso entre o pai e o poder médico. O homem, expropriado de terras, bens e escravos, através da higiene, colocou suas genitais à serviço do Estado. Em contrapartida foi-lhe dado o direito de concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes da propriedade. A esposa passou a ser sua única propriedade privada. De propriedade jurídico-religiosa, a mulher passou a propriedade higiênico-amorosa do homem.

Nesse aspecto, o machismo era o que regulava não só a conduta sexual do homem, mas sua conduta política. A violência era uma reação do homem nos momentos que sentia sua masculinidade ameaçada. As diferenças sociais entre gêneros na sociedade primitiva colonial, em partes, foram refinadas e cultivadas pela higiene. Costa (2004, p. 14) afirma que:

[...] os higienistas colaboraram no processo de hierarquização social da inteligência, criando a idéia de que o indivíduo ‘culto’ era superior ao ‘inculto’ e difundiram o preconceito de que o cérebro do homem capacitava-o para as profissões intelectuais, enquanto o da mulher só lhe permitia exercer atividades domésticas.

¹³ A indústria da violência tem uma das maiores fatias do PIBs (Produto Interno Bruto) nacionais. Mundialmente, é o terceiro. Tanto as indústrias da segurança no que concerne às armas e ao narcotráfico, quanto, sobretudo, a indústria de segurança privada. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/violencia-simbolica-e-producao-do-medo-coletivo-alteram-qualidade-de-vida-das-pessoas-e-os-p>> Acesso em: 14 set. 2013.

Os médicos faziam parte da convivência das famílias, eles conheciam os pormenores de cada casa que visitavam e o papel de cada membro na sociedade colonial. Entendiam que a mulher era mais frágil fisicamente que o homem, corroborando para a fixação do estereótipo sobre a personalidade feminina, como algo que fosse originário dessa fragilidade e debilidade moral de cada uma delas. Além disso, a estrutura familiar funcionava como um sistema piramidal em que o pai ocupava a posição no topo e os outros membros da família ligavam-se ao pai de modo passivo. O pai era o representante da família em todas as instâncias, era de quem partia toda a iniciativa concernente à economia, moral, religião, sexo etc. Também era o pai que decidia as escolhas e o futuro de cada membro da família de acordo com sua soberana vontade. Os higienicistas da época não ficavam sempre alheios às atitudes do patriarca colonial, os médicos combatiam os abusos dos homens ricos, que com o dinheiro compravam o corpo das mulheres de tenra idade, comprometendo a saúde física dessas moças (COSTA, 2004, p. 225).

Os fatores históricos que fizeram parte da vida de homens e mulheres desde o início da constituição familiar influenciam as relações sociais dos dias de hoje. A grande complexidade que envolve as questões de gênero acabou por gerar, em muitos casos, um sistema de condutas estereotipadas para o masculino e o feminino, desencadeando expectativas mais ou menos rígidas sobre os desempenhos de gênero (ex: o dever de resignação feminina, a autoridade esperada do masculino) a que parecem aderir não só agressores, mas também algumas vítimas e a própria sociedade (MATOS, 2006, p. 105). Aqui essa tripartição, agressores, vítimas e sociedade, se refere aos atores sociais que estão envolvidos entre as questões de gênero e violência, como discutimos no tópico anterior sobre 'violência'. Esses pontos são aqui levantados, pois, ainda na sociedade atual, globalizada e 'evoluída', as práticas de violência contra a mulher continuam sendo algo que decidem se uma mulher deve viver ou morrer.

Lobo (1991, p.187) ressalta que a cultura de que a mulher pertence ao sexo frágil é um aspecto do gênero como categoria analítica e está relacionada com a teoria do patriarcado. Por outro lado, Saffioti (2002) diz que esse conceito de gênero é mais ideológico do que de patriarcado, pois esse conceito de patriarcado foi utilizado por feministas no final da década de 1960 e 1970 a fim de denunciar a dominação masculina e analisar a hierarquia entre o homem e a mulher. Para a autora, o patriarcado em sentido amplo é visto como um

sistema masculino de opressão contra as mulheres, sustentado por uma economia doméstica organizada, na qual as mulheres são objetos de satisfação sexual dos homens, reprodutoras.

Diz a autora:

O sistema patriarcal para dar conta do sistema de dominação-exploração-opressão, nas relações de gênero, argumenta que esta categoria trata: de uma relação civil e não privada; possibilitada de direitos sexuais dos homens sobre as mulheres quase sem restrições; configura um tipo hierárquico de relação que aparece em todos os espaços da sociedade; tem uma base material; corporifica-se; representa uma estrutura de poder alicerçada tanto na ideologia quanto na violência. (SAFFIOTI 2002, p. 24)

Celmer (2010, p. 77) salienta que a violência contra o gênero feminino pode ser identificada em três correntes: a da dominação masculina, a da dominação patriarcal e a relacional. A primeira se refere à dominação do homem sobre a mulher, que se configura na anulação da mulher colocando-a em posição tanto de vítima quanto de cúmplice dessa dominação. É um tipo de ideologia que é reproduzida tanto por homens quanto por mulheres, resultando em categorias hierarquizadas de desigualdades. A segunda, patriarcal, é “contaminada” pela perspectiva feminista e marxista, em que a mulher é percebida como um sujeito social autônomo, porém historicamente é dominada pelo “social masculino”. A relacional trabalha tentando “relativizar as noções de dominação masculina e vitimização feminina, concebendo que a violência é uma forma de comunicação: um jogo no qual a mulher não é vítima, mas participante”. No que diz respeito à violência e à comunicabilidade¹⁴, Silva (2010, p. 34) levanta uma discussão no sentido de que “a ideologia na forma de textos encontra sua audiência e as posiciona socialmente/policamente”. Em outras palavras, os textos que circulam na sociedade projetam modos de compreensão do mundo. Silva (ibidem) afirma ainda que “certos pontos de vista são mapeados como possíveis, necessários e naturais, enquanto outros são negados ou elididos”. Por exemplo, alguns comentários no blog que violentam linguisticamente a mulher acabam sendo aceitos pela frequência com que circulam em textos na sociedade, como abaixo:

TA EXPLICADO O PORQUE UMAS SÃO FELIZES E OUTRAS NÃO.....
 MULHERES, LIBEREM O (_ * _) PRA GENTE.....
 Responder · 2 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 13:29

¹⁴ A circulação dos discursos na sociedade é um dos pontos que permite que a comunicabilidade aconteça nos diversos contextos interativos.

Esse comentário sobre o *post*: “O que toda mulher precisa saber sobre relacionamento”, que será analisado no capítulo 3, é aceito como natural. Já o comentário de um corpo que se inscreve como mulher sobre o mesmo *post*.

Rondônia

Tosco!

Responder ·  4 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 15:12

É repudiado por outro corpo que também se inscreve como mulher, como abaixo:

Danielle, nao é te tirando, mas vc entra num blog intitulado "testosterona" e acha ruim um poster machista?? hueheuheuheue

Responder ·  64 · Curtir · 27 de outubro de 2012 às 13:41

A quantidade de curtidas que cada comentário recebeu é um indicador do que estamos discutindo. O fato de ser aceito ou não está intimamente ligado às questões de gênero e nesse exemplo o contexto “blog machista” também é um complicador. É como se fosse um território legitimado para esse tipo de discurso. Sobre o discurso feminino que se opõe ao “tosco” proferido por outra mulher, Butler (1998) ressalta que esse “eu” que fala é o ponto de transferência de uma repetição de um “eu” que é situado, constituído por posições, que “não são produtos teóricos, mas princípios organizados embutidos em práticas materiais e arranjos institucionais, como matrizes de poder e discurso que produzem um sujeito viável”. Nesse exemplo, o discurso na relação entre “eu” e “posição” funciona como instrumento para excluir a mulher, provocando um apagamento que embasa a conexão do “eu” emancipatório.

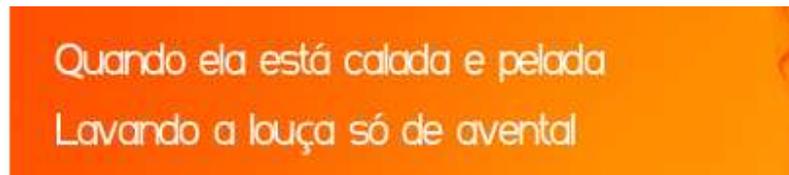
Nesse aspecto, Scott (1986) defende uma visão crítica sobre o gênero, ela faz uma crítica sobre a tentativa reducionista de delimitar o gênero a algo relativo às diferenças entre os sexos que não consideram os aspectos ideológicos, culturais e psicológicos. A autora (ibidem, p. 1067) ressalta que “gênero é um elemento constitutivo da relação social baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é a forma primária de dar significado às relações de poder¹⁵”. Segundo Scott (1986, p. 1068), gênero envolve ainda quatro elementos inter-relacionados: a) símbolos culturalmente disponíveis que evoquem múltiplas e (às vezes) contraditórias representações, por exemplo Eva e Maria como representações de mulher; b) conceitos normativos que estabelecem os significados dos símbolos que tentam limitar e

¹⁵ Tanto essa como todas as outras traduções desse texto são livres. Texto original: “Gender is a constitutive element of social relationship based on perceived differences the sexes; gender is a primary way of signifying relationship of power” (SCOTT 1986, p. 1067).

conter suas possibilidades metafóricas e estão presentes na religião, educação, ciência, âmbito jurídico e doutrinas políticas, afirmando as diferenças entre homem e mulher, masculino e feminino; c) a necessidade de valorizar uma visão ampla sobre os pilares que fundamentam a organização social que não é apenas o parentesco, mas que se refere também à complexa sociedade moderna, tendo-se de levar em conta mercado de trabalho, educação e política, já que essas instâncias operam independentemente de laços de sangue ou afinidade; d) os aspectos biológicos e culturais, no que se refere às identidades (masculinas e femininas), observando as formas em que as identidades de gênero são substancialmente construídas e relacionando suas descobertas com a variedade de atividades, organizações sociais e com as representações culturais particulares. Sobre a teoria de gênero, Pinto (2007) se posiciona problematizando a ideia de uma organização em torno do sexo e afirma que:

Ainda que a anatomia seja um componente importante a ser analisado, deve-se levar em consideração antes de mais nada que gênero é uma estilização do corpo. Não a anatomia, mas os atos de fala que se organizam em torno desta. O termo 'estilizações' permite suspender o problema das "coisas" que estão representadas nas expressões lingüísticas (por exemplo, "o sexo"), e passar aos atos que são realizados pelo corpo que fala no estabelecimento, criação, recriação e eventual subversão das relações de poder. O termo *stylization*, utilizado por Butler (1999: 43-44) para definir gênero, é uma nominalização do verbo *stylize*, cuja melhor tradução seria *fazer conformar a um dado estilo* ou *tornar convencional*. Esse termo, portanto, tem menos a ver com estilo subjetivo (como no uso em português de 'estudos estilísticos'), e muito mais com a repetição de normas sociais rígidas para convencionar práticas e comportamentos sociais.

Seguindo o pensamento de Pinto (ibidem) e considerando as postagens dos blogs, em foco nessa pesquisa, é possível inferir que os atos de fala que circulam ali estilizam um tipo de mulher que não é a mulher nem de hoje e nem de ontem. Em outras palavras, não há o intuito de trazer de volta nem a mulher do período patriarcal, pois, se assim fosse, o homem só teria acesso a ela mediante um acordo nupcial; nem a mulher moderna, que tem um perfil mais independente e menos matriarcal do lar. Porém, o que percebemos é que se inscreve uma tentativa de implementar uma mescla dessas mulheres tão diferentes, ou seja, uma serva linda, gostosa e “nua” a serviço do homem. Aqui não se estabelece uma generalização de que todos os homens agem preconceituosamente, mas é audível o discurso machista que ecoa na sociedade. Por exemplo, os discursos que circulam no blog inferem que a mulher fala demais, que precisa ser submissa, e apresentam a mulher como objeto doméstico de prazer. O excerto abaixo é um bom exemplo.



Fonte: <<http://www.testosterona.blog.br/2013/09/10/14-situacoes-em-que-as-mulheres- ficam-sexy/>>

Esses atos de fala não deixam de tentar naturalizar estereótipos sobre a mulher e, no aspecto macro, algum tipo de violência linguística ou física. Mais do que naturalizar estereótipos sobre a mulher, esse enunciado valoriza determinadas características que seriam próprias das mulheres em detrimento de outras características que seriam propriamente masculinas, estabelecendo, assim, um controle sobre os gêneros, que conforma o feminino e o masculino a uma determinada forma. Temos aqui o que Butler (1999, p. 43) chama de “*stylization*”, termo usado pela feminista para referir-se ao modo como as identidades de gênero são constituídas. Assim estilizações de gênero corresponderiam às diversas performances a partir das quais atos de fala tornam determinados modos de ser convencionais, através de discursos a respeito das diferenças sexuais previamente dadas, tomadas como naturais e, por isso mesmo incontestáveis. Desse modo, a noção trabalhada por Butler de gênero como um efeito da performatividade da linguagem nos mostra a violência de se apresentar a distinção binária homem/mulher de modo hierarquizado, como uma realidade biológica já dada (BUTLER, 1999), naturalizada por operacionalizações ideológicas cruéis.

Dráuzio Varella, em um estudo sobre a tagarelice feminina¹⁶, alerta para uma posição frequentemente comum de que “os homens, convencidos de que o sexo oposto faz uso abusivo da palavra, precisam admitir que podem estar enganados. Não existe base científica para essa afirmação”. E mesmo assim, o senso comum sustenta um discurso de que a mulher sempre fala demais e acaba irritando o marido ou namorado, como uma forma de justificar algum tipo de violência, como já discutimos anteriormente no tópico sobre violência. Matos (2006, p. 101) ressalta que:

Também no Brasil alguns trabalhos documentam a ampla tolerância cultural que recebe a violência contra a mulher. Por exemplo, um estudo qualitativo com homens conclui que o fenômeno é entendido não só como frequente, mas também como justificado em determinadas situações.

Conceber que há justificativa para algum tipo de violência é compactuar com a violência que se naturaliza em uma sociedade em que o poder judiciário está entre a esperança

¹⁶ Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/mulher-2/tagarelice-feminina/>> Acesso em: 13 nov. 2012.

e o descrédito¹⁷. Por outro lado, é importante ressaltar o pronunciamento da deputada Elcione Barbalho, no dia 15 de agosto de 2013, sobre a criação de um banco de dados para acompanhar projetos relacionados às questões de gênero¹⁸, bem como o projeto THEMIS¹⁹ (Gênero, Justiça e Direitos Humanos), que foi criado no Rio Grande do Sul, por advogadas e cientistas sociais no ano de 1993, a fim de enfrentar a discriminação contra as mulheres no sistema de justiça. O projeto se baseia em três estratégias: fortalecer o conhecimento que as mulheres tinham dos seus direitos, capacitando lideranças comunitárias em direito fundamental e organização do Estado e justiça, através do projeto “Promotoras Legais Populares”; dialogar com autarquias do direito, através de *workshops* no intuito de propor novas abordagens para o uso do direito para as questões de gênero; e advogar em casos estratégicos para proteger e alavancar direitos das mulheres na esfera nacional e internacional. Esse grupo participou do consórcio que discutiu e propôs a Lei Maria da Penha. Essas duas ações são relevantes para mostrar que algo está sendo feito em prol dos direitos femininos, porém, a partir de pesquisas em todo o site do projeto, não encontramos algo que se referisse à violência linguística. As discussões como um todo se circunscrevem ao universo da violência física. Pensamos, em uma perspectiva futura, que nosso trabalho possa de forma significativa dialogar com as cientistas sociais do projeto THEMIS, no intuito de que as nuances da violência linguística sejam problematizadas. Bourdieu (2002, p. 3-4) ressalta ainda outra faceta da violência, que citamos:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento.

Sobre a violência simbólica²⁰, Celmer (2010, p. 75) afirma que, mesmo que uma mulher jamais tenha sofrido algum tipo de agressão física, provavelmente já sofreu algum tipo

¹⁷ Disponível em: <<http://naopassarao.blogspot.com.br/2012/04/poder-judiciario-entre-esperanca-e-o.html>>. Acesso em: 08 out. /2013.

¹⁸ Disponível em: <<http://misealbrasil.wordpress.com/2013/08/15/procuradoria-da-mulher-lanca-banco-de-dados-para-acompanhar-projetos-sobre-genero/>>. Acesso em: 22 set. 2013.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.themis.org.br/>>. Acesso em: 21 set. 2013.

²⁰ Silva (2010, p. 100) mostra que a violência simbólica fere o corpo (suas palavras foram uma punhalada em meu peito). Ele cita Freitas (2006) sobre violência simbólica: “Chamamos de violência simbólica ou violência doce os modos de sentir e de pensar que reproduzem e legitimam, na prática, valores classificatórios sobre o outro sem que sejam percebidos como tais. Nesse sentido, há formas de dominação cristalizadas que se

de violência simbólica. Ela cita como exemplo desse tipo de violência o estabelecimento de tarefas domésticas a serem executadas exclusivamente por mulheres; ou, no mercado de trabalho, quando os homens são privilegiados ao assumirem alguns cargos e receberem melhores salários ao desempenharem a mesma função de uma mulher. Nesse aspecto, Bourdieu (2002) ressalta a proximidade entre dominação e violência, considerando que a violência pode se manifestar de diversas maneiras, como a linguística, por exemplo, que é o que discutiremos no próximo tópico.

1.3 Violência Linguística

Te ataco con un dilema que no te esperas
 Contra atacas con un conflicto abierto
 Te lanzo una mirada llena de paradoja
 Me gritas una metáfora tras otra
 Te doy una bofetada simbólica
 Me haces chantaje con una comparación odiosa
 Te amenazo con total falta de estilo
 Lo habrás querido
 Nos veremos en los tribunales
 Tus palabras contra las mias²¹
 Irène (2009, online)

Partindo desse poema de Irène, iniciamos esse tópico sobre a violência linguística, percebendo que ela pode ser vista como uma forma primeira da violência, pois em muitas situações é através da linguagem que a violência física e moral se realizam. Segundo Neuman (2004), “a Violência Linguística (VL) consiste nisso: na disseminação de conceitos que, subliminarmente, ajudam a manter as coisas como elas são e onde os papéis de gênero sempre foram. É a refinada e paradoxal variante do machismo contemporâneo²²”.

reproduzem quase inconscientemente na sociedade assumindo posição de verdades naturais que se impõem de forma irrefletida”.

²¹ Disponível em: <<http://ladywriter62.blogspot.com.br/2009/11/violencia-linguistica.html>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

²² Texto original: “La Violencia Linguística o VL consistiría en eso: en la divulgación de conceptos que, de forma subliminal, contribuyen a mantener las cosas como están y los roles de género donde siempre estuvieron. Refinada y paradójica variante del machismo contemporáneo”.

Butler (1997, p. 4) ressalta que palavras ferem e que a linguagem atua paralelamente entre a dor e a injúria. O ato de fala violento dentro de uma comunidade de falantes pode significar colocar alguém em um não lugar, já que um certo tipo de “sobrevivência” acontece na linguagem. Essa sobrevivência se refere à ideia de que fazemos coisas com as palavras. Isso significa que o ato de falar é muito mais do que expressar uma opinião ou um pensamento: é também uma forma de construção de um sujeito social. Esse pensamento é congruente com a perspectiva austiana de que o sujeito é quem constitui a linguagem e também é derivado dela. Essa é uma das razões de considerar que o que é postado na internet ou nas redes sociais provocam algum tipo de reação na produção e no consumo de bens culturais. Butler (1997, p. 17) enfatiza que, no ato perlocucionário de Austin, algumas consequências podem ser não intencionais, como quando o participante oferece um insulto não intencional. Dessa maneira, Austin sugere que o ato de injúria não é inerente às convenções que um determinado ato de fala invoca, mas à consequência específica que esse ato de fala produz.

Seguindo a linha de pensamento de Austin, podemos considerar que não ter intenção de ofender ou de produzir um ato violento não é suficiente para impedir que o interlocutor se ofenda com um determinado ato, como piadas pornográficas. Butler (ibidem, p.18) argumenta que a pornografia se configura como um tipo de ato violento, e que sua força performativa é descrita como ilocucionária, pois contribui para a constituição social de quem o ato se refere. Em outras palavras, o ouvinte é situado imóvel e em uma relação hierárquica como o outro. Devido à posição social que o interlocutor ocupa, ele ou ela é ofendido(a) como consequência do ato proferido. De acordo com essa visão, tal ato reinvoca e reinscreve uma relação estrutural de dominação e constitui a ocasião linguística para a reconstituição de uma estrutura de dominação.

A pornografia é conduzida como uma sentença performativa e é entendida não apenas como um “agir sobre as mulheres” de forma violenta (reivindicação perlocucionária), mas para constituir através da representação a classe de mulheres como uma classe inferior (uma reivindicação ilocucionária) (BUTLER, 1997, p. 21). De fato, a construção da pornografia como ato de fala performativo é uma forma de orientação injuriosa de

representação²³ e de aumento do poder de intervenção sobre a representação gráfica sexual. Essa representação gráfica se refere ao masculino e feminino, e coloca em muitas situações a mulher como objeto de prazer, que indiretamente significa um padrão de beleza “idealizado” socialmente que não inclui todo tipo de mulher, ou seja, no perfil atual se encaixam as magras que tenham seios grandes e nádegas avantajadas.

O padrão de mulher que é “pregado” em alguns blogs machistas deixam claro através das postagens que ela precisa ser bonita, submissa e prendada nos afazeres domésticos para satisfazer os desejos dos maridos ou parceiros. Esse tipo de discurso que circula nos dias atuais não deixa de ser um discurso patriarcal, que sutilmente procura naturalizar um padrão de mulher, mesmo que esse discurso em alguns contextos seja intitulado como uma “simples brincadeira”. O fato de ser irônico não significa que não seja um discurso violento, que toma forma e vida através da linguagem.

Em seu trabalho, Silva (2010, p. 129) discute uma questão importante que queremos compartilhar aqui, sobre a performatividade da fala da violência²⁴, em outras palavras, sobre os diversos *falares* sobre violência que organizam, moldam e dão outro sentido às interações sociais. Como reflexo, esses falares mudam a forma de como as pessoas interagem com o que é ou não um ato linguístico violento. Uma imagem pode configurar como um ato linguístico violento; por exemplo, no blog *Testosterona*, o apelo imagético constitui um estereótipo de mulher que não condiz com a realidade de muitas mulheres, como na imagem abaixo:



Fonte: <<http://www.testosterona.blog.br/2013/01/22/pegar-mulher-e-tao-facil-que/>>

²³ Butler ainda fala de uma teoria da representação, que para ela é de fato uma teoria da performatividade que difere em cada caso, e que de fato a fala pode incitar certos tipos de atos, inclusive os violentos ou preconceituosos.

²⁴ Teresa Caldeira (2000, 2003) cunha o termo *fala do crime*, porém esse termo que fala da violência é ressignificado por Silva (2010).

Esse tipo de estereótipo para o feminino pode incitar no homem o desejo de se relacionar com uma mulher que tenha um peito como esse e na mulher o de alcançar isso como um modelo. Um fato que comprova é o número cada vez maior de mulheres que fazem intervenções cirúrgicas²⁵ com o intuito de ter uma “melhor aparência”. A estatística é crescente e incentivada não apenas por uma interpelação machista, mas também pela indústria da estética, da moda e da publicidade.

A mulher conquistou muitos espaços no âmbito político, econômico e social, mas, por outro lado, apenas acumulou mais funções, pois ainda é a principal responsável pela sua tarefa primitiva, que é ser mãe e cuidar da casa. Percebemos que essa questão perdura através do discurso. Um bom exemplo citamos abaixo:



Fonte: <<http://www.testosterona.blog.br/2013/08/17/mulher-maravilha-depois-do-expediente/>>

Essa “brincadeira” acontece utilizando os personagens “Mulher Maravilha” e “Super-Homem”, que fazem parte do conhecimento de praticamente qualquer ser social ocidental. Esses personagens no imaginário das pessoas são construídos como ícones de “perfeição” e de “bom exemplo”. O Super-Homem é o mais forte dos super heróis e a Mulher Maravilha é a mais poderosa das heroínas. Nesse contexto da postagem, eles aparecem como casados, em que ambos têm a mesma profissão de combater o crime e salvar o mundo. O foco

²⁵ Ver reportagem sobre em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/revista/implante-de-silicone-para-fins-esteticos-lidera-o-ranking-de-cirurgias>>. Acesso em: 17 set. 2013.

dessa postagem é a Mulher Maravilha, que é apresentada em seis miniquadrinhos agindo em diferentes situações ajudando pessoas; já no quadro maior ela aparece em casa, fazendo comida e cuidando do filho enquanto o Super-Homem aparece no fundo da imagem relaxando, lendo um livro e pedindo uma cerveja. O que é possível inferir a partir dessa construção imagética? Primeiro, é um texto ideologicamente pensado, com a escolha dos personagens, a sequência dialógica; segundo, é a forma como é retratada a Mulher Maravilha: uma mulher socialmente importante, que dentro de casa aparece desempenhando funções primárias designadas à mulher.

Costa (2004) ressalta que a superposição “estar-serviço”, na sociedade patriarcal, acontecia em qualquer classe social, e a função feminina não ia além de serviços de casa e filhos, independentemente de ser rica ou pobre. A distinção social do masculino e do feminino cristalizou de certa forma as funções da mulher e do homem. Costa (ibidem, p. 82) ainda ressalta que a constituição moral da mulher “resulta da fraqueza inata de seus órgãos, tudo é subordinado à esse princípio, pois a natureza quis criar a mulher inferior ao homem”. É notório que nos dias de hoje algumas construções familiares são diferentes, a mulher trabalha fora e o marido cuida da casa, porém o preconceito nesse sentido é grande e em algumas situações mulheres preferem não conviver com o estereótipo de que “sustentam o marido”, ou, por outro lado, se a mulher detém o poderio financeiro e as decisões são tomadas por ela, nem sempre o homem é capaz de conviver com isso.

Em uma visão macro, a constituição familiar ainda permanece no modelo que o homem é responsável por manter a casa e a mulher pode até desempenhar outras funções, porém sem abdicar dos serviços domésticos. Os discursos disponíveis na sociedade possuem uma metapragmática²⁶ (SILVA, 2010, p.133), são narrados e renarrados, e são constituintes da sociedade, pois, uma vez proferidos, reforçam, incitam comportamentos. Por exemplo:

²⁶ Silva (2010, p. 117) utiliza o termo metapragmática na perspectiva da Antropologia Linguística (Silverstein, 2003; Briggs, 2007; Signorini, 2008). Silva afirma que não se trata de ir além da pragmática, pois isso seria impossível, mas de se debruçar, na interação, sobre a pragmática da interação mesma. Os usuários da língua estão constantemente falando sobre o próprio dizer e sobre os modos como se usa esse dizer. Pragmática e metapragmática são indissociáveis: “a pragmática, o modo como os signos são posicionados no mundo, anda de mãos dadas com a metapragmática, o modo como os signos representam o seu próprio estar-no-mundo”(BRIGGS, 2007: 332).



Fonte: <<http://www.testosterona.blog.br/2012/11/08/ivete-sangalo-mulher-exemplar/>>

A postagem citada “Ivete Sangalo, mulher exemplar”, é uma postagem baseada em um trecho de um ato de fala proferido por Ivete no programa do Jô. Parece uma simples brincadeira, porém há uma construção ideológica para mostrar que Ivete, segundo o site G1, a melhor cantora do Brasil, ganhadora do Prêmio Multishow 2013 ²⁷ é uma mulher que gosta de cuidar de sua casa. Em outras palavras, “mulheres, trabalhem fora, mas a responsabilidade do lar é de vocês”. Esse discurso também é uma forma de combater a luta de que dentro de casa as tarefas entre homem e mulher precisam ser divididas. Na perspectiva da metapragmática cada vez que discursos como esse são narrados, ideologicamente falando, dão a ideia que as coisas são “dessa forma”. A mulher vai para o mercado de trabalho sabendo que as responsabilidades do lar ainda são dela. A ideia de que a mulher é inferior ao homem é fomentador de práticas preconceituosas e violentas.

Silva (2010, p.137) ressalta que a violência da linguagem, na perspectiva de Butler (1997), está em palavras injuriosas e que as piadas, os discursos humorísticos, são a reprodução de um ato de fala gerado em algum outro contexto histórico e o tempo, o que, nesse sentido, passa a ser difuso e citacional. Um fator que contribui para que determinados atos violentos, preconceituosos, injuriosos, alcancem longas distâncias, diferentes contextos e interagentes, é o meio de difusão. O advento da tecnologia é um dos fatores que contribui para a velocidade e permanência dos discursos. A performatividade desses discursos nem sempre é orientada por questões particulares de cada interlocutor, mas também pelo contexto e pelo grau de aceitação ou não dos outros interagentes. No contexto do blog, por exemplo, significa

²⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/09/ivete-sangalo-leva-o-titulo-de-melhor-cantora-no-premio-multishow.html>>. Acesso em: 17 set. 2013.

dizer que o concordar e o discordar com uma determinada postagem está ligada também ao “opiniômetro” dos outros participantes que comentaram o *post*. Um exemplo prático é o comentário abaixo, retirado do *post* “O que toda mulher precisa saber sobre relacionamento” (o *post* completo será analisado em outro momento).

Rondônia

Tosco!

Responder ·  4 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 15:12

A garota de Rondônia tem uma atitude de aversão à postagem, e outras 4 pessoas concordam com ela, porém não comentaram, talvez pelo fato de que esse comentário foi criticado por outros participantes, inclusive por uma mulher. Não que isso seja o que de fato aconteceu, mas é uma possibilidade, considerando a exposição que o blog tem. Provavelmente ser contra ao que a maioria aprova nem sempre é um assunto fácil com que lidar. O gênero nas interações, principalmente virtuais, pode ser considerado algo tão complexo que é importante um olhar mais apurado sobre as relações entre o gênero blog e os atos de fala que podem em alguma instância influenciar algum tipo de ato violento.

1.4 O Blog

Alguns estudiosos da área de tecnologia da informação e de blogs, como Primo e Smaniotto (2006) apresentam uma definição interessante sobre o que é blog. Afirmam que:

O blog/programa é um software que facilita a escrita e publicação na Web, que apresenta cada nova inserção textual (cuja unidade mínima é o chamado *post*) em ordem cronológica inversa (ainda que se possa alterar tal organização temporal) e pode oferecer outros recursos como arquivamento e recuperação de *posts* anteriores, *blogroll*, comentários, *permalink*, *trackbacks*, entre outros. Para que se tenha um blog (enquanto documento e espaço), não é preciso instalar um programa de blog (como o *MovableType*) em um servidor próprio. Serviços como o Blogger (gratuito) ou *TypePad* (pago) oferecem aos internautas o mecanismo simplificado de publicação e a hospedagem (PRIMO E SMANIOTTO 2006, p. 2).

Primo e Smaniotto (2006) defendem que há três acepções para o termo blog, a saber: como programa; como espaço; como texto. Explicando de forma mais específica: o blog pode ser um programa (*Blogguer*, *Movable type*), no que se refere ao software; pode ser

um espaço, quando consideramos o termo comum dito entre os usuários do blog “não encontrei seu blog na internet”; pode ser um texto no momento em que os usuários dizem “eu já li seu blog”. Esses autores também ressaltam (idem, p. 2) que um texto não é composto apenas de signos verbais, e sim “pode conter também fotos, ilustrações, áudio e vídeo. Um fotolog (ou flog), por exemplo, privilegia a fotografia, mas não deixa de ser um blog”. Independentemente da acepção que se adote, o blog é um espaço que alguém cria para compartilhar e discutir assuntos que são de interesse específico, porém o blog não funciona como um mural em que informações são postadas apenas para serem lidas, pelo contrário é um espaço de interação social.

Pelo prisma da configuração, é possível considerar que o blog, assim como o *facebook*, é um espaço técnico que proporciona a emergência das redes sociais. Recuero (2012, p. 19) considera a rede social como “o grupo de atores que utiliza determinadas ferramentas para publicar suas conexões e interagir”. Por entender as interações sociais como algo dinâmico e performático, é complicado definir características estáticas que configurem uma rede social. Recuero (2012) chama a atenção para esse tópico, pois considera que é arriscado elencar características, devido à dinamicidade em que surgem e são reapropriadas pelos atores. É como se a mistura entre criatividade, motivação, contexto e intenção, mobilizasse esses ingredientes necessários para que as reapropriações ganhem vida. Isso acontece através de atos de fala que são proferidos ou compartilhados ali. Austin em sua obra *How to do things with words* (1967) concebe que um ato de fala é uma forma de agir no mundo e que, quando “falamos”, “coisas acontecem”, seja essa ação dita ou escrita, e como consequência essa ação de linguagem pode refletir em diversas implicações éticas para a nossa vida social. Oliveira (1996, p. 154) afirma que a linguagem é o modo de agirmos no mundo, uma prática social concreta; em outras palavras a linguagem é uma forma de atividade social, uma “forma de vida”. Esse agir no mundo reflete a performatividade dos atos de fala. Para Pennycook (2007, p. 76), “a noção de performatividade abre um caminho para pensar sobre uso da linguagem e identidade que evita categorias fundamentalistas de linguagem, identidade, cultura ou gênero”.

Nesse esteio, as atividades linguísticas que se materializam através das postagens e das conversações que acontecem em uma rede social são uma apropriação não apenas de uma situação que está em pauta, mas que é “construída, significada e moldada de acordo com

as limitações e possibilidades de mediação”²⁸, e que, dependendo da situação, também pode subverter e reconstruir (RECUERO, 2012, p. 45). É o que tem acontecido no âmbito político de nosso país: as redes sociais são hoje ferramentas poderosas na organização de movimentos sociais. O nosso contexto atual é um exemplo prático de que os atos de fala são mais do que palavras, é ação, é forma de vida, que tem força de mudar situações, formar opiniões, incitar uma guerra e promover a paz. É possível dizer que esse complexo interativo, atos de fala e tecnologia, acontece em meio a processos ideológicos e linguísticos. Como exemplo: os pensamentos, as reações, os desejos, a raiva, o desabafo, a opinião, a ironia, o carinho, o desafeto, entre outros, tudo faz parte da ideologia inerente a cada interagente (RECUERO, 2012). Seja de forma consciente ou inconsciente, as pessoas acreditam e lutam por algo, e esse fenômeno é materializado linguisticamente em forma de atos de fala, que, seguindo o acordo social de conversação, podem ser polidos ou impolidos. E um dos fatores importante na escolha e significação de cada ato de fala é o contexto.

Em situações comunicativas, o contexto, que “é construído de forma negociada pelos envolvidos e pela audiência” (RECUERO 2012, P. 103), é o fator determinante para o significado, ou seja, a compreensão de um determinado ato de fala só é possível *a partir* do contexto. Esse “a partir” é fundamental, pois o contexto não se resume à imagem de fundo que compõe uma postagem no blog, uma fotografia, ou uma situação. Está além. Isso quer dizer que está ligado à cultura, à política, à economia, às crenças, valores e intenções de cada falante que está inserido em uma determinada sociedade em um determinado tempo histórico e social. Sobre a intenção, Ottoni (1995, p. 82) ressalta que, “em qualquer situação de fala, não há um ‘controle’ do sujeito (falante) sobre sua intenção, já que se realiza juntamente e através do uptake”²⁹ com seu interlocutor. Isso significa que na interação comunicativa a intenção pode ser alterada e direcionada dependendo do rumo da conversação, rumo esse que está ligado aos diferentes contextos comunicativos.

Ainda nesse veio, é importante ressaltar que o contexto não se resume em uma simples definição, pois, se assim fosse, era preciso encapsular todas as situações

²⁸ Texto original: “The notion of performativity opens up a way of thinking about language use and identity that avoids foundationalist categories of language, identity, culture or gender”.

²⁹ Na terminologia de Austin, isso é como uma satisfatoriedade. No original: “in Austin’s terminology, this counts as a satisfactory ‘uptake,’ the absence of which will again cause a misfire” (MEY, 2005, p. 1001).

comunicativas – interativas de todos os povos e culturas. A visão aqui nesse texto é de um contexto *ad infinitum* (FERREIRA; ALENCAR, 2012).

Considerar o contexto na perspectiva *ad infinitum* está baseado no pensamento de Derrida (cf. FERREIRA; ALENCAR, *ibidem*, p. 194), que defende que é um equívoco reduzir a comunicação aos limites do que se chama “contexto”, pois na visão derridiana um contexto nunca é em absoluto determinável, assegurado ou saturado. Isso significa que o contexto é um dos elementos que compõem a somatória que contribui para a constituição do significado. E citamos o exemplo prático que é discutido em Ferreira e Alencar (*ibidem*, p.192):

Um exemplo observável estaria em um diálogo em língua portuguesa entre um falante de Goa e outro do Brasil, congressistas de um Colóquio de Lusitanismo. Encontram-se no saguão do hotel, e o brasileiro, na “intenção” de manifestar polidez, pergunta: – Como vai você? Responde o goano: – A pé ou de carro? Para o brasileiro, o contexto comunicacional é o de saudar um colega, para o goano, sem negar a percepção de uma polidez deste colega, é um questionamento sobre o meio de como vai se locomover para o local do Colóquio.

A partir desse exemplo, pode-se perceber que a noção de contexto é extrapolada e a conversação³⁰ precisa ser negociada para ser retomada. Esse é um exemplo que aconteceu em uma interação face a face. Por outro lado, no contexto virtual, é algo mais complexo, pois as relações virtuais são alocadas em contextos efêmeros que se desdobram em percursos pluridirecionais. Isso significa mais diversidade e “atributos como transcultural, transnacional e translocal passam a captar melhor os fluxos, a fluidez e a mobilidade das relações práticas linguístico-culturais contemporâneas” (FABRICIO, 2013, p. 154).

Salientamos esses pontos por considerar que é complexo também compreender as interações que acontecem em redes sociais, como o blog ou *facebook*, por exemplo, pois são vários atores sociais e elementos semióticos que participam nesse processo plástico. É notório que dessa forma o contexto circula de uma forma bem mais dinâmica, até pela própria configuração do ambiente virtual. Fabricio (2013, p. 149) afirma que “os processos de mobilidade contemporâneos” ocorrem “em um ritmo acelerado e sem precedentes”. Isso significa que esse movimento espaçotemporal diminui distâncias, forma novas territorialidades e intensifica oportunidades de (re)construção do significado.

³⁰ A conversação é um processo organizado, negociado pelos atores que segue determinados rituais culturais que faz parte dos processos de interação social (RECUERO, 2012, p. 31).

No contexto *Testosterona*, o discurso de humor funciona como “desculpa” ofensiva e preconceituosa contra a mulher. A visibilidade desse blog e o status social dos patrocinadores conferem um grau de confiabilidade ao blog e conseqüentemente às postagens. Como já mencionamos anteriormente, sobre a força dos atos de fala proferidos, queremos agora acrescentar que, além de causarem reações adversas, esses atos podem naturalizar comportamentos. Essa naturalização não é algo consciente nem imposto, pelo contrário, é um processo muito sutil. Por exemplo: no blog *Testosterona*, a frequência de postagens e comentários em que a mulher é submissa ao homem, mesmo em tom jocoso, acaba se tornando algo comum; isso é perceptível pelos comentários “solidários”. É importante lembrar que, nos meios virtuais, quanto maior a difusão, maior a quantidade de interagentes e maior abrangência social. Esse raio de alcance de uma postagem na internet acontece, pois a questão espacial do blog não é limitada por fronteiras geográficas, ao contrário, é um espaço de fluxos interativos, conversacionais e sociais, que refletem também em situações reais e concretas:

Não se pode supor que a interação em um blog seja totalmente horizontal e democrática, onde inexitem relações de poder. O blogueiro publica seus posts no espaço principal da página e pode deletar ou moderar os comentários, e até mesmo desabilitar tal funcionalidade. Para Nardi, Schiano e Gumbrecht (2004), a relação entre blogueiros e leitores é notadamente assimétrica (PRIMO; SMANIOTTO, 2006, p. 4).

Conforme a citação acima, é possível inferir que as relações de poder são pautadas em um contexto de jogos de linguagem³¹, e considerar que a relação entre blogueiro e interagentes seja assimétrica não significa dizer que seja passiva, pois os atores sociais, como citado anteriormente, subvertem o sistema e devolvem em forma de consentimento ou desaprovação. Essa reação é visível nas interações no próprio blog ou nos direcionamentos que levam a outro espaço como o *facebook*, por exemplo, inclusive os comentários sobre cada postagem no blog *Testosterona* são feitas com o perfil que cada um tem no *facebook*, e o layout dos comentários no blog são os do *facebook*, com as possibilidades de responder, marcar a aprovação através do “Like” ou “Curtir” e/ou “Seguir” aquela publicação. Sobre essa migração através das diversas redes sociais, Recuero (2012, p. 125) ressalta que os diversos grupos ganham acesso à informação, participam da conversação, o que “acaba(m) por

³¹ Para Wittgenstein (1953), cada situação comunicativa é como um jogo linguístico que tem suas regras, e cada falante, para interagir nessa situação, precisa conhecer as regras do jogo, porém cada jogada que será feita a partir das regras faz parte do universo social de cada um.

introduzir indivíduos que não se conheciam e que não estavam diretamente conectados entre si no *facebook* e que, a partir das trocas na conversação, podem decidir conectar-se, adicionar-se à respectiva lista de amigos”. Essa dinâmica vai conectando pessoas e difundindo informações, opiniões e comportamentos. Fabrício (2013, p. 153), para exemplificar “esses processos comunicativos mestiços atuais, avessos à ‘precisão’ de fronteiras”, afirma que:

Dessa forma, referências linguísticas, culturais e identitárias usuais, cujo centro normativo se encontra associado a sentidos de estabilidade, homogeneidade, fixidez e territorialidade, vão convivendo com o questionamento, o descentramento, o trânsito e a mestiçagem como ideias, cada vez mais, operatórias- operacionalidade derivada da compreensão da situacionalidade histórica e política dos significados organizadores da experiência social, moto contínuo do existir (FABRICIO, 2013, p. 151-152).

A autora ainda chama a atenção para uma perspectiva pragmática em que os processos de significação e construção de sentidos são formulados em conjunto com “uma multidão de ‘outros’ sócio-históricos. Isso significa dizer que os sentidos são resultado de processos interativos, envolvendo múltiplas vozes, que se reciclam cada vez que são mobilizados em novos contextos, nunca se repetindo da mesma forma” (FABRICIO 2013, p. 154). Sobre esse intercâmbio, é importante considerar que, devido à evolução midiática, o blog extrapola a concepção de gênero textual e pode ser considerado um hipergênero que abarca vários fenômenos linguísticos em circulação na sociedade, como discutiremos no próximo tópico.

1.4.1 O blog como hipergênero

Antes de falar sobre o blog como hipergênero, é preciso ressaltar a definição de gênero textual adotada aqui, que segue a concepção de Bazerman (1997, 2004) no sentido de que gênero é um tipo de enunciado associado a um tipo de situação retórica que está intrinsecamente ligado às atividades que as pessoas dizem, fazem e pensam como parte dos enunciados, ou seja, “gênero não são apenas formas”, mas “*frames* de ações sociais” (BAZERMAN, 1997, p. 19). Essa concepção de *frames* é coerente com a concepção de jogos

de linguagem de Wittgenstein, no sentido de que há uma regularidade nas interações sociais, ou jogos de linguagem, independente do suporte³² em que essas interações se realizam.

A interação que se configura através do computador tem como característica essencial a interatividade e as possibilidades de interação. Os gêneros que emergem na mídia digital são aqueles que trabalham o discurso eletrônico, ou seja, são os gêneros que apresentam como suporte o computador. O ciberespaço traz consigo uma quantidade significativa de gêneros emergentes, dentre eles: e-mail, bate-papo (chat), aula virtual, *weblogs*, *fatologs*, entre outros (CAIADO, 2007, p. 36). Marcuschi (2002) ressalta o hibridismo presente nos gêneros emergentes ocasionados pelas diversas mídias e afirma que esse processo interativo cria formas comunicativas próprias e, de certo modo, estreita as relações entre oralidade e escrita, modificando o velho conceito linguístico de que o “correto” é o que está de acordo com a norma culta da língua.

Essa possibilidade de “criar formas próprias” é que torna praticamente impossível delimitar um conceito ou um tipo específico para o que é blog. De acordo com Recuero, Amaral e Montardo (2008, p. 2), a primeira apropriação para blog foi o “diário pessoal” e ainda hoje continua sendo utilizado para esse fim, porém ao longo dos anos essa ferramenta foi se reconfigurando e atendendo a outras necessidades, porém seguindo o mesmo formato de postagem no topo da página, com possibilidade de comentário e frequente atualização. Schmidt, citado em Recuero, Amaral e Montardo (2008, p. 2-3), afirma que os blogs são:

Websites frequentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som etc) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, que são identificados com uma URL única.

O blog é um espaço repleto de *links* que permite o registro diário dos pensamentos e reflexões sobre um determinado tema. Possibilita a postagem de fotos, imagens, vídeos,

³² Bonini considera o suporte um elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção). Em geral, as mídias apresentam um conjunto de suportes encadeados na forma de um sistema. Na televisão, por exemplo, há o microfone, a câmera, a mesa de edição, os suportes de transmissão (ondas eletromagnéticas, cabo, sinal de satélite etc.), e o aparelho de televisão. Já o DVD, como mídia, é composto dos seguintes suportes: a embalagem do disco, o disco, o aparelho de DVD e a televisão, que fazem circular os (hiper)gêneros que ali são possíveis (filme de aventura, documentário, *show* etc.). BONINI, Adair. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. Rev. bras. linguist. apl. [online]. 2011, vol.11, n.3, p. 679-704.

músicas, slides ou outros textos. Os *links* podem funcionar como caminhos que o leitor pode seguir para visualizar outros blogs ou outra página que o autor julgar relacionada à sua. As entradas ficam organizadas da mais recente para a mais antiga, ou seja, o que se posta por último aparece no início da página, o que facilita a visualização temporal. A configuração da página é flexível, pois permite sua modificação mesmo depois de postada na internet. O autor do blog é chamado de administrador e ele pode convidar outras pessoas para colaborar na escrita do blog. Há vários tipos de blogs: os pessoais, os educacionais, os corporativos etc. O leitor, que é conhecido como visitante, tem a possibilidade de registrar seu comentário abaixo do que o administrador postou. É um processo que requer interatividade e colaboração, e os assuntos tratados variam de acordo com o ponto de vista do administrador e do grupo que interage.

Sobre o aspecto de que o blog não é um gênero estático (MARCUSCHI, 2006) e que pode sofrer hibridismo, inovação e alteração (MAGNABOSCO, 2010), o que Dantas e Gomes (2008, p. 9) defendem que “os blogs são muito mais um suporte convencional de gênero do que um gênero”, pois consideram que, em “um sítio desse tipo, diversos gêneros discursivos se fazem presentes em cada uma de suas partes”, por exemplo: os diversos *links* hipertextuais; os *posts* que configuram a manifestação de vários gêneros textuais como poesia, charge, música, anedota, entrevista, artigo etc; e a semelhança que o formato e o conteúdo dos blogs possuem com as *homepages*, que é classificada como suporte multimodal (DANTAS; GOMES, 2008). Os autores ainda ressaltam que essa questão não é estanque, pois é possível encontrar blogs que se situam mais com o conceito de gênero ou de suporte e concordam com Marcuschi (2003) que a questão do suporte é um *continuum* que se movimenta através de gêneros discursivos mais primários até os suportes mais complexos.

Magnabosco (2010, p. 6) considera que os blogs são hipergêneros, pois considera ser a soma de outros gêneros para constituir-lo hipertextualmente, e ressalta que:

[...] o termo hipergênero estaria relacionado à própria realidade tecnológica (baseada na interconectividade), que sustentaria o advento de gêneros variados que, por sua vez, repercutiriam, em sua própria constituição, o hibridismo próprio da rede. Assim, ao conceituarmos o blog como um hipergênero, o entendemos como um gênero virtual ou digital que, por alocar-se em um *software* hipermediático, se configura como um gênero híbrido, formado pela junção (sobreposição) de outros gêneros (materializados ora explicita ora implicitamente por meio de links) que convergiam, coerentemente, para sua constituição formal, funcional e interacional.

A autora ainda se apropria do termo constelação³³ (*chats*) cunhado por Araujo (2010) para refletir sobre blogs. Ela afirma que esse conceito “constelar” para se referir à blogosfera garante uma melhor compreensão à dinamicidade que permeia esse universo blog. Esse conceito “hiper” para se referir ao gênero e “constelar” para se referir à organização desse gênero se aproximam da realidade dos blogs (*Testosterona* e *Acidez Feminina*) que estão em pauta nesse trabalho, pois, embora se intitulem como blog, possuem um formato de uma *homepage*, já que ali é um sítio com vários *hiperlinks*, em que cada um desses *links* direciona o leitor para uma página de uma rede social que é o *facebook*. Ao refletir sobre essa “fusão” entre blog e *facebook*, que foi discutido no tópico anterior, pode-se dizer que é possível ir além do conceito de “hiper” e “constelar”, e se pensar em um conceito de “transtextualidade” ou “transconstelação” como algo mais plausível, porém essa discussão não será levantada aqui nesse trabalho. Fabricio (2013, p. 154) ressalta que estamos frente a fenômenos transculturais e multiterritoriais quando consideramos a forma que atores sociais agem semanticamente em tecido social. Nesse aspecto, ainda é importante considerar que os processos interacionais em que os diferentes interagentes com sua diversidade de conhecimento e repertório indexical evocam em uma única participação interativa deixam claro que o processo de negociação de sentido é vulnerável e que nem todo contexto é acessível a todos. Em outras palavras, em um contexto virtual, não é possível delimitar ou mensurar o perfil de quem participa em determinado gênero.

Por outro lado, para Marlow (2004 apud RECUERO; AMARAL; MONTARDO, 2008, p. 3), o blog é uma mídia que difere das demais pelo seu caráter social que é expresso pelas postagens e pela possibilidade conversacional presente ali. Shah (2005, p. 8) compreende o blog, e acrescentamos o *facebook*, como um artefato cultural, ou seja, um repositório vivo de significados compartilhados e produzidos por uma comunidade de ideias, acrescentando que:

³³ Constelação segundo Araújo (2010) seria um conjunto de gêneros que são irmanados pela relação genérica que existe entre eles, ou seja, todos pertencem à mesma família e, por isso, são variedades de um único gênero que, por ser complexo, atende a propósitos comunicativos distintos. O fato de serem membros de uma constelação, no entanto, não tornam homogêneos esses gêneros. Cada um possui seu “brilho” próprio e atende a uma função social distinta.

ARAÚJO, Júlio César. Um percurso teórico metodológico para o estudo da constelação de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n.1, p.187-212, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a09.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2013.

Um artefato cultural é um símbolo público comunitário e de posse (no sentido não-violento e não-religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera várias auto referências e mutuamente definindo narrativas ao invés de criar uma narrativa linear. Porque o artefato cultural está além do limite da lei e torna-se uma sinalização para a construção da ordem simbólica dentro de uma comunidade, ela carrega uma autoridade ilegítima, o que não é sancionada pelos sistemas jurídicos ou do Estado, mas pelas práticas vividas das pessoas que o criam³⁴.

A definição de Shah se encaixa perfeitamente em uma visão antropológica e etnográfica de estudo sobre rede social, e aqui nesse contexto o blog, a realidade perceptível nesse gênero virtual, é que esse sentido ainda se desdobra como forma de sobrevivência, ou seja, um tipo de trabalho remunerado, pois muitos blogs, inclusive os que foram estudados nessa pesquisa, recebem patrocínio de grandes empresas e funcionam como uma empresa que gera grandes lucros. Dessa forma, é possível inferir que o que é postado nos blogs também é influenciado por uma visão capitalista e não importa se em muitas situações essa postagem pode soar como preconceituosa ou violenta. Para compreender melhor a ideologia presente em alguns discursos, é que se faz relevante considerarmos as ideologias na perspectiva de Thompson, que discutiremos no próximo tópico.

1.5 Os modos de operação da ideologia

As ideologias podem ser vistas como “sistemas de pensamento”, “sistemas de crenças”, ou “sistemas simbólicos”, que se referem à ação social ou à prática política. Thompson (2009, p. 15) sustenta que o conceito de ideologia é útil na análise social e política, porém não é possível despojá-lo totalmente de seu sentido negativo, crítico. Sentido esse que foi trazido através da maior parte de sua história, já que surgiu como parte de uma tentativa de desenvolver os ideais do Iluminismo no contexto de revoltas sociais e políticas que marcaram o nascimento das sociedades modernas (THOMPSON, 2009, p. 48).

³⁴ Texto original: “A cultural artefact is a symbol of communal (in the non-violent, non-religious sense of the word) belonging and possession. A cultural artefact becomes infinitely mutable and generates many selfreferencing and mutually defining narratives rather than creating a master linear narrative. Because the cultural artefact is beyond the purview of the law and becomes a signage for the construction of the Symbolic Order within a community, it carries an illegitimate authority, which is not sanctioned by the legal systems or the State, but by the lived practices of the people who create it”.

A proposta de Thompson em seu livro *Ideologia e Cultura Moderna* é reformular o sentido de ideologia em uma perspectiva mais crítica. De forma ampla, seria o sentido a serviço do poder, que opera numa variedade de contextos da vida cotidiana, de forma que estudar ideologia significa investigar como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até os textos complexos. Citamos, como exemplo, a música “Ideologia” do cantor Cazuza. O pessimismo impresso na música narra um período³⁵ político de transição entre ditadura e democracia e uma realidade econômica complicada. O músico mostra o contexto de uma sociedade que aparentemente estava omissa e desacreditada da sua realidade, como nas estrofes:

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões
Estão todas perdidas
Os meus sonhos
Foram todos vendidos
Tão barato
Que eu nem acredito
Ah! eu nem acredito...

Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro
Em cima do muro...

A mensagem da música incita a necessidade de um pensamento e posicionamento crítico face às responsabilidades sociais. No contexto atual, após o “boom” da internet, a difusão de formas simbólicas, como expressões linguísticas, televisão, arte, teatro, ações, interações humanas, é consideravelmente mais abrangente. Com a globalização e o capitalismo, a circulação dessas formas simbólicas se instaura com novo aspecto. Como forma simbólica, Thompson (2009, p. 79) entende que seja “*um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos*”. Em outras palavras, significa as diversas facetas do indivíduo em ação circulando nos diferentes papéis sociais em que cada ser social está inscrito. Essas formas simbólicas podem ser verbais, imagéticas ou a combinação de ambas. As formas

³⁵ Maiores informações, ver: FAUSTO, B. “A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930”. In: B. FAUSTO (org.), História geral da civilização brasileira, Vol. 3, Tomo II, São Paulo, Difel, 1990. p. 401-426.

simbólicas ou sistemas simbólicos não são ideológicos em si mesmos; se são ideológicos e o quanto o são, isso depende da maneira como são usados e entendidos em contextos sociais específicos. Esse é o nosso intuito: estudar a ideologia que está imbricada nas interações em blog.

Thompson (2009, p. 72) discute duas concepções de ideologia: a concepção neutra e a concepção crítica. A primeira abarca os fenômenos ideológicos sem implicar o que esses fenômenos sejam. É um aspecto da vida social, que pode estar presente em diferentes discursos independente de desejar mudanças ou de manter a ordem na sociedade. A ideologia é versátil e atende a diferentes interesses sociais seja de luta ou de dominação. A concepção crítica implica que o fenômeno ideológico pode ser enganador, ilusório ou parcial.

A ideologia concebida por Thompson (2009, p. 75) se debruça na maneira como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder, e se interessa em como o sentido é mobilizado no mundo social, servindo para reforçar as pessoas e os grupos que ocupam posições de poder.

Estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias socio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação (THOMPSON, 2009, p. 76).

Para estudar esse conceito de ideologia nas práticas sociais, Thompson (ibidem) considera três aspectos: a noção de sentido, o conceito de dominação e as maneiras como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação. Sobre a noção de sentido, Thompson afirma que é o que se inscreve nas formas simbólicas, e que está inserido e que circula nos contextos sociais. As posições sociais fornecem ao indivíduo diferentes escalas de “poder” e possibilita que cada indivíduo utilize esse “poder” a fim de alcançar algum objetivo ou tomar alguma decisão. Quando refletimos sobre o nosso objeto de estudo, entendemos que o produtor do blog está em uma posição privilegiada no sentido de que ele é o único que pode colocar os *posts*, apesar de os interagentes do blog poderem expressar a opinião concordando ou discordando. Aqui queremos chamar a atenção para isso, pois não utilizaremos a dicotomia produção e recepção. Embora Thompson (2009, p. 37) critique a questão do receptor passivo, aqui nesse trabalho trataremos os processos como produção, tanto para quem envia os *posts* como para os que participam do blog, interagem, contribuindo com suas respostas, e, de certa forma, provocam algum tipo de reação no contexto social em

que estão inseridos. A postagem do administrador do blog é apenas a discussão inicial, porém em muitas situações são os comentários que alguém fez sobre o *post* é que acaba incitando uma cascata de outras postagens.

Retomando o segundo aspecto defendido por Thompson, que se refere ao conceito de dominação e diz respeito às relações sistematicamente assimétricas, há o fato nisso de que um grupo em particular ou um agente detém o poder permanente em determinada condição social em que existe a possibilidade de exclusão de um grupo em detrimento de outro. Já o terceiro aspecto está relacionado à interação entre sentido e poder nas circunstâncias sociais concretas, e que a ideologia presente nessas práticas se inscreve em cinco modos de operação, que serão discutidos detalhadamente no **capítulo 2** deste trabalho: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

Embora Thompson (2009, p. 81-89) formule esses modos da operação da ideologia, ele deixa claro que a ideologia pode em circunstâncias particulares operar de outras maneiras, e que essas estratégias não estão unicamente associadas a esses modos, o máximo que ele pode afirmar é que certas estratégias estão associadas a certos modos.

Os modos de operação de Thompson é uma forma de observação de como a ideologia pode operar em diferentes situações sociais. Essas divisões não são rígidas, podendo assim, de dois modos ou mais, operar em uma mesma situação comunicativa. É preciso que fique claro que esses modos de operação contribuirão nesse trabalho para as análises e discussões críticas que serão levantadas a partir do discurso de misoginia nos *posts* dos blogs *Testosterona e Acidez Feminina*.

Queremos ressaltar que Thompson (ibidem) propõe uma metodologia para a análise da ideologia, chamada de Hermenêutica de Profundidade (HP) – Interpretação da Doxa³⁶, que se baseia na tricotomia: Análise sócio-histórica; Análise formal ou discursiva; Interpretação e Reinterpretação. A proposta é interessante, porém inexecutável em nosso contexto de estudo, pois, quando Thompson fala sobre interpretação e reinterpretação, ele

³⁶ Doxa significa, *grosso modo*, opinião. A *doxa* reside dentro da famosa caverna de Platão. Nós homens nos encontraríamos acorrentados à entrada de uma gruta escura, vendo, dos acontecimentos que acontecem às nossas costas, tão-somente suas sombras na parede oposta. Poucos conseguiriam, à custa de muito esforço, libertar-se das correntes – isto é, libertar-se da percepção das coisas pelos sentidos – e virar a cabeça para ver o real, e não a sombra do real. Esse virar-se é justo a guinada da percepção sensível rumo ao pensamento puro, à visão das ideias em si.

FRANKLIN, Karen. Os conceitos de Doxa e Episteme como determinação ética em Platão. Educar em Revista, [S.l.], n. 23, dez. 2004.

propõe uma aproximação com quem está proferindo um determinado discurso. A proposta de Thompson pode ser eficaz para os estudos de uma pesquisa de recepção. Entendemos a importância dos estudos de recepção para compreender os fenômenos de dominação que afetam algumas instâncias, porém precisamos considerar que em um ambiente virtual as relações sociais se fundamentam em atos de fala em um momento específico, e a ação e reação podem acontecer independentemente de um interagente saber o contexto de vida do outro. É como se a importância estivesse em como o outro compreende aquele determinado ato de fala. É possível ainda dizer que, quando alguém está interagindo em uma rede social, ele pode comentar o que lê sem necessariamente pesquisar ou querer saber quem proferiu aquele ato, como se a única importância fosse o ato de fala que aparece ali. Por outro lado, se algum comentário suscitar curiosidade ou se surgir a intenção de fazer uma participação mais contundente, o interlocutor pode consultar o perfil dos outros interagentes (cf. o Anexo 8 deste trabalho, em que a participante diz que “*fuçaram meu perfil*” ao se referir a um comentário impolido sobre ela). Queremos, por meio desse exemplo, mostrar que a motivação de investigar o perfil iniciou-se a partir do ato de fala proferido.

Analisando os modos de operação que Thompson define para a construção simbólica da ideologia, é possível correlacionar os modos de operação da ideologia com as estratégias de polidez e impolidez linguística. Dessa forma, nossa proposta será desenhar um instrumental metodológico para a análise dos dados em que os modos de operação da ideologia sejam articulados com as estratégias de (im)polidez linguística. Esse instrumental está nesse trabalho a serviço apenas das análises que serão feitas aqui, porém o refinamento e uma sistematização mais apurada dessas categorias fazem parte de um projeto futuro. No próximo capítulo, vamos discutir os aspectos da polidez e impolidez linguística e, no capítulo da metodologia (**capítulo 2**), iremos demonstrar nossas percepções a partir da conexão dessas duas teorias.

1.6 Polidez linguística

Polidez linguística é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação. A polidez pode ser considerada uma “estratégia” para que a comunicação seja confortável para ambos os atores sociais. Poderia até

se afirmar que ser polido é uma regra de interação, já que nas situações comunicativas espera-se sempre uma atitude cortês³⁷ do outro interagente, porém é importante considerar que essa escolha cabe a cada falante, dependendo do rumo da conversa. Essa atitude cortês, em tempos antigos, era característica apenas da elite ou apenas dos que frequentavam a escola. De forma geral, cooperar para o equilíbrio da comunicação e ser polido pode ser característico de qualquer ator social, em diferente grau, independente de sua classe social e do seu grau de escolaridade. *Grosso modo*, os comportamentos impolidos são “marcados” em relação aos comportamentos polidos, e geralmente as construções linguísticas positivas são mais polidas que as negativas. Paiva (2008, p. 24) afirma que há uma tentativa de conceituar “polidez como boa educação, conceito profundamente ligado às noções de civilidade e poder, mas deve-se considerar que estes fatores são mutáveis, variando não apenas culturalmente, mas de acordo com o contexto e as intenções dos falantes”. Em uma perspectiva social, significa que a polidez é primordial para a comunicação e que respeitar o outro e preservar a si é um estado de equilíbrio.

Os estudos na área da Pragmática consideram a vertente social, tendo em vista os processos interativos e seus interagentes. Estudar a comunicação sem considerar os contratos comunicativos entre os interagentes em contextos situados é quase impossível. A teoria da Polidez é um fenômeno linguisticamente pertinente, pois recobre todos os aspectos do discurso que são regidos por regras em que a função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal, que pode ser relativo ao comportamento verbal ou não verbal. Baseado nos Atos de fala de Austin (1962) e no princípio de cooperação de Grice (1975), Brown e Levinson publicam sua teoria da Polidez (1978) e contribuem de forma significativa com os estudos linguísticos. Para Brown e Levinson (1978), os atos ameaçadores de face, que são os potenciais geradores de conflitos, podem ser minimizados por um complexo de estratégias linguísticas, ditas polidas. A partir da evolução de seus estudos, Brown e Levinson (1987)³⁸ desenvolvem um quadro, a fim de continuar analisando eventos comunicativos. Esse modelo

³⁷ De acordo com Watts (2004), naquele tempo, acreditava-se na polidez como um atributo inato daqueles que pertenciam à corte, daí o surgimento do adjetivo cortês, ou seja, qualidade de homens que tinham um *je ne sais quoi* (coisa indefinida), que os diferenciava dos demais. Essa divisão entre aqueles que tinham e não tinham essa coisa indefinida estava diretamente associada ao sistema político da época, que tentava limitar a passagem de classes sociais para integrar a corte (PAIVA, 2008, p. 24).

³⁸ Depois de publicada a primeira versão da teoria (1978), surgiram muitas críticas, o que gerou uma segunda publicação (1987), mais completa, na qual os linguistas tentam destrinchar, com mais detalhes, os conceitos estabelecidos na década anterior. A partir de agora, adotaremos como referência a obra de 1987. (PAIVA 2008, p. 25)

se desdobra em 4 temas: a) a noção de face; b) a noção de FTA (*face threatening act*); c) a noção de *face want*; d) a noção de *face work*.

A noção de face para Brown e Levinson (ibidem) se baseia na noção de face instituída por Goffman (1967), que estudava as interações orais baseado em aparato teórico da teoria social. Segundo Paiva (2008, p. 25), os estudos de Goffman defendem que os seres humanos interagem por meio de relações sociais e que, em cada contato, cada ser social age de uma determinada forma, isto é, segue uma espécie de linha, definida como “um padrão de atos verbais e não verbais pelos quais expressa sua visão da situação e, a partir desta, a sua avaliação dos participantes, especialmente dele mesmo”. Por esse prisma, a interação é uma forma de exposição, a maneira como a linguagem é articulada e como os atos de fala são proferidos por cada ser social constrói uma face para si próprio e para o mundo. Para Goffman (ibidem), face é uma construção social que se refere à imagem do *self*, em outras palavras, “a autoimagem pública para afirmação social. É um construto social que podemos criar, manter e perder, segundo os nossos investimentos com relação a ela” (PAIVA, 2008, p. 26).

São nos rituais de conversação, seja presencial ou não, que todo ator social se inscreve, em uma aventura de constante aproximação e distanciamento com o outro interlocutor. Nesse movimento, de idas e vindas, dependendo dos atos de fala que são proferidos e como os são, o equilíbrio da interação pode ser comprometida. Esses atos que desestabilizam a comunicação podem ser chamados de atos ameaçadores de face (FTA). De forma prática, cada ser social possui duas faces: a negativa (que significa os territórios do eu, os saberes secretos) e a face positiva (que são o conjunto de imagens que os interlocutores constroem de si e que tentam impor durante a interação); a noção de FTA defende que, em qualquer interação, quatro faces são postas em presença e que no decorrer da interação os interlocutores são levados a realizar certo número de atos verbais e não verbais que, para Brown e Levinson, são atos “que ameaçam as faces”. Dessa forma, os atos de fala se dividem em quatro categorias: atos que ameaçam a face negativa do emissor; atos que ameaçam a face positiva do emissor; atos que ameaçam a face negativa do receptor; atos que ameaçam a face positiva do receptor. É importante ressaltar que um mesmo ato pode se inscrever simultaneamente em diversas categorias e que é indispensável considerar o contexto de cada situação, pois esse “contexto” define onde esse ato se insere.

A noção de *face want* seria a tentativa de manutenção de faces, como um trabalho de “figuração”, que, em outras palavras, é tudo que uma pessoa empreende para que suas ações não impliquem em perda diante de ninguém (nem de si mesma). Essa estratégia depende de três fatores: o grau de gravidade do FTA; a “distância social”; sua relação de “poder”. Como exemplo, citamos um comentário do *post*: “O que toda mulher precisa saber sobre relacionamento”. Esse comentário é de uma garota para outro participante, mas nesse caso o participante não se identifica por esse codinome.

tu é besta viu gato fafis!!!

Responder · 👍 1 · Curtir · 23 de outubro às 14:38

O termo “besta” pode ser polido ou impolido dependendo do grau de amizade (distância social) dos interlocutores. Nesse exemplo é possível perceber que o uso desse termo não foi impolido, pois denota certo grau de afinidade. A repetição no uso de ponto de exclamações pode demonstrar proximidade, já que ambos são estudantes universitários, embora de faculdades diferentes, mas moradores da mesma cidade. O garoto comenta posteriormente a postagem de outro rapaz, mas não faz comentário algum sobre a postagem dela, há apenas a referência de que alguém curtiu a postagem da garota. Outro fator é que esse termo “besta” é comumente usado por pessoas em interações mais próximas, e o termo pode ser empregado em vários sentidos. Citamos como exemplo um trecho de um diálogo em que o termo “besta” não é usado de forma negativa: “*Só qué sê besta... com esse cabelo todo esticado... rrsrs*”³⁹. “*Dexa de sê besta minina num vê que esse cabelo tá na moda*”.

Os atos ameaçadores de face, segundo Paiva (2008), podem se inscrever em três instâncias: ofensas inocentes (sem intenção de ofender, gafe, constrangimento), maliciosas (intenção de criticar) e incidentais (não planejadas, atos para se defender de uma situação inesperada). Esses tipos de atos de fala também acontecem constantemente em interações virtuais. A presença física em determinadas situações, para algumas pessoas, pode constranger determinados interagentes a expressarem suas reais intenções. O fato de não estar cara a cara com o outro interagente pode ser um indicador de “liberdade de expressão”, embora as interações em blog sejam “públicas”. Os atores sociais, em geral, são identificados pela foto ou às vezes pelo próprio nome. Mesmo com a visibilidade do blog, a sensação é

³⁹ Esses dois exemplos foram extraídos de uma conversa informal entre minha filha de 12 anos e minha secretária. O assunto era o penteado novo de minha secretária.

diferente de proferir um desabafo presencialmente. No caso do blog analisado nessa pesquisa, os comentários aparecem com o perfil do *facebook*, mas em todos os momentos que entramos no blog para ler os *posts* e as interações aparecia nosso nome e nossa foto do perfil do *facebook* posicionados logo abaixo do *post* para possíveis comentários. É inegável que há um alto grau de exposição, sendo assim não é fácil estabelecer as fronteiras de “onde” ou “até que ponto” isso pode influenciar nos comentários dos participantes. Essa conectividade do blog com outra rede social (*facebook*) denota um grau de responsabilidade sobre o que se fala, não é apenas entrar, comentar e sair sem deixar rastro. Todos têm consciência de que não são totalmente anônimos. Essa questão também pode figurar como um termômetro entre o que eu quero e o que eu devo dizer.

Ao considerar essa dicotomia quero-devo, nas interações é possível dizer que se equilibram entre polos positivos e negativos. Brown e Levinson (1987), após o aperfeiçoamento do modelo, focam seus estudos sob o aspecto da noção de “anti FTA (ou FFA), e a diferença entre polidez positiva e negativa”. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 81) ressalta que FFA seria o conjunto de atos de fala que se dividem em duas grandes famílias: os que produzem efeitos essencialmente negativos para as faces (como a ordem crítica), ou os positivos (como o elogio ou agradecimento). O outro desdobramento se refere à polidez positiva *versus* a negativa, que distingue a polidez negativa como sendo de natureza abstencionista ou compensatória e a positiva de natureza produtiva, embora ambas sejam antagônicas e ocupem um lugar importante no sistema global. Uma implicação a considerar é que, a depender do contexto, essa noção de positivo e negativo pode variar.

Sobre a polidez negativa, é notório que há meios de minimizar esse aspecto com a estratégia de evasão e, conseqüentemente, os suavizadores: voz mansa, sorriso e inclinação lateral em momentos interativos. Os suavizadores de natureza verbal se dividem em substitutivos e acompanhantes. Os suavizadores substitutivos consistem em substituir a formulação mais direta por outra mais “suave”. Um bom exemplo disso são as substituições de atos menos coercitivos que são as perguntas⁴⁰. Por exemplo: ao pedir algo emprestado, o falante pode suavizar dizendo “Você se incomoda de me emprestar seu telefone, pois estou sem crédito?”, ao invés de uma pergunta direta: “Empresta-me seu celular?”. Outra forma seria os meios indiretos aos imperativos, por exemplo: “Você poderia fechar a porta?”, ao

⁴⁰ No tópico sobre impolidez, as perguntas como suavizadores serão problematizadas.

invés de “Feche a porta”. Nesse aspecto, a formulação indireta se preocupa com a polidez, e é pelo viés desse tipo de formulação que se exerce a polidez negativa. A polidez negativa⁴¹ ainda conta com procedimentos substitutivos, subsidiários, os minimizadores, modalizadores, desarmadores e os moderadores, que não serão contemplados nesse trabalho.

A polidez positiva consiste em produzir algum ato que tenha um caráter essencialmente antiameaçador para o seu destinatário, por exemplo: acordo, oferta, convite, elogio, agradecimento, boas-vindas, etc. De forma geral a interação social se inscreve em uma busca de cooperação entre os participantes e nesse aspecto a polidez atua como um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação. É possível afirmar que ser polido é uma regra de interação, já que nas situações comunicativas espera-se sempre uma atitude cortês do outro interagente. Como já foi citado anteriormente, ser polido pode depender, às vezes, apenas do rumo de cada conversa. Em algumas situações comunicativas, os interagentes se utilizam de estratégias para cumprir uma determinada função comunicativa e a ironia pode figurar como um desses recursos.

1.6.1 Princípio da Ironia e de Banter⁴²

De acordo com Attardo (2009, p. 405), o termo ironia é utilizado para descrever um fenômeno linguístico (ironia verbal) e um fenômeno situacional. De forma particular, a ironia envolve metarrepresentações, que estão ligadas à entonação de voz, a elementos sinestésicos (como piscar de olhos) e à intenção do falante. Boutonnet (2009, p. 408) ressalta que, em um enunciado informal, a atitude de mudar de estilo formal para informal pode caracterizar um efeito irônico ou atitude de introduzir uma fraseologia que pertence a outro campo discursivo para causar algum tipo de ambiguidade. Grice (1983) em seus estudos sobre os princípios cooperativos pontua a ironia como uma implicatura⁴³ conversacional e ressalta

⁴¹ Para aprofundar informações, cf. Kerbrat-Orecchioni (2006).

⁴² O termo será utilizado no original, por não possuir correlado em Língua Portuguesa. Segundo Longman Dictionary, *banter* significa: piada, brincadeira. Segundo o Google tradutor, *banter* significa: gracejo, ironia, ato de ridicularizar.

⁴³ No momento em que o falante prefere violar uma ou mais máximas conversacionais, o seu destinatário terá que realizar uma espécie de cálculo mental para que consiga identificar qual o sentido mais apropriado para aquilo que foi dito. Este cálculo mental é considerado por Grice como implicatura (PAIVA, 2008, p. 71).

que, nas práticas comunicativas, há uma questão que foge aos parâmetros do princípio⁴⁴ da polidez de Leech (1983), que são essas violações aos princípios causados pelos enunciados irônicos ou sarcásticos que trabalham em direção contrária. Culpeper (1983, p. 82) entende que o sarcasmo é muito próximo da definição de ironia de Leech (1983), e afirma que: “se você causar ofensa, pelo menos o faça, de uma forma que não entre em conflito abertamente com o PP (princípio da polidez), mas que permite ao ouvinte chegar ao ponto ofensivo de sua observação indireta, por meio de uma implicatura”⁴⁵.

Leech (ibidem) reforça que ironia é *mock-politeness*, que significa ser aparentemente polido, quando na verdade se é ofensivo. Essa prática é muito comum em interações comunicativas, pois os participantes se valem de recursos irônicos para suavizar um enunciado ofensivo, que em tese não deve ser levado a sério. Como exemplo, citamos:

Afinal, que mal tem né? O país nem tá quase parando em greves, o governo pode muito bem reformar todo o planalto! Podemos reservar quase 2 bilhões do orçamento do país para a copa de 2014, fora o que vamos gastar depois sediando as olimpíadas, porque se me lembro bem, na candidatura do rio tinha uma previsão de mais de 20 bilhões. Mas o que é isso para um país tão rico quanto o nosso né?

Responder ·  3 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto às 23:21

Realmente não existe comentário melhor. "Isso que dá eleger mulher!"

Responder ·  8 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 14:04

Esses excertos se referem ao *post* “Dilma pretende gastar mais de 100 mil reais para renovar a cozinha (não é piada⁴⁶)”. Os comentários que seguem mostram claramente a ironia que se constitui no discurso, pois tudo que o participante nega é o que acontece no Brasil; a segunda postagem é irônica e preconceituosa contra a mulher. É como se o fato de ser mulher fosse desculpa para algum desacordo do governo Dilma. Em exemplos como esse é perceptível a narrativa da violência contra o gênero. Esse tipo de discurso parece que está naturalizado como um metadiscurso que de hora em hora é proferido por qualquer interagente social, inclusive mulheres. A prefeita Luizianne Lins, aqui de Fortaleza, por exemplo, sofreu

⁴⁴ Leech (1983) parte do pressuposto de que a interação é regida por normas que variam segundo as metas comunicativas de seus interlocutores, que para ele não são falante e ouvinte, mas sim *self* e outro. Para um estudo mais aprofundado, cf. Paiva (2008).

⁴⁵ Texto original: “If you cause offence, at least do so in a way which doesn’t overtly conflict with the PP [Politeness Principle], but allows the hearer to arrive at the offensive point of your remark indirectly, by way of implicature” (LEECH, 1983, p. 82).

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.testosterona.blog.br/2012/08/15/dilma-pretende-gastar-mais-de-100mil-reais-para-renovar-a-cozinha-nao-e-piada/>>. Acesso em :19 set. 2013.

durante todo o seu mandato, por parte de seus opositores⁴⁷, preconceito por ser mulher. Essa atitude é de desrespeito e ficou muito clara a misoginia⁴⁸ contra a ex-prefeita. No tempo em que ela era prefeita, era comum ouvir de fortalezenses que “mulher não tem competência e nem punho para governar uma cidade como Fortaleza”.

O discurso político é geralmente caloroso e em algumas situações a impolidez é uma constante, porém nas interações de forma geral o princípio de Banter funciona de forma oposta, pois, se é ofensivo desejando ser amigável, isso acontece quando os participantes compartilham certo grau de afinidade, e os termos linguísticos utilizados, mesmo que sejam pejorativos, nesse contexto, têm o intuito de ser amigável. Essa prática é comum em redes sociais como blogs, pois é uma forma de expor o pensamento se “protegendo” da possível reação do participante. É de praxe ouvir: “é só uma brincadeira”. Esse discurso acaba funcionando como um atenuador, deixando o participante em uma situação delicada, pois ele fica exposto de tal forma, que acaba sendo forçado a “deixar prá lá” uma situação desconfortável e não discutir o assunto. O fato de esclarecer que é brincadeira não significa que não houve violação do direito do outro. De forma geral, esse discurso coage e na maioria das situações deixa o ofendido em um lugar de constrangimento, pois é associado àqueles que “não conseguem aceitar brincadeira”. Há uma inversão de posições e quem acaba ficando em evidência negativa é quem foi ofendido. Como no exemplo abaixo extraído do *post* “Como é a cabeça da mulher por dentro⁴⁹”, em que um comentário surge para apaziguar uma discussão entre dois participantes (homem e mulher). O autor da postagem abaixo vai em “defesa” das mulheres afirmando que as “mulheres têm cérebro” como estratégia para finalizar a discussão.

⁴⁷ A coordenadora do Hospital da Mulher Soraya Tupinambá ainda afirma que a própria Luizianne foi alvo de ataques machistas por parte dos opositores, que tentavam denegrir sua imagem como mulher. Mesmo assim, em nenhum momento a prefeita Luizianne recuou, defende. Disponível em: <<http://o-povo.jusbrasil.com.br/politica/103449895/prefeitura-rebate-critica-de-soraya-a-luizianne>>. Acesso em: 21 set. 2013.

⁴⁸ De acordo com o sociólogo Allan G. Johnson (2000, p. 149) “a misoginia é uma atitude cultural de ódio às mulheres porque elas são femininas”. Johnson argumentou que: “A [misoginia] é um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao auto-desprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos”. Bloch (1995, p. 78) afirma que “uma das verdades duradouras sobre a lógica binária excludente do discurso da misoginia é que suas exclusões operam onde quer que sejam focalizadas; por sua ilogicidade prejudicial, elas constituem uma série de duplos vínculos que não podem ser desenredados.”

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.testosterona.blog.br/2012/07/17/como-e-a-cabeca-da-mulher-por-dentro/>>. Acesso 19 set. 2013.

Na boa isso ai é apenas um humor, mulheres levem na esportiva ^^,
 todo mundo sabe que as mulheres tem cérebro

Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 21 de julho às 21:02

Nesse aspecto, Brown e Levinson (1987) ressaltam os conceitos dos atos ameaçadores de face. Esses estudiosos consideram que um ato ameaçador de face não é uma ação, mas a verbalização da ação, que pode ser expressa em forma de opinião, um sentimento, um juízo, que possa colocar o outro em situação de ameaça de face. Dentro de um contexto interativo, em que as faces tanto positivas quanto negativas estão em constante processo de preservação e exposição, é que a polidez trabalha equilibrando a interação. Para colocar em prática a polidez nos atos comunicativos, o participante leva em consideração três desejos: a) de comunicar o conteúdo de um ato ameaçador de face; b) de ser eficiente; c) de manter a face de seu interlocutor em alto grau. Com isso, baseado nesses desejos, o participante poderá utilizar algumas estratégias de enunciação que são:

a) Modo *on-record*: essa estratégia é utilizada se o participante tiver a intenção de se comprometer e de se responsabilizar pela enunciação de um ato ameaçador de face.

b) Modo *off-record*: essa estratégia está ligada à intenção do participante em evitar qualquer tipo de interação com o interlocutor e com aquilo que está enunciando. Essa é uma maneira de não se responsabilizar ou se comprometer pela enunciação de um ato ameaçador, pois não houve um comprometimento público. Esse tipo de estratégia é comum em textos literários, publicitários, políticos e em interações em redes sociais, como o blog, por exemplo, em que a utilização de figuras de linguagem, como metáfora, metonímia e principalmente a ironia, é comum nas interações, conferindo aos participantes a responsabilidade na construção, na interpretação e na negociação do significado.

c) *Bald-on-record*: se constitui na urgência da enunciação, ou seja, o participante tenta retratar o modo particular como a mensagem foi endereçada, em muitas situações, em tom seco, rude e até “despudorado”. Essa estratégia garante que o ato seja claro, conciso e objetivo e, principalmente, sem ambiguidades. Os imperativos são um bom exemplo desse recurso enunciativo.

Considerando a escolha do modo de enunciação (*on-record*, *off-record* e *bald-on-record*), Brown e Levinson (1987) elencam algumas vantagens em utilizar as estratégias *on-record*, *off-record* na atividade comunicativa.

Quadro 1: Vantagens dos modos de enunciação da polidez linguística

Vantagens de escolher estratégias <i>On-record</i> :	<ul style="list-style-type: none"> a) evitar mal entendidos; b) resgatar a face; c) receber crédito de honestidade; d) apurar apoio público;
Vantagens de escolher estratégias <i>Off-record</i> :	<ul style="list-style-type: none"> a) sofrer menos riscos, se seu ato tornar-se público; b) evitar coações; c) receber crédito por saber lidar com pessoas; d) evitar potencialmente a responsabilidade da interpretação da face demandada; e) testar os sentimentos do interlocutor para com ele; f) evitar interferências (menor abertura); g) exercer uma manipulação disfarçada.

Fonte: Quadro desenvolvido com base na obra de Brown; Levinson (1987).

Brown e Levinson (1987) além de considerar essas vantagens sobre os modos de enunciação elencam, baseados nesses modos, quarenta estratégias de polidez linguística. Essas estratégias estão disponibilizadas no quadro abaixo para melhor visualização e compreensão sobre qual dos modos que cada estratégia se refere.

Quadro 2: Estratégias de Polidez Linguística

<p>On-record: estratégias direcionadas à face positiva (polidez positiva)</p>	<p>1 - Note: (isto é, focalize) os interesses do ouvinte (interesses, metas, necessidades, qualidades), exalte a qualidade do ouvinte, fazendo com que ele se sinta apreciado;</p> <p>2 - Exagere (interesse, elogio, aprovação, simpatia com o ouvinte);</p> <p>3 - Intensifique o interesse do ouvinte (gere, aumente, mantenha a expectativa do ouvinte, sua face positiva);</p> <p>4 - Use marcadores de identidade e grupo no discurso (expressões linguísticas que identificam a formalidade e a camaradagem; o nível de polidez é balanceado dependendo do nível de distância social entre os interlocutores);</p> <p>5 - Procure concordar (o interlocutor busca a concordância através de expressões confirmativas. Ex.: “né?”);</p> <p>6 - Distancie-se da discordância (evitar a discordância na interação, utilizando as repetições e exageros);</p> <p>7 - Aceite, aumente, delimite o terreno comum (demonstrar ao ouvinte que compartilha de um determinado conhecimento, geralmente ao utilizar a expressão: “Eu sei”);</p> <p>8 - Brinque para deixar o ouvinte mais à vontade (é utilizada em situações em que interlocutores já possuem certa intimidade. Ex.: “Posso atacar esses biscoitos?”);</p> <p>9 - Acerte ou pressuponha conhecimento do ouvinte e de seus interesses (essa estratégia é similar a estratégia 7, a diferença é que aqui, você concorda valorizando a face do interlocutor, mas devido alguma situação precisa contrariar. Ex.: “Eu sei que você gosta de rosas, mas havia acabado então comprei gerânios”);</p> <p>10 - Ofereça, prometa (procurar algum crédito, ou seja, manter a sua face positiva, no que diz respeito a uma ação realizada por ele. Ex.: “Eu virei te visitar algum dia”);</p> <p>11 - Seja otimista sobre os interesses do ouvinte. Ele quer o que o falante quer (esse tipo de estratégia, apesar de se dedicar à polidez positiva, pode comprometer a polidez negativa, na medida em que o falante não fornece muitas escolhas para o ouvinte, fazendo com que este se sinta coagido a fazer algo. Ex.: “Você não se importa se eu pegar emprestado sua máquina de escrever?”);</p> <p>12 - Inclua ouvinte e falante na mesma atividade (a pluralização dos pronomes é utilizada nessa estratégia</p>
--	---

	<p>possibilitando que o interlocutor se sinta parte de um grupo, mesmo em circunstâncias em que um ato possa ameaçar sua face. Ex.: “Dê-nos um tempo”);</p> <p>13 - Forneça ou peça razões (estratégia utilizada a fim de estabelecer algum vínculo entre os interlocutores. É utilizada para fazer uma oferta de ajuda);</p> <p>14 - Acerte uma troca recíproca (é uma negociação a fim de gerar benefícios para ambos participantes. Dessa forma o custo seria minimizado);</p> <p>15 - Forneça presentes ao ouvinte (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação) (não precisa ser necessariamente objeto, mas sim elogios ou demonstrações de sentimentos a fim de facilitar a interação);</p>
<p><i>On-record:</i> Estratégias direcionadas à face negativa (polidez negativa)</p>	<p>16 - Seja convencionalmente indireto (“can” e “could” são marcadores de ato de fala indiretos, para amenizar alguns atos coercitivos, dessa forma o pedido minimiza a imposição, mas gera uma ameaça à face negativa do interlocutor);</p> <p>17 - Questione, restrinja-se (o uso de modalizadores como: eu acho, acredito, eu penso; pode ser uma forma de aliviar o grau de comprometimento entre enunciador e enunciado);</p> <p>18 - Seja pessimista (principal objetivo é estabelecer a distância entre falante e ouvinte por meio do pessimismo interacional. Por outro lado, o efeito pode ser uma forma de coação, impondo a alguém realizar alguma ação. Ex.: “Talvez você se importasse em me ajudar”);</p> <p>19 - Minimize a imposição (para amenizar a face negativa o interlocutor busca em palavras como: apenas, se um pouco; uma estratégia para fazer um pedido. Ex.: “Eu só queria pergunta a você se eu posso pegar emprestado um papel pequeno”?);</p> <p>20 - Demonstre respeito (a distância social e o respeito mútuo protege a face dos interlocutores. Ex.: “Está tudo certo, Senhor”);</p> <p>21 - Desculpe-se (a utilização do termo “desculpe por incomodar, mas....” é uma ação que pode minimizar algum conflito ou ameaça à face do interlocutor. O ato de desculpar-</p>

	<p>se implica um reconhecimento de aproximação entre os interlocutores);</p> <p>22 - Impessoalize o falante e o ouvinte. Distancie-se dos pronomes <i>eu</i> e <i>você</i> (a impessoalização, o uso de voz passiva ou omissão do sujeito pode minimizar a responsabilidade com o ato de fala enunciado e proteger a face do interlocutor. Ex.: “Isso quebrou – eu quebrei isso”);</p> <p>23 - Categorize um ato de ameaça à face como uma regra geral (a generalização, utilizando um provérbio ou conhecimento do senso comum, é uma forma de se eximir do que está sendo dito. Ex.: “Nós não sentamos em mesas, nós sentamos em cadeiras, Jonhny”);</p> <p>24 - Nominalize para distanciar o ator e adicione formalidade (a nominalização e a impessoalidade geram uma impessoalização que mantém uma distância entre os interlocutores. Ex.: “É um prazer estar apto para informá-lo”);</p> <p>25 - Aja como se estivesse em débito com o interlocutor ou como se o interlocutor não lhe devesse nada (a utilização de meios cerimoniosos a fim de minimizar o custo de uma ação pretendida com a promessa de um presente. Ex.: “Eu estaria eternamente agradecido se você pudesse...”);</p>
<p><i>Off-record</i>: estratégias de polidez linguística</p>	<p>26 - Faça insinuações (a forma de manifestação mais comum são as utilizações de atos de fala indiretos, ou seja, são declarações que intencionam um pedido. Ex.: “Está frio aqui”. Essa declaração pode significar: “Desligue o ventilador” ou “Feche a janela”);</p> <p>27 - Forneça pistas associativas (as pistas são geradas a partir de um conhecimento compartilhado e de um contexto particular. Ex.: “Oh Deus, estou com dor de cabeça novamente” pode soar como desculpa para não realizar algo);</p> <p>28 - Pressuponha (é necessário o contexto, o conhecimento compartilhado e os itens linguísticos para facilitar a interpretação do enunciado. Ex.: “Eu lavei o carro novamente hoje” significa que essa ação já aconteceu outras vezes);</p>

	<p>29 - Minimize (tem o objetivo de distorcer o estado das coisas, e para manter o equilíbrio da interação e minimizar o ato de ameaça a face, utilizamos alguns recursos linguísticos, tais como os modalizadores. Ex.: “Esse vestido está relativamente bom”);</p> <p>30 - Exagere (modifica o estado das coisas no intuito de buscar a concordância ou aprovação do interlocutor. Ex.: “Eu tentei ligar uma centena de vezes, mas...”);</p> <p>31 - Use tautologias (expressão que diz muito, enquanto não diz nada. Não fornece informação suficiente, mas gera concordância. Ex: provérbios ou sentenças, como “Guerra é guerra”);</p> <p>32 - Use contradições (a contradição não acrescenta um nível de informação necessário. Ex.: “Bem, John está aqui e não está”);</p> <p>33 - Seja irônico (essa estratégia é facilmente identificada em situações face a face, pois o tom de voz e os gestos contribuem para que o sentido seja recuperado. Em contexto de linguagem verbal, é recuperado através do contexto e de elementos paralinguísticos. Em algumas situações se aproxima das estratégias de impolidez e viola o princípio “seja polido”, pois utiliza a polidez superficialmente. Ex.: “John é realmente um gênio”);</p> <p>34 - Use metáforas (ela minimiza o comprometimento do interlocutor com o ato de fala proferido e lança no outro a responsabilidade pelo sentido escolhido. Ex.: “Harry é realmente um peixe”);</p> <p>35 - Use questões retóricas (é uma estratégia utilizada para desviar a atenção do outro para um determinado ato de fala. Ex.: “O que eu posso dizer?”);</p> <p>36 - Seja ambíguo (o fato de um determinado ato de fala permitir dois ou mais sentidos, pode ser uma forma de não estabelecer a cooperação comunicativa. Ex.: “John não é um tolo”);</p>
--	---

	<p>37 - Seja vago (essa estratégia institui em diferente nível distância interacional entre o falante e o ouvinte. De forma que ambos não compartilhem das mesmas informações. Ex.: “Eu estou indo, você sabe onde”);</p> <p>38 - Generalize (tem função de fundamentar um discurso por meio do senso comum, ou pela frequência que determinado evento acontece. Ex.: “Pessoas maduras, às vezes, ajudam com os pratos”);</p> <p>39 - Desloque o ouvinte (busca no outro uma forma de amenizar a ameaça de um determinado ato de fala. Ex.: “Vamos fazer a tarefa”. A utilização do plural não significa que quem proferiu o ato vai realizar a tarefa, mas outras pessoas a qual o ato foi direcionado);</p> <p>40 - Seja incompleto, use elipses (a omissão ou a falta de informação pode dar a entender que o interlocutor não quer ser cooperativo em um determinado ato comunicativo);</p>
--	---

Fonte: Quadro desenvolvido com base na obra de Brown; Levinson (1987) e Paiva (2008).

Sobre essas vantagens, Paiva (2008, p. 43) afirma que:

[...] é preferível realizar atos ameaçadores de face *off-record*, pois suas vantagens permitem que o falante seja apreciado na medida em que sofre menos riscos ao interagir com os demais. Contudo, a polidez linguística visa a uma habilidade social, que o falante deve ter ao interagir com seu interlocutor. Nesse caso, podemos dizer que, muitas vezes, ao assumirmos riscos quando nos comprometemos com um determinado ato, estamos elevando a nossa prioridade, que é manter ou instituir uma relação social.

Paiva (2008, p. 42) ressalta ainda que, para a estratégia *bald-on-record*, não foram mencionadas vantagens, já que os atos referentes a essa estratégia são considerados muito ameaçadores. Nesse aspecto, é importante ressaltar que alguns estudiosos como Culpeper (1996; 2003) têm se debruçado em conceber estratégias para a (im) polidez, considerando que os participantes de uma interação podem ser impolidos em diferentes graus e em diferentes instâncias.

1.6.2 A ironia/sarcasmo como princípio de (im) polidez

Antes de discutirmos a ironia e o sarcasmo como estratégia de (im) polidez, é importante considerar que impolidez é uma oposição complexa de polidez. Culpeper (1996, p. 355) argumenta que a impolidez é o parasita da polidez, pois qualquer participante em uma atividade comunicativa pode ser polido ou impolido dependendo da situação. A impolidez pode se apresentar quando há um conflito de interesses e não há interesse em preservar a face do outro. Um fator que é preciso considerar é que a impolidez pode ser a constituição de atos de fala que são proferidos no intuito de ofender, de violentar e alguns aspectos de face são mais suscetíveis ao ataque (CULPEPER, 1996). Maximizando essa visão, podemos dizer que, além de alguns aspectos de face, alguns grupos sociais, as mulheres, por exemplo, também são mais vulneráveis a esses ataques. Analisando alguns comentários de alguns *post* do blog *Testosterona*, é possível perceber que diante de um ato de fala impolido acontecem três situações: a) se os interagentes são colegas, a impolidez é minimizada e o outro colega pode devolver a “ofensa” ou não; b) se não há afinidade entre os participantes, o interagente ofendido é motivado a replicar ofendendo como forma de preservar sua face expondo a face do outro; c) o interagente ofendido pode se sentir acuado e não reagir ao ato impolido, que pode ser entendido como abuso de poder pelo papel social que cada um está inscrito.

Em algumas instâncias sociais a impolidez é uma estratégia de legitimação de poder Culpeper (1996). Kantara (2011) afirma que esse poder legitimado é quando alguém tem a liberdade de ação de alcançar os objetivos estabelecidos para um interlocutor específico. Aqui se enquadram os diversos termos pejorativos e preconceituosos que podem causar a misoginia contra a mulher, o negro, o índio, o pobre, etc. Dentro do escopo de análise desse trabalho, citamos como exemplo o *post* intitulado “Como é a cabeça da mulher por dentro⁵⁰”. A imagem em preto e branco mostra uma mulher sentada na cadeira do médico, que coloca a lanterna no ouvido dela e a luz reflete do outro lado na parede, dando a entender que “mulheres têm cabeça oca”. Os comentários abaixo deixam clara a indignação de uma moça loira em relação à pergunta do rapaz: “Depende, loira ou morena?” Ela não se intimida nem quando o outro rapaz entra na conversa afirmando que a mulher da imagem é loira com certeza.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.testosterona.blog.br/2012/07/17/como-e-a-cabeca-da-mulher-por-dentro/> acesso 19/09/2013.

Depende, Loira ou Morena ?

Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 17 de julho às 15:28

é a da sua mãe

Responder · 1 · Curtir · 23 de julho às 12:09

loira com certeza.

Responder · Curtir · 23 de julho às 19:47

sua mãe é loira??

Responder · Curtir · 24 de julho às 09:21

Aqui nesse exemplo é possível perceber que ofender a mãe é um ato extremo de impolidez, pois temos a cultura de que “mãe é algo sagrado”. Dessa forma, houve intenção de ofender para se defender, já que a garota que faz esse comentário aparece na foto de perfil como sendo loira. Um ponto que vale ressaltar é que na teoria de Brown e Levinson (1987) se concebem as perguntas como estratégia suavizadora de face, porém isso é questionável. No exemplo acima, é perceptível que a pergunta do rapaz “Depende, Loira ou Morena?” funcionou como um ato de fala impolido e preconceituoso. Em outras situações, a pergunta pode funcionar como um ato que coage o outro participante, por exemplo, pedir se pode usar o objeto de alguém pode em determinados contextos ser uma forma de coagir o empréstimo.

Um exemplo prático percebo entre meus filhos: o mais novo não é muito adepto em dividir o que está comendo, porém ele e os outros filhos têm consciência de que essa atitude não é aprovada por nós, pais. O filho mais velho se aproveita disso para coagir o irmão menor, ou seja, na frente de nós, pais, pergunta polidamente: “Iarley, por favor, você pode dar um pedacinho de bolo pro irmão?” O mais novo expressa um sorriso forçado, olha para nós e, se sentindo coagido, divide com o irmão. Esse tipo de situação pode acontecer em outros contextos com outros interagentes e pode também ser compreendida como uma estratégia *on-record* direcionada à face negativa: “seja convencionalmente indireto”. Pois aqui, nessa situação, o pedido foi utilizado para minimizar a imposição de um ato de fala. Ou ainda, por outro lado, como estratégia *off-record*: “seja irônico”. Essa estratégia só pode ser compreendida se quem estiver presenciando a situação compartilha do conhecimento que o irmão menor não gosta de dividir e o maior quis dar uma lição. O irmão mais velho foi ironicamente polido, não talvez, porque realmente queria uma parte do alimento, mas porque queria expor o irmão mais novo a uma situação “embaraçosa”. A ironia e a dissimulação trabalham próximas, em diferentes níveis, às estratégias de impolidez. Sobre a impolidez, Watts (2003, p. 255) ressalta que “(im)polidez torna-se parte da prática discursiva social

através da qual nós criamos, reproduzimos e mudamos nosso mundo social⁵¹”. Nesse aspecto, é importante estudar a impolidez nas situações comunicativas, pois os turnos de fala podem se alternar em atos enunciativos polidos ou impolidos. Por isso os atos impolidos também podem ser observados de forma escalar e situacional.

Culpeper (1996) sugere um quadro para impolidez contra-argumentando as estratégias enunciativas de polidez de Brown e Levinson (1987):

- a) Impolidez *Bald-on-record*: O FTA (*face threatening act*) é realizado de uma forma direta, clara e concisa, em que a face é relevante, ou seja, em casos em que a face está em jogo. O que fica evidente é a intenção do falante atacar a face do ouvinte;
- b) Impolidez positiva: o uso de estratégias designadas para ferir a *face want* (o desejo da preservação da face) positiva do participante.
- c) Impolidez negativa: o uso de estratégias designadas para ferir a *face want* negativa do participante.
- d) Sarcasmos ou *mock politeness*: O FTA é realizado com o uso de estratégias de polidez que são obviamente falsas, e por isso mantém uma realização superficial.

Culpeper (ibidem) sugere uma lista de estratégias de output para impolidez negativa e positiva.

1.6.3 Estratégias de *output* de impolidez positiva e negativa

O quadro abaixo mostra de forma objetiva as estratégias de output de impolidez positiva e negativa, baseada nos estudos de Culpeper (1996).

Quadro 3: Estratégias de (im)polidez

⁵¹ Texto original: “(Im)politeness then becomes part of the discursive social practice through which we create, reproduce and change our social worlds” (WATTS, 2003, p. 255).

<p>Estratégias de <i>output</i> de impolidez positiva</p>	<p>a) Ignore, censure o outro - deixe de reconhecer a presença do outro;</p> <p>b) Exclua o outro de uma atividade;</p> <p>c) Desassociar o outro – por exemplo, negue associação ou comum acordo com o outro;</p> <p>d) Seja desinteressado, despreocupado e antipático;</p> <p>e) Use marcadores de identidade inapropriados – por exemplo use nome e sobrenome quando possui uma relacionamento próximo, ou o apelido quando pertence a um relacionamento distante;</p> <p>f) Use linguagem secreta e obscura – por exemplo, engane o outro com gíria, ou use um código conhecido por outros grupos, mas não o alvo;</p> <p>g) Busque discordar – selecione um tópico delicado;</p> <p>h) Faça o outro sentir desconfortável – por exemplo não evite o silêncio, piada, ou use conversa fiada;</p> <p>i) Use palavras que são tabus – blasfeme ou use linguagem profana ou abusiva. Chame de outros nomes – use nomações depreciativas.</p>
<p>Estratégias de <i>output</i> de impolidez negativa</p>	<p>a) Assustar – incutir uma crença de que uma ação prejudicial para o outro ocorrerá;</p> <p>b) Condescender, desprezar ou ridicularizar – enfatizar o seu poder relativo, seja desprezível;</p> <p>c) Não trate o outro seriamente. Menospreze o outro;</p> <p>d) Invada o espaço do outro- literalmente ou metaforicamente (ex: pergunte por, ou fale sobre algo que é muito íntimo em um dado relacionamento);</p> <p>e) Associar explicitamente o outro com um aspecto negativo – personalize use os pronomes “eu” e “você”;</p> <p>f) Coloque o endividamento do outro em questão.</p>

Fonte: Quadro desenvolvido com base na obra de Culpeper (1996, p.355)

Culpeper (2003, p. 1549-1550) discute como os atos indiretos associados com a estratégia *bald-on-record* da teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987), ao invés de promover a polidez, podem aumentar a impolidez. O argumento básico se fundamenta na consciência de que esses fatores dependem do contexto, do sujeito e das variantes culturais

em questão, e principalmente da reação do ouvinte. Sob esse aspecto, de que a reação do ouvinte é o termômetro para a escala de um ato impolido, é que as enunciações discursivas em termos de violência são questionáveis, pois pode ser que a intenção não foi de ofender, mas isso não é garantia de que aquele determinado ato não ofenda. Os atos irônicos/sarcásticos, mesmo proferidos de forma jocosa, não são isentos de serem impolidos ou até ofensivos/violentos. Nesse aspecto, as estratégias da (im) polidez linguística e ironia são pertinentes para esse trabalho, pois fornecem respaldo para discutir e analisar os atos de fala nos blogs *Testosterona* e *Acidez Feminina*. Na vertente dos estudos da linguagem, considerando a complexidade social, é que as estratégias de (im) polidez linguística e os modos de operação da ideologia se afinam para uma subárea mais específica, que é uma pragmática mais cultural, a fim de dar conta, ou melhor, discutir a dinamicidade nas relações sociais no contexto blog.

2. METODOLOGIA

Congruente ao arcabouço teórico optamos por uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, cujo *corpus* serão 4 postagens e os comentários do blog *Testosterona* do ano de 2012 e 2013 e 1 postagem do blog *Acidez Feminina*, do ano de 2012. O que nos propomos a fazer é analisar a linguagem de produção do blog, tanto verbal como imagético, sob as categorias no quadro abaixo proposto. Esse quadro versa sobre os modos de operação da ideologia segundo Thompson e as categorias da (im)polidez linguística.

Estudar a violência linguística em blogs é um desafio, pois não há muitos estudos nessa área. Muitos autores e autoras estudam sobre a violência, inclusive contra a mulher, como: Scott (1986); Celmer (2010); Butler (1997); Shah (2005); Bourdieu (2002); Neuman (2004) entre outros. Porém, esses estudos não focam especificamente a violência linguística, como os trabalhos de Alencar (2006) e Silva (2010). A questão de não haver muitos estudos considerando a violência virtual é compreensível, pois é algo novo. Foi apenas a partir dos avanços tecnológicos que as práticas interativas passaram a acontecer através do computador, especificamente, no blog.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011), em seu livro sobre métodos de pesquisa para internet, afirmam que os estudos relativos à internet fazem parte de um campo em constantes mudanças, portanto fica inviável construir um manual metodológico rígido. Ao contrário, é preciso considerar sua natureza rápida, mutável e efêmera que deve ser “compreendida dentro de um contexto sócio-histórico que dialoga com a tradição dos estudos da comunicação, cultura, mídia e tecnologia” (STERNE, 1999, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 28). Essas autoras salientam que os métodos de estudo na internet são baseados em premissas da Análise de Redes Sociais (ARS), e que uma rede social, por si só, já é uma metáfora estrutural, pois a atitude de analisar um grupo como uma rede significa analisar sua estrutura, em que, de um lado, estão os “nós” e, de outro, as arestas, ou conexões. Os “nós” são os atores envolvidos e suas representações na internet (blog); as conexões são mais plurais, por exemplos, as interações que são construídas entre os atores (comentários e postagens dos blogs). Elas ainda ressaltam que:

O estudo das redes sociais na internet é retomado como abordagem principalmente após o surgimento dos chamados sites de redes sociais na

internet (BOYD & ELLISON, 2007). Esses sites são caracterizados pela construção de um perfil com características identitárias (que são percebidos como os atores sociais) e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis (as arestas na rede social). Como a internet possui ainda características da pertinência das interações sociais, essas são mais facilmente percebidas, gerando novas oportunidades de estudo desses grupos sociais (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 116).

No mesmo veio, Recuero, Amaral e Montardo (2008) consideram os blogs como ferramenta de comunicação e interação social, que funcionam como um espaço social de postagem e comentários que têm um impacto social. E o autor pode postar o que quiser, pensando em obter audiência que é mediada através dos comentários. Dependendo da audiência um determinado blog, pode-se conseguir patrocinadores, e essa atividade vir a funcionar como uma possibilidade de trabalho remunerado. O patrocínio e a fama aumentam a credibilidade de um blog e, de certo modo, as postagens podem ter um impacto diferente de um blog que não tem o mesmo prestígio. Seria como afirmar que, “se todo mundo curte, se essas empresas patrocinam, deve ser bom”, e essa publicidade é capaz de influenciar nas postagens, nos comentários e no grau de aceitação dos consumidores. No caso de nosso estudo, os blogs *Testosterona* e *Acidez Feminina* são patrocinados por grandes empresas⁵², que possuem uma grande abrangência na difusão. Isso confere certo grau de *status* social, porém menor liberdade de expressão.

Aqui, nesse trabalho, todas as postagens e comentários são compreendidos como produção, pois tanto o administrador do blog como os interagentes que comentam as postagens estão produzindo atos de fala e, portanto, intervindo no meio social. É notório ainda que uma postagem ou comentário opera implicitamente com um objetivo ideológico, seja para combinar determinado conteúdo verbal com determinado conteúdo imagético, seja para concordar ou discordar de determinada postagem. O ideológico pode estar implícito ou explícito para o interagente e pode aparecer em seus comentários, que, dependendo da situação – se aceitação, rejeição, concordância, discordância etc. –, podem versar entre polidos ou impolidos.

Ao olhar suscintamente sobre os dados, percebemos que esse aporte teórico-metodológico pode contribuir para uma discussão mais profunda e consistente sobre a questão da violência linguística contra a mulher e, dessa forma, contribuir para que a violência

⁵² A lista com o nome dessas empresas aparecem no tópico 2.2 corpus da pesquisa.

linguística seja compreendida como uma violência que fere e tem consequências irreparáveis tal como a violência física.

Quadro 4: Quadro metodológico baseado nos modos gerais da Ideologia

FOCO DOS MODOS GERAIS	MODOS GERAIS	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
Argumento	LEGITIMAÇÃO (relações de dominação podem ser estabelecidas ou sustentadas se forem apresentadas como legítimas)	Racionalização: através da qual o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender e persuadir uma audiência de que é digno de apoio.
		Universalização: são os interesses de alguns indivíduos que são apresentados através de acordos como servindo aos interesses de todos.
		Narrativização: estórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável. Nas estórias cotidianas, os seres sociais recontam como o mundo se apresenta, e reforçam através do humor a ordem aparente das coisas.
No outro	DISSIMULAÇÃO (relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas utilizando estratégias de ocultação, negação, obscurecimento, ou ser apresentadas de modo dissimulado)	Deslocamento: termos usados para se referir a um outro, assim os sentidos bons ou ruins são deslocados para o outro referente.
		Eufemização: a construção discursiva acrescenta uma valoração positiva e consequentemente se funde com a estratégia de Estandardização – formas simbólicas que são adaptadas a um referencial padrão, no intuito de criar uma identidade coletiva e uma hierarquia legitimidade.
		Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora): é a utilização de figuras de linguagem a fim de generalizar algum grupo social ou dissimular algum discurso e alcançar um determinado grupo ou determinado objetivo.
Signo	UNIFICAÇÃO (é uma estratégia que unifica os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões)	Estandardização ou padronização: formas simbólicas que são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. O estabelecimento da linguagem a fim de criar uma identidade coletiva entre os grupos.
		Simbolização da unidade: essa estratégia envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos. Ex.: bandeiras, emblemas,

		hino nacional.
Relação social	FRAGMENTAÇÃO (relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando indivíduos e grupos que são um desafio ao grupo dominante)	Diferenciação: ênfase à distinção entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo a quem está no poder.
		Expurgo do outro: envolve a construção de um inimigo, que é retratado como mau, perigoso ou ameaçador, a fim de expurgá-lo. Essa estratégia é utilizada pela mídia para caracterizar um candidato que não “pode” ser eleito.
Contexto histórico e social	REIFICAÇÃO (relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se a situação fosse permanente, natural e atemporal)	Naturalização: uma criação histórica ou social pode ser tratada como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais.
		Eternalização: fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes.

Fonte: Thompson (2009).

2.1 Explicação do quadro metodológico

Nos tópicos subseqüentes faremos uma explicação detalhada sobre cada parte do quadro metodológico apresentado acima.

2.1.1 Foco dos modos gerais – modos gerais- estratégias típicas de construção simbólica

Para estruturar esse quadro, foi preciso compreender as particularidades dos modos gerais das estratégias típicas de construção simbólica⁵³ de Thompson, pois alguns modos pareciam, em certo ponto, redundantes. Após esse olhar mais apurado, percebemos que esses modos gerais podem ser divididos em 5 grupos, com foco, a saber: no argumento; no outro; no signo; na relação social; no contexto histórico-social.

Thompson em toda sua discussão no livro *Ideologia e Cultura Moderna* (2009) não demarca os modos gerais nessa perspectiva. Esse é o nosso olhar, para poder explicar

⁵³ Thompson (2006, p. 34) entende por forma simbólica ou construção simbólica os fenômenos sociais contextualizados, são produzidos, circulam e são recebidos dentro de condições sócio-históricas específicas que podem ser reconstruídas com a ajuda de métodos empíricos, observacionais e documentários.

melhor, no próximo subtópico, a atuação desses modos gerais face às estratégias de (im)polidez.

No grupo em que o foco é o argumento, o modo geral a que diz respeito é o modo de Legitimação e suas estratégias são as de Racionalização, Universalização e Narrativização. No grupo em que o foco é o outro, o modo geral é a Dissimulação e as estratégias de Deslocamento; Eufemização; Tropo. No grupo em que o foco se refere ao signo, o modo geral é a Unificação e as estratégias de Estandarização ou Padronização e Simbolização da Unidade. No grupo em que o foco é a relação social, o modo geral é a Fragmentação e as estratégias de Diferenciação e Expurgo do outro. No grupo do contexto histórico e social, o modo geral é a Reificação e as estratégias são de Naturalização e Eternalização.

2.1.2 Os pormenores

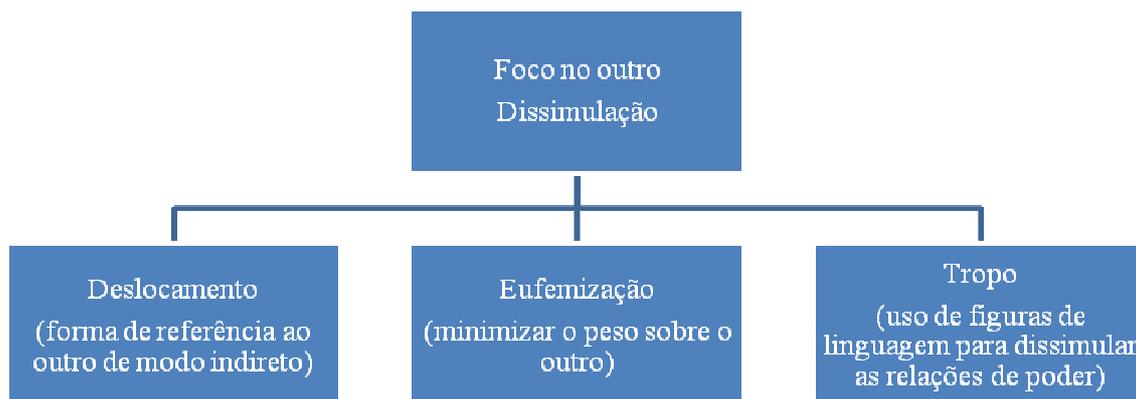
Nesse momento consideramos importante explicar um pouco melhor cada componente desse quadro, por isso utilizaremos cada recorte para uma explicação mais detalhada. O primeiro trecho diz respeito ao foco na argumentação, que se refere ao modo geral de Legitimação e as estratégias de Racionalização, Universalização e Narrativização.



Organograma 1: Foco no argumento – Modo de operação: Legitimação.

O processo de legitimação pode acontecer basicamente através dos atos de fala. Os interagentes sociais constroem e desconstroem a realidade social através do uso da linguagem, seja ela verbal ou imagética. O foco aqui é na forma que esses atos de fala são articulados com a consequência específica de legitimar relações de dominação que podem ser

estabelecidas ou sustentadas se forem apresentadas como legítimas. É o que percebemos nos blogs utilizados na pesquisa: cada postagem e cada comentário tem o intuito de legitimar um pensamento, uma prática social, ou até mesmo de se fazer parte daquele grupo. Pensando de forma mais específica nas estratégias de Racionalização, Universalização e Narrativização, é possível perceber que na primeira estratégia o objetivo é construir um raciocínio, defender e persuadir uma audiência que é digna de apoio. Na segunda estratégia, o argumento é o valor cultural de alguns que são expostos em forma de atos de fala e que são apresentados através de acordos como servindo as interesses de todos. A terceira diz respeito à reafirmação do argumento. Nessa estratégia, os interagentes recontam histórias cotidianas do passado ou do presente, reforçando a ordem aparente das coisas. Isso pode ou não acontecer através do humor. É o que acontece com frequência na linguagem presente no blog, pois um argumento, mesmo que seja preconceituoso, se é engraçado, é repetido por outros participantes e acaba se tornando comum na sociedade. Um bom exemplo disso são algumas construções como: “toda loura é burra”, “lugar de mulher é na cozinha”. Esse tipo de discurso é apresentado, contado e recontado, e acaba de certa forma influenciando comportamentos e atitudes preconceituosas. Thompson (2009, p. 133) afirma que “o que as pessoas lêem, vêem e ouvem é algo familiar e banal, e nessa esfera simbólica de familiaridade repetida é inserida uma cadeia de slogans aparentemente inocentes, que se apresentam como verdades auto-evidentes e eternas”.



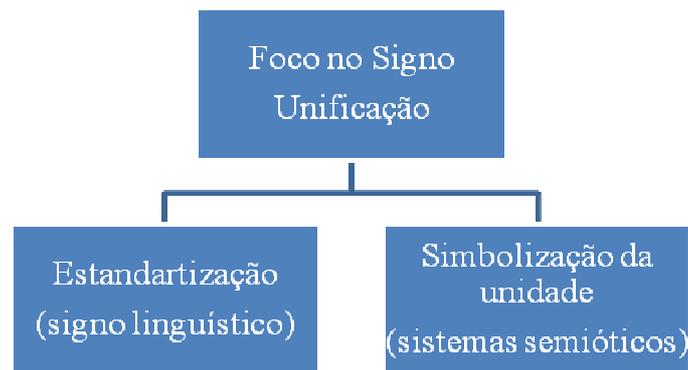
Organograma 2: Foco no outro – Modo de operação: Dissimulação.

No modo Dissimulação, o foco se refere ao outro, pois as relações de dominação podem ser estabelecidas e/ou sustentadas utilizando estratégias de ocultação, negação, ou ser apresentadas de modo dissimulado. Essa dinâmica geralmente envolve mais de uma pessoa e

o discurso é trabalhado levando-se em conta o outro. O general de Exército Sergio Ernesto Alves Conforto, ministro do Superior Tribunal Militar⁵⁴ (STM), publicou um artigo afirmando que a dissimulação contém as ideias da máxima perfeição do trabalho de inteligência, qual seja, induzir o adversário (alvo) a conduzir suas ações de acordo com o interesse, de modo que o outro não reconheça que foi induzido a atuar em favor de algo e de alguém. Embora esse conceito de dissimulação fosse utilizado em um contexto de “embate militar”, podemos ressignificar esse sentido para o campo linguístico em que a linguagem é, quase sempre, uma grande arena de conflitos que, em muitas situações, pode decidir rumos de vida. Por exemplo, em um tribunal, o bom advogado é o responsável pelo futuro de seu cliente, e o que caracteriza o bom advogado, além de conhecer leis, é saber articular bem a linguagem, a fim de convencer o júri, independentemente dos fatos e das evidências. É interessante pensar que nesse contexto, mesmo que as evidências sejam conclusivas, sempre paira a dúvida se o acusado não confessar o delito.

Nesse veio, sobre a estratégia de Deslocamento, temos, por exemplo, o investimento linguístico da mídia quando se quer construir uma imagem negativa ou positiva de alguém. Nesse aspecto, a ideologia funciona nas construções de produção discursivas do blog quando o sentido negativo de machista é deslocado para outro referente, por meio do humor que opera como amenizador para isso. A atitude de minimizar o peso sobre o outro se concretiza na estratégia de Eufemização, em que o discurso é articulado, para que, de forma sutil ou até imperceptível, o sentido seja mudado. Por exemplo, podemos citar a postagem do blog *Testosterona* que diz: “O que toda mulher precisa saber sobre relacionamento”. Essa postagem é sobre a polêmica discussão – sexo anal. Ao ler os detalhes da postagem, é possível perceber a valoração positiva sobre o tema, como se sexo anal fosse sinônimo de relacionamento feliz. E toda essa construção simbólica é feita através da estratégia de *Tropo*, em que as figuras de linguagem operam para dissimular as relações sociais através da confusão ou da inversão das relações, como no exemplo acima, colocando a mulher que não adere à prática de sexo anal a uma condição desconfortável. De forma prática, a postagem que foi citada como exemplo é utilizada de forma dissimulada, e todo o sentido negativo é deslocado para a mulher que não aceita esse tipo de prática sexual

⁵⁴ Disponível em: <http://www.faap.br/cemgn/clippings/pdf/revista_qualimetria_223.pdf>. Acesso em 17 ago. 2013.



Organograma 3: Foco no signo – Modo de operação: Unificação.

Ao abordar o foco no signo a partir do modo de operação Unificação, segundo Thompson (2009, p. 86), o esforço é no sentido de estabelecer e sustentar a linguagem, para que as relações de dominação aconteçam em uma identidade coletiva, independentemente das divisões e diferenças que possam separá-los. Esse modo pode ser expresso através da estratégia de Estandartização em que um referencial padrão é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. Thompson (ibidem) ressalta que essa estratégia pode ser utilizada por chefes de Estado a fim de criar uma identidade coletiva entre os grupos e uma hierarquia legitimada entre línguas e dialetos. No contexto do blog, observamos que há esse esforço de uso linguístico para demarcar a hierarquia entre homem e mulher, colocando o homem em um status hierárquico superior em relação as mulheres. Como exemplo, citamos as construções do blog Testosterona: mundo macho, tirinhas do macho, camiseta do macho, em contrapartida com as construções: mulheres, feministas. O signo aqui foco na distinção de gênero entre homem e mulher/ masculino e feminino. Essas construções padronizam todos os seres que se dizem mulher, no grupo feminino, ou homem, no grupo masculino. Por exemplo, na estratégia Simbolização da unidade, em que símbolos são construídos como identidade ou identificação coletiva, no contexto social e também no blog, refere-se aos símbolos que são utilizados para distinguir os dois grupos, a saber: ♀♂⁵⁵, em algumas postagens, o avental, a bola, o copo de cerveja, a sombra do corpo de uma mulher.

Thompson (ibidem) ressalta que, na prática, a simbolização da unidade pode estar interligada ao processo de narrativização, na medida em que esses símbolos fazem parte das

⁵⁵ O símbolo do sexo feminino representa a deusa Vénus da mitologia grega. Este símbolo considera-se ser uma representação da deusa com o espelho na mão. O símbolo do sexo masculino representa o deus Marte na mitologia romana. Este símbolo considera-se ser uma representação militar de uma lança e de um escudo. Disponível em: <desenhar-sorrisos-sem-borracha.blogspot.com.br/2009/02/os-simbolos-do-sexo-feminino-e.html> Acesso em: 17 ago. 2013.

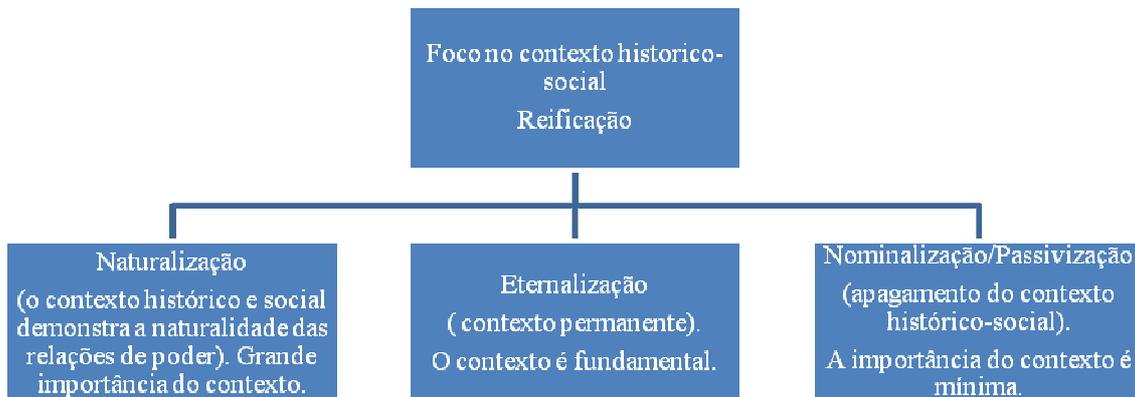
narrativas que são reapropriadas e recontadas pelos agentes sociais. E essa simbolização pode em algumas situações servir para estabelecer e sustentar relações de dominação, que é o que acontece em algumas postagens do blog, por exemplo: há uma postagem intitulada “Violência contra o homem” cujo símbolo avental aparece sendo utilizado no homem que está na cozinha descascando alho. Essa postagem denota algo como se um homem cozinhar fosse um tipo de violência contra o homem.



Organograma 4: Foco na relação social – Modo de operação: Fragmentação.

Ao tratarmos do modo Fragmentação, em que o foco é na relação social, as relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas em um coletivo, mas segmentando os grupos ou pessoas que representam uma ameaça a um determinado grupo dominante. O foco é na relação social, pois são nas relações que essas partições acontecem. A estratégia de diferenciação e expurgo do outro trabalham no intuito de cumprir esse papel fragmentado. Na diferenciação, a ênfase é dada às diferenciações, divisões entre os grupos para provocar desunião entre eles, e impedem que eles se unam para ir contra um participante efetivo no exercício do poder. No expurgo do outro, a estratégia é construir um inimigo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador (THOMPSON, 2009) e em que os interagentes são convidados a repudiar ou expurgar. Em algumas postagens no blog em que existe a diferenciação entre homem e mulher, ambos são retratados em uma disputa em que a mulher precisa sempre ceder, para “ser feliz”. Se, por acaso, algumas delas se manifestam contra, são expurgadas, ridicularizadas pelos outros participantes do blog, inclusive participantes do sexo

feminino.



Organograma 5: Foco no contexto histórico-social – Modo de operação: Reificação.

No último modo de operação, que é a Reificação, com foco no contexto histórico-social, as relações de dominação são retratadas de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente ou até atemporal. Thompson (2009, p.87) afirma que: “processos são retratados como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural, de tal modo que o seu caráter social e histórico é eclipsado”. Isso significa uma espécie de conflito social em que há uma espécie de apagamento do histórico. Citamos como exemplo o discurso machista colonial que permeia o discurso de homens e até mulheres, em vários contextos. O modo de reificação pode ser expresso através das estratégias de Naturalização: em que uma invenção social pode ser tratada como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais, como acontece com a divisão socialmente instituída do trabalho entre homem e mulher. Dessa forma, o contexto desempenha um papel de grande importância. Por exemplo, no contexto de uma fábrica, uma mulher não tem a força física que um homem possui.

Na estratégia de Eternalização o contexto é fundamental para que os fenômenos sócio-históricos sejam esvaziados de seu caráter histórico e apresentados como permanentes e recorrentes. É possível visualizar esses fatores nos costumes e tradições que são reflexos do passado que são geralmente questionados no presente e são difíceis de serem modificados. É como se cristalizasse na vida social, e seu caráter a-histórico é reafirmado através das formas simbólicas que na sua construção, como também na pura repetição, eternalizam o contingente (THOMPSON, 2009). Como exemplo, podemos citar o contexto “casamento” ou “relacionamento” em que a mulher é geralmente a parte que precisa ceder para que o

relacionamento siga adiante. No contexto de violência, a mulher geralmente é a parte que sofre os abusos. É possível ainda perceber a ideologia como reificação na estratégia de Nominalização/Passivização em que o contexto não é importante, pois se expressa a partir dos vários recursos gramaticais e sintáticos. Isso acontece quando os verbos são colocados na voz passiva, para que ocorra um apagamento dos atores e os processos são representados como coisas ou acontecimentos. Existe ainda uma tendência de eliminar a referência de contexto espacial e temporal específicos. Thompson (2009, p. 88-89) afirma que: “Representando processos como coisas, diluindo atores e ações, apresentando o tempo como uma extensão eterna do tempo presente: estas são muitas maneiras de restabelecer a dimensão da sociedade ‘sem história’ no coração da sociedade histórica”. Isso pode ser compreendido pelos discursos que circulam na sociedade como naturais, mas que na verdade são discursos que vêm, ao longo do tempo, sendo naturalizados ao longo da evolução da humanidade, como compreendemos que o discurso machista é uma narrativização de um discurso patriarcal.

De fato, é importante ressaltar que esses modos de operação da ideologia, juntamente com suas estratégias, não são fenômenos estáticos ou isolados, pelo contrário, compreendemos como um grande complexo que em muitas situações suas estratégias se fluidificam e perpassam uma pelas outras, e que independentemente das circunstâncias essas estratégias são partes de um embate simbólico e ideológico entre as relações de poder.

2.1.3 As estratégias de (im)polidez

As estratégias de polidez e impolidez linguística, nesse trabalho, não funcionaram em um único modo ou foco de operação específico, mas transitaram em vários focos diferentes. As estratégias de (im)polidez linguística possivelmente podem, nessa pesquisa, aparecer articuladas em alguns modos de operação da ideologia como:

FOCO NO ARGUMENTO: **Estratégia** (14): Acerte uma troca recíproca; **Estratégia** (33): Seja irônico; **Estratégia** (36): Seja ambíguo; **Estratégia** (38): Generalize; **Estratégia** (impolidez negativa): Associar explicitamente o outro com um aspecto negativo; **Estratégia** (impolidez positiva): Faça o outro se sentir desconfortável;

FOCO NO OUTRO: Estratégia (17): Questione, restrinja-se; **Estratégia (33):** Seja irônico; **Estratégia (impolidez positiva):** Ignore, censure o outro; Busque discordar; **Estratégia (impolidez negativa):** Associar explicitamente o outro com um aspecto negativo; Invada o espaço do outro; Ridicularizar – Seja desprezível;

FOCO NO SIGNO: Estratégia (17): Questione; **Estratégia (28):** Pressuponha; **Estratégia (29):** Minimize; **Estratégia (34):** Use metáforas; **Estratégia (impolidez positiva):** Use linguagem secreta e obscura; **Estratégia (impolidez negativa):** Assustar;

FOCO NA RELAÇÃO SOCIAL: Estratégia (38): Generalize; **Estratégia (impolidez positiva):** Ignore, censure o outro; Busque discordar; Faça o outro se sentir desconfortável; **Estratégia (impolidez positiva):** Faça o outro se sentir desconfortável; **Estratégia (impolidez negativa):** Associar explicitamente o outro com um aspecto negativo;

FOCO NO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL: Estratégia (Impolidez negativa): Invada o espaço do outro literalmente ou metaforicamente;

2.2 *Corpus da pesquisa*

A princípio, o foco de pesquisa era apenas estudar a violência no blog *Testosterona*, porém, navegando sobre as postagens e analisando a caracterização desse blog, é que observamos postagens frequentes de autoria de uma mulher, as quais direcionavam para outro blog chamado *Acidez Feminina*. Inicialmente achamos interessante uma mulher tendo espaço em um blog masculino, porém, analisando mais a fundo, percebemos que as postagens dela não se pautavam exatamente em defesa das mulheres. Segunda a autora desse blog, o objetivo é combater as “frescuras e hipocrisias” das mulheres. Dessa forma, pode ser interessante analisar algumas postagens de ambos os blogs a partir da teoria da ideologia de Thompson e (im)polidez linguística. Para contextualizar o objeto da pesquisa, é importante mostrar a constituição dos blogs como abaixo.

2.2.1 Blog Testosterona

O blog *Testosterona* tem como subtítulo “o blog do macho moderno” e foi criado em junho de 2008 por Eduardo Mendes. No link “Sobre”, que fala sobre o blog, Eduardo inicia dizendo que o blog *Testosterona* é um blog de humor e que postagem alguma fosse levada a sério, embora diga que o intuito do blog é propagar valores morais e bons costumes. Eduardo se intitula como corintiano, cínico, sarcástico, mentiroso, fã de filmes de faroeste e de séries de TV com apelo pornográfico, e gosta de cerveja gelada e mulheres quentes. Eduardo dedica seu tempo em manter o blog atualizado e afirma que “não é machista, pois machismo é burrice e burrice é coisa de mulher”. Como empresário Eduardo montou na cozinha de sua casa um espaço para que sua mulher trabalhasse no blog *Acidez Feminina* enquanto cozinhasse, comprou ações do *facebook* e é sócio do Google.

Ele afirma que “a mulher é uma rainha e que a cozinha é seu castelo”⁵⁶.

Algumas informações interessantes que constam no Mediakit de junho de 2013 do blog *Testosterona*, para os interessados em anunciar no blog:



⁵⁶ Essa e as outras citações desse tópico, que são proferidas pelo administrador do blog se encontram no link “Sobre” na barra de ferramentas da página principal do blog Testosterona. Disponível em: <<http://www.testosterona.blog.br/sobre/>> Acesso em: 20 ago. 2013.

QUEM JÁ ANUNCIOU:

VISA – [ver anúncio](#)

IG – [ver anúncio](#)

BRAHMA – [ver anúncio](#)

JOHNNIE WALKER – [ver anúncio](#)

VOLVO – [ver anúncio](#)

NETSHOES – [ver anúncio](#)

HBO – [ver anúncio](#)

BACARDI – [ver anúncio](#)

GILLETE – [ver anúncio](#)

DEVASSA – [ver anúncio](#)

PLAYARTE – [ver anúncio](#)

PANINI – [ver anúncio](#)

LOJA DO PRAZER – [ver anúncio](#)

NFL – [ver anúncio](#)

AXE – [ver anúncio](#)

UNIQUE – [ver anúncio](#)

PRUDENCE – [ver anúncio](#)

DUFF – [ver anúncio](#)

ITAÚ – [ver anúncio](#)

PRESTOBARBA – [ver anúncio](#)

KAISER – [ver anúncio](#)

SMIRNOFF – [ver anúncio](#)

RENAULT – [ver anúncio](#)

TELEFONICA – [ver anúncio](#)

PEPSI – [ver anúncio](#)

CHIVAS REGAL – [ver anúncio](#)

O BOTICÁRIO – [ver anúncio](#)

MOBIL 1 – [ver anúncio](#)

OI – [ver anúncio](#)

CLUBE DO POKER – [ver anúncio](#)

JB – [ver anúncio](#)

FABER-CASTELL – [ver anúncio](#)

BIC – [ver anúncio](#)

YÁZIGI – [ver anúncio](#)

GUARANÁ ANTÁRTICA – [ver anúncio](#)

HOPI HARI – [ver anúncio](#)

ADIDAS – [ver anúncio](#)

SONY PICTURES – [ver anúncio](#)

SKOL – [ver anúncio](#)

CAIPIRINHA 51 – [ver anúncio](#)

PIRELLI – [ver anúncio](#)

SHELL – [ver anúncio](#)

OLLA – [ver anúncio](#)

FUSION ENERGY DRINK – [ver anúncio](#)

NÍVEA – [ver anúncio](#)

BURN – [ver anúncio](#)

SENAC – [ver anúncio](#)

CAMISETARIA – [ver anúncio](#)

CITROEN – [ver anúncio](#)

MAGAZINE LUIZA – [ver anúncio](#)

KFC – [ver anúncio](#)

CITROEN – [ver anúncio](#)

CARREFOUR – [ver anúncio](#)

ITAÚ – [ver anúncio](#)

ESTATÍSTICAS DE ACESSO



2.2.2 Blog Acidez Feminina

A personagem Acid Girl é uma personagem criada por Tatiane Ferreira, mulher de Eduardo Mendes, para uma coluna no blog *Testosterona*, que com o tempo virou um blog. A intenção dessa personagem sempre foi falar abertamente sobre o comportamento feminino e a

maneira de se relacionar que “as mulheres não dizem, tentando esconder com joguinhos e não me toques”.

O nome *Acidez*, segundo Tatiane, é porque “os assuntos tratados são desmistificados através de críticas ácidas e comentários sinceros que as mulheres preferem não dizer”. Ela afirma ainda que os assuntos são polêmicos, pois “eles querem entrar em um patamar de discussão em que a maioria das pessoas preferem evitar, principalmente as mulheres⁵⁷”.

2.2.3 A parte comercial

Os blogs *Testosterona* e *Acidez Feminina* estão hospedados no provedor da MTV e são dois blogs muito acessados. O Blog masculino tem uma gama maior de patrocinadores. Entre os trinta patrocinadores estão: Pepsi, Visa, Kaiser, Devassa, Itaú, Boticário, Senac, Skol, Volvo, Ig, Olla etc.

O blog *Acidez Feminina* conta com um número de dezoito patrocinadores: Dell, Antártica, Fox, Natura, Oi, Peugeot, Skol, Pirelli, Listerine, Fruittella, Bacardi etc.

Saber quem são os patrocinadores confere ao blog um status diferenciado e com certeza credibilidade, pois as empresas patrocinadoras são empresas importantes, comercialmente falando.

Dessa forma, serão analisadas seis postagens, das quais três se referem ao ano de 2012 e três são referentes ao ano de 2013. Cinco são do blog *Testosterona* e uma do blog *Acidez Feminina*, as quais estão intituladas como segue:

Blog Testosterona: “O que as mulheres precisam saber sobre relacionamento” (2012); “Dilma pretende gastar mais de 100 mil reais para renovar a cozinha (Não é piada)” (2012); “Maioria das mulheres britânicas escolheria vida doméstica no lugar de carreira profissional”; “Casa arrumada dá mais prazer que sexo, diz pesquisa”; “Arábia Saudita multa

⁵⁷ Essa citação é proferida pela administradora do blog se encontram no link “Sobre” na barra de ferramentas da página principal do blog *Acidez feminina*. Disponível em: < <http://acidezfeminina.com.br/sobre/> > Acesso em: 22 ago. 2013.

6 homens por deixarem mulheres dirigir” (2013); “10 fatos que provam que vivemos numa sociedade matriarcal opressora” (2013); “Violência contra o homem” (2013); “Violência doméstica contra o homem” (2013); **Blog Acidez Feminina**: “é feminista, mas esquece disso quando...” (2012);

O critério para a escolha dessas postagens foi a expressividade do conteúdo verbal e imagético relacionado com o tema da pesquisa, e, em algumas postagens, a repercussão dos comentários sobre o *post*.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Inicialmente, um ponto importante a considerar é que, nos comentários dos blogs, os interagentes estão com suas faces⁵⁸ (positiva e negativa) expostas, pois na maioria dos perfis estão disponíveis a foto dos participantes e o nome completo em forma de link, que nos direciona para a página de perfil do *Facebook*. Esse pode ser um ponto complicador, na medida que coloca em exposição a face do interlocutor. Cada interagente pode comentar dando sua opinião, pode apenas concordar clicando no ícone, ou ainda ler e não interagir.

Neste capítulo, serão analisadas algumas postagens à luz de nosso quadro metodológico, que mostra o foco dos modos de operação e os modos de operação de Thompson, e a articulação entre os elementos desse quadro com as categorias da (im)polidez linguística. É importante esclarecer que, nas postagens, nem todos os modos gerais e nem todas as estratégias de polidez serão consideradas. A análise procura articular, na medida do possível, o foco dos modos gerais – os modos gerais – e as estratégias de construção simbólica – as estratégias de (im)polidez linguística. Não necessariamente nesta ordem, nem necessariamente contemplando todos esses tópicos, pois consideramos a flexibilidade e a fluidez que permeiam todos esses modos e essas estratégias. Por uma questão de organização, seguimos a sequência *post* – comentário. Em alguns momentos serão analisados apenas o *post* e em outras apenas o comentário.

Post 1- (ANEXO 1) O que as mulheres precisam saber sobre relacionamento
 Quantidade de comentários: 87 - Curtidas: 398
 Data da postagem: 23 de outubro de 2012
 Endereço:<<http://www.testosterona.blog.br/2012/10/23/o-que-as-mulheres-precisam-saber-sobre-relacionamentos/>>

⁵⁸ Face para Goffman (1967) é a imagem do *Self* delineada em termos de atributos sociais aprovados. Goffman observa que o *self* é uma construção social e pode ser percebida como *face*, que é a auto-imagem pública para afirmação social. O autor considera que todos os membros adultos de uma sociedade têm (e sabem que os outros têm) uma face. Sendo assim, a face é um construto social que podemos criar, manter e perder, segundo os nossos investimentos com relação a ela. (PAIVA, 2008, p. 26).

O QUE AS MULHERES PRECISAM SABER SOBRE RELACIONAMENTOS

87

Por: Edu — Em: **Mundo Macho** — 23 de outubro de 2012

Tweetar 85

Curtir

2,4 mil

Enviar +1

+22

caixapretta.com.br apresenta:

O QUE AS MULHERES PRECISAM SABER SOBRE CASAMENTO



- Uma das mulheres acima faz sexo anal.
- A outra não.
- Uma delas tem um casamento estável e feliz.
- A outra reclama que está solteira.

O *post* acima foi compartilhado do blog *Caixa Preta* no blog *Testosterona* e teve o título reconfigurado de “casamento” para “relacionamento”, que significa algo mais abrangente. Esse *post* apresenta a imagem de duas celebridades, Nicole Bahls (à esquerda) e Sandy (à direita).

O texto verbal que aparece logo abaixo da imagem é composto por 4 frases duas em cor branca e duas em cor amarela. A cor, branca, das frases 1 e 3 se refere à Sandy, pois das duas ela é a que é casada; e a cor amarela, das frases 2 e 4, é relativa à Nicole. O conteúdo verbal também é cuidadosamente pensado, pois há uma articulação entre os elementos linguísticos e os papéis sociais que cada uma delas desempenha ou representa na sociedade. No que se refere à Sandy, os itens lexicais compõem um discurso que inclui: “casamento”, “sexo anal” e “feliz”; já nas outras sentenças, são marcados os itens lexicais “a outra”, “reclama” e “solteira”. Se analisarmos os termos em questão, percebemos que a postagem,

que fala sobre “sexo anal”, aparece no grupo de sentido positivo, denotado pelas palavras “casamento” e “feliz”; já os léxicos “a outra”, “solteira” e “reclama” podem remeter à ideia de solidão ou frustração. Entendemos que hoje ser solteira(o) ou casada(o) pode ser uma escolha, mas a narrativa social que se constrói sobre isso é que casamento é uma instituição necessária para as mulheres.

Se observarmos o quadro proposto na metodologia, veremos que a operacionalização ideológica com foco no argumento pode suscitar a estratégia de polidez “Generalize”. Nesse sentido, o discurso é construído a fim de persuadir a aceitação de um determinado pensamento, e isso é perceptível quando o administrador opta pelos vocábulos “mulheres”, “uma” e “outra”. Essas escolhas favorecem que a mensagem alcance várias mulheres, pois optou-se por formas linguísticas convencionadas que indicam uma carga simbólica relevante para a construção da imagem do feminino. Nota-se ainda que, em alguns contextos, a expressão “a outra” é estigmatizada socialmente, pois pode dar a entender que se trata da figura da amante. Nessa mesma linha de raciocínio, no modo de Legitimação, a estratégia simbólica de Universalização aparece reforçando a estratégia de polidez “Generalize”, pois os interesses de alguns indivíduos, nesse *post* – as vozes masculinas que postam comentários a favor do sexo anal – podem funcionar como a representação de todos os homens. Algo como se os interesses de alguns indivíduos fossem apresentados servindo aos interesses de outros.

Com o **foco no contexto histórico e social**, o modo de Reificação pode apresentar as relações de dominação que podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se a situação fosse natural e até permanente. É possível inferir que essa imagem se legitima através da estratégia de Naturalização, pois a questão da prática do sexo anal é representada como necessária para se manter um casamento. Em outro aspecto, ainda é possível perceber a estratégia de *output* de impolidez negativa: “Invada o espaço do outro literalmente ou metaforicamente”, no sentido de associar a ideia de relacionamento/casamento feliz à prática do sexo anal. Aqui é importante ressaltar que não é exatamente a prática do sexo anal que está colocada em questão, mas a ideologia que apregoa a submissão feminina a partir da qual a identidade “mulher” é estilizada, impedindo a polissemia e normatizando-lhe o corpo de significações: a mulher é performatizada como uma serviçal sexual. A partir dessa ideologia, naturaliza-se a identidade da mulher como a responsável pela felicidade ou manutenção do casamento ao responder aos desejos sexuais do

homem, ou seja, submeter-se a uma prática popularmente entendida como desejada pelos homens. Esse tipo de postagem articula o texto verbal e imagético construindo um discurso de imposição e normatização sobre padrões e obrigações sexuais, sobre a instituição “casamento” como imposta ao feminino, sua única porta de acesso à felicidade. Tal estilização a partir de atos de fala normatizantes violenta a mulher ao roubar-lhe o direito a uma hibridização semântica, ao domesticar-lhe o corpo feminino, a partir das sobras violentas de significados prévios. Costa (2004) mostra em seus estudos que a mulher do período colonial era uma serviçal do marido e que os papéis sociais de homem e mulher eram bem definidos, cada qual desempenhava suas funções e o homem era “dono” de sua mulher. Naquele contexto, a violência seria uma forma de manter essa diferenciação entre o masculino e feminino. Nesse sentido, aqui nesse *post*, há uma reificação dessa significação violenta segundo a qual a mulher precisa servir seu homem para que haja equilíbrio na relação.

Os comentários do *post* “O que toda mulher precisa saber sobre relacionamento” (ANEXO 1).

Para analisar a reação do leitor diante do *post* e das postagens dos outros interagentes, a análise se detém nos comentários dos participantes. Iniciaremos discutindo a perspectiva do **foco no outro**, a partir do modo de Dissimulação. É possível perceber, a partir das postagens, uma relação de dominação que pode ser estabelecida ou sustentada através de estratégias que são apresentadas de modo dissimulado. Como exemplo, citamos alguns recursos próprios da comunicação virtual, que são “hahahahaha” (comentário 3) denotando humor, e caracteres que são utilizados para compor uma imagem, como uma mulher deitada de bruços com as nádegas para cima (_*__) (comentário 2). Com relação aos comentários que se posicionam “contra” a postagem, com **foco na relação social** no modo geral denominado Fragmentação, há na estratégia Expurgo do outro o posicionamento de quem é contra e é tratado como um inimigo, como alguém fora do grupo. O trecho abaixo é um exemplo disso.

Comentário 1 (ANEXO 1)

Rondônia

Tosco!

Responder · 🗨️ 4 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 15:12

Danielle, nao é te tirando, mas vc entra num blog intitulado "testosterona" e acha ruim um poster machista?? hueheuheuheue

Responder · 🗨️ 208 · Curtir · 27 de outubro de 2012 às 08:41

Realidade !

Responder · 4 · Curtir · 5 de novembro de 2012 às 09:07

O primeiro comentário é de uma mulher (P⁵⁹1), que diz “tosco”, em reação à postagem. Esse exemplo se enquadra em algumas estratégias de impolidez positiva, por exemplo: “busque discordar”; “faça o outro se sentir desconfortável”. Nesse contexto, o tópico é delicado, por ser um tabu para muitas mulheres. A escolha do item lexical “tosco” quebra o silêncio fazendo o outro se sentir desconfortável, já que está discordando objetivamente do que foi lido. Mesmo sendo um comentário impolido, 4 outras pessoas curtiram a postagem. Seria interessante saber se foram homens ou mulheres que curtiram, porém nós, participantes, não temos acesso a essa informação. Ainda é possível perceber essas mesmas estratégias de impolidez, porém, em outro foco, que no caso é **na relação social**, em que são demonstradas através do modo de Fragmentação na estratégia de Diferenciação, há um embate entre a interlocutora identificada discursivamente como “mulher” e a ideologia que é expressa pela postagem. É um tipo de violência relacional (CELMER, 2010), em que a violência é uma forma de comunicação, um jogo em que a mulher é participante, e não vítima, o que denota que o discurso machista, em suas estilizações através de atos de fala, pode ser produzido por um corpo identificado como “mulher”. A locutora se posiciona ideologicamente legitimando o discurso machista, expondo a outra interlocutora que profere o ato predicativo “tosco” para caracterizar a postagem. Essas relações contraditórias estabelecem práticas discursivas violentas de ordem interacional produzida/impostas para o gênero feminino.

Ainda nessa perspectiva, a segunda postagem (P2), tem o **foco na outra participante**, apresenta-se através do modo de Dissimulação, quando diz *Danielle. não é te tirando. mas vr...*, trazendo à tona, através da estratégia de Tropo, o fato de que o discurso é dissimulado, a fim de alcançar um determinado objetivo, que é constranger a participante da (P1). Nesse contexto, essa ação acontece por meio da estratégia de polidez *off-record*, “seja irônico”. A (P2) começa o discurso dizendo: “não é te tirando”. Essa construção linguística é bastante utilizada em interações face a face, em que inicialmente há uma preparação discursiva, em geral irônica, para minimizar à exposição da face negativa do outro

⁵⁹ P se refere à postagem.

interlocutor. Na continuação da sentença ...: [entra num blog intitulado "testosterona" e acha ruim um poster machista?? hueheuheuheue](#), há uma maneira irônica de deixar a primeira participante em uma situação constrangedora, principalmente pelo fato de que a crítica partiu por alguém também identificada discursivamente como “mulher”. É interessante perceber que a quantidade de pessoas que curtiram esse comentário totalizou um número de 208 curtidas. É um número bem expressivo, 208 x 4.

O comentário “realidade” foi proferido por um corpo identificado como “homem”. Tal comentário reforça a ideia de que não há espaço para ir contra ao *post*, pelo fato de o blog se intitular “machista”, pois estabelece as fronteiras e restrições à pluralidade dos corpos e de identidades. Acontece da mesma forma no discurso do humor, como se esse espaço discursivo estabelecesse fronteiras de legalidade ou permissão para o discurso racista, misógino, violento etc. Parece-nos que o tom humorístico do blog, que se autointula “machista”, parece querer significar que seu discurso não deve ser levado a sério. No entanto, percebemos que esse discurso, repetidamente, constitui identidades binárias homem/mulher, articulando tais identidades pela violência dos atos de fala que organizam os gêneros em torno das diferenças sexuais. Esses atos de fala violentos, embora produzidos em espaço de humor, seriam responsáveis pela circulação dessa violência (BRIGSS apud SILVA, 2012) organizada de modo cultural e discursivo.

Nas interações comunicativas em redes sociais e em blogs, geralmente a linguagem verbal prima pela modalidade escrita e em geral tende à linguagem informal. A ideia é que a escrita seja o mais próxima possível da fala, e os recursos paralinguísticos e as construções que são feitas a partir do que se tem disponível no teclado são utilizados a fim de cumprir esse papel. Os símbolos utilizados funcionam como gestos, expressões faciais e até entonações de voz. Na prática comunicativa, a polidez e a impolidez funcionam juntamente com esses recursos como estratégias para mediar os diálogos, como veremos nos excertos abaixo.

Comentário 2 (ANEXO 1)

TA EXPLICADO O PORQUE UMAS SÃO FELIZES E OUTRAS NÃO.....
 MULHERES, LIBEREM O (_ * _) PRA GENTE.....
 Responder ·  · Curtir · 23 de outubro de 2012 às 08:29

O comentário 2 é um o discurso proferido por um homem, que, concordando com o *post*, se posiciona por meio da estratégia de polidez *off-record* “Generalize”, pois há o objetivo de fundamentar uma verdade através do senso comum. Isso pode ser uma forma de buscar na voz do outro uma forma de expressar a própria voz, sem se inibir em ser ousado e ostensivo. A utilização dessa estratégia aparece com o **foco no signo** permeado pelo modo de unificação na estratégia de padronização, pois há um esforço para estabelecer que a prática, ou não, do sexo anal é a explicação para o sucesso ou insucesso do relacionamento. Uma das estratégias de impolidez negativa, “assustar”, reflete a iniciativa de incutir uma crença de que a não realização dessa prática acarretará em uma ação prejudicial para alguém. Em sentido macro, a infelicidade.

O participante não utiliza a palavra vulgar para “ânus”, porém se utiliza dos caracteres (parênteses, asterisco e traço), para deixar claro de uma forma muito explícita e depreciativa sua intenção. O discurso é direto e soa como violento, responsabilizando a mulher pela (in)felicidade no relacionamento. Essa ideia de correlação pode ser considerado um tipo de impolidez *bald-on-record*, em que o FTA (*face treating act*) é realizado de uma forma direta, clara e concisa. Assim, a face das mulheres que são contra essa prática sexual está em jogo e é abertamente atacada.

Percebemos aqui que essa sequência de comentários que utilizam expressões sexualizadas produzem estilizações de gênero que significam, a partir do biológico, corpos dicotomizados e hierarquizados, naturalizando por seu conteúdo sexual relações assimétricas de gênero.

Comentário 3 (ANEXO 1)

[hahahaha em que mundo nos vivemos, a nicole eh santinha e a sandy assanhada](#)

[Responder](#) · [Curtir](#) · 23 de outubro de 2012 às 14:50

O excerto acima é uma postagem masculina em que a estratégia de polidez *off-record* “Pressuponha” retoma a circulação da representação identitária da cantora Sandy como uma “mulher recatada”. Por outro lado, a modelo Nicole sofre pela naturalização da representação de que uma modelo, por aparecer em ensaios sensuais, seria uma “mulher assanhada”. Nessa postagem, é possível pressupor que ocorre uma inversão de “representações” entre as duas celebridades. A postagem insinua que a modelo é que é a

“santinha” e a cantora, a “assanhada”, pela escolha dessa ou daquela prática sexual. Percebe-se nessa parte das sequências a legitimação de identidades estereotipadas para os corpos femininos que são performatizados pela dicotomia tradicional para o gênero feminino: santa/pecadora.

Comentário 4: (ANEXO 1)

HAHAHAHAHAH mífico.

Responder · Curtir · 23 de outubro de 2012 às 09:27

O que chama a atenção nesse trecho é o uso do sarcasmo que se materializa na sequência “hahahahahah” e o uso da estratégia de *output* para impolidez positiva, que diz: “use linguagem secreta e obscura” em que o participante utiliza um código que não é explícito. Nesse caso, o leitor acaba tendo uma interpretação particular, da palavra que o interlocutor usa “mífico”.

Comentário 5: (ANEXO 1)

Outro dia vi uma reportagem da Nicole falando que não libera o bumbum.. com o pandeiro desse tamanho todo! Agora a Sandy, toda “franzininha” libera. A vida como ela é!

Responder · 10 · Curtir · 23 de outubro de 2012 às 09:39

Esse comentário é interessante, pois é possível perceber estratégia de polidez e impolidez no mesmo enunciado. Quando o interagente utiliza a palavra “bumbum”, ele não o faz de forma pejorativa, já que é possível perceber que ele tentou ser polido nesse momento utilizando a estratégia *off-record*, “Minimize”, no intuito de evitar coações e exercer uma manipulação disfarçada. Na mesma sentença, a utilização da estratégia “Use metáforas”, para “pandeiro” no intuito de se referir ao bumbum da modelo, o que acaba sendo vulgar e impolido o uso desse termo, pois pode soar de forma desconfortável para algumas mulheres.

Ao se referir a Sandy, a utilização do diminutivo entre aspas é irônico, pois Sandy é identificada como um corpo de mulher pequena que supostamente pratica algo que não “condiz” com seu porte físico. É notório que isso não está ligado ao porte físico da mulher, mas sim a estilizações que performatizam escolhas ou valores morais, porém o senso comum acaba fazendo esse tipo de associação. Ele finaliza o discurso com a célebre frase de Nelson Rodrigues “A vida como ela é”. Em termos ideológicos, aqui cabe o que Thompson diz sobre a estratégia de Narrativização, pois o participante quis trazer à tona o que Nelson Rodrigues

fazia, ou seja, retratava o cotidiano através da ficção. Em muitas situações, o desfecho das histórias apresentadas era surpreendente, era de praxe deixar claro que “as aparências enganam”, e aqui é possível inferir o mesmo significado das histórias de Nelson Rodrigues, embora de forma indireta seja perceptível o intuito de reforçar, por meio dessa prática sexual, que a mulher é uma serviçal sexual do homem. É um sistema de opressão-dominância e uma luta de gêneros, que soa como se a mulher não tivesse domínio sobre o próprio corpo. Funciona como um tipo de discurso que é performatizado por meio de atos de fala que se corporificam representando uma estrutura de poder alicerçada tanto na ideologia como na violência (SAFFIOTI, 2002).

Comentário 6: (ANEXO 1)

juro que eu não entendo como um orifício cheio de merda é atraente pra um homem, haha, mas, cada qual com seu cada um..

Responder · Curtir · 31 de outubro de 2012 às 15:34

Pense assim: A maioria tem pau pequeno e morre de inveja dos atores pornos... ele vê no "orifício cheio de merda" a oportunidade de sentir-se poderoso pela primeira vez na vida.

Eu vejo dor e desconforto... mas não nego que goste de assistir vídeos em sites adultos.

Outra explicação: Os homens são mandados pelas mulheres desde que nascem, por mais machão que cresça ele está 80% do tempo pensando em mulheres (é questão hormonal, incontrolável)... Botar atrás é uma forma de domínio completo, é como ter conseguido subjugar ao máximo possível... uma vingança, por assim dizer, que não muda nada, pois volta tudo ao seu normal no dia seguinte (vocês no comando).

Já o Freud diria pode ser homossexualismo enrustido, vai saber...

Vão me chamar de viado, eu sei, mas só explicando: Tenho um relacionamento estável de 8 anos, heterossexual, ehehehehe, e estou firme.

Responder · Curtir · 7 de novembro de 2012 às 00:02

Essa interação é bem interessante, pois a interlocutora – identificada como “mulher” que reage ao *post* de forma clara e que objetiva utilizando a estratégia de *output* de impolidez negativa “associar explicitamente o outro com um aspecto negativo” – o faz associando a preferência do “homem ao orifício cheio de merda” e ao mesmo tempo ela se esquiva “aceitando” a ideia de que cada qual com seu cada um. Em contraponto, o comentário do rapaz é interessante, pois ele constrói o argumento universalizando que “a maioria tem pau pequeno” e “inveja dos atores pornôs”. Essa generalização é explicitamente impolida e fere a imagem desse homem em sua face positiva, na medida que esses atos de fala fazem o outro se sentir desconfortável; e a face negativa no momento em que há essa associação explícita entre a “masculinidade do homem” que pratica sexo anal. O enunciador profere que vê nesse tipo

de prática “dor e desconforto”. Esse tipo de queixa geralmente se refere à mulher, e isso denota que há uma preocupação com os interesses das mulheres. A outra explicação que ele ressalta é sobre “a dominação do homem sobre a mulher, o domínio completo”, materializado nesse tipo de prática sexual, e finaliza discordando dos que optam e pressionam as mulheres a esse tipo de prática. Percebe-se nessa produção que o corpo é utilizado como um modo de naturalizar as estilizações de gênero.

Essa construção discursiva, proferida por um interlocutor identificado como um corpo “homem”, ecoa como uma voz em defesa das mulheres. Esse discurso direto e impolido não foi criticado, nem rebatido e nem curtido por algum outro participante.

Relembremos que Scott (1986) faz uma crítica a essa tentativa reducionista de delimitar o gênero a algo relativo às diferenças anatômicas, não considerando os aspectos ideológicos, culturais e psicológicos. É o que percebemos aqui nesse comentário, pois a dicotomia homem/mulher não limitou o discurso dos participantes.

Post 2- (ANEXO 2):

Quantidade de comentários: 0 - Curtidas: 0

Data da postagem: 20 de setembro de 2013

Endereços:<<http://www.testosterona.blog.br/2013/06/06/maioria-das-mulheres-britanicas-escolheria-vida-domestica-no-lugar-de-carreira-profissional/>>

<<http://www.testosterona.blog.br/2013/09/26/casa-arrumada-da-mais-prazer-que-sexo-diz-pesquisa/>>

<<http://www.testosterona.blog.br/2013/09/27/arabia-saudita-multa-6-homens-por-deixarem-mulheres-dirigir/>>

MAIORIA DAS MULHERES BRITÂNICAS ESCOLHERIA VIDA DOMÉSTICA NO LUGAR DE CARREIRA PROFISSIONAL

0

Por: Edu – Em: Notícias – 06 de junho de 2013

Tweetar 15 Curtir 257 Enviar +1 +2



Depois de décadas lutando pela igualdade nos locais de trabalho, muitas mulheres Britânicas admitem agora que colocariam a carreira profissional de lado em favor da vida doméstica, e que não têm problemas algum em ser uma “mulher guardada” (inglês: “kept woman”), ou seja: do lar. Mas de acordo a pesquisa, as mulheres guardam o seu desejo (de serem domésticas e não executivas) dentro de si uma vez que se sentem pressionadas a viver uma vida independente.

Numa pesquisa recente realizada com 1,582 com mulheres com mais de 25 anos, todas empregadas e num relacionamento, 63% delas admitiu secretamente que prefeririam ser donas de casa e não mulheres com uma carreira profissional. Foi perguntado às inquiridas se se identificavam como “mulheres independentes”, e 65% delas disse que sim. Além disso, foi perguntado às mulheres que haviam respondido com um “Sim” se sentiam algum tipo de pressão (por parte de outras mulheres) para serem independentes, e 74% disse que sim.

Mais de metade das mulheres (57%) questionadas pelo site de moda mycelebrityfashion.co.uk admitiu que aspiravam por um estilo de vida mais relaxante, confessando que prefeririam ser domésticas e não empresárias. Quando lhes foi perguntado sobre a independência financeira, 78% das mulheres afirmou que não se importaria de depender financeiramente do parceiro.

Fonte: [Daily Mail](#)

Esse *post* aqui é discutido na perspectiva da dicotomia: vida profissional e trabalho doméstico.

CASA ARRUMADA DÁ MAIS PRAZER QUE SEXO, DIZ PESQUISA

Por: Edu — Em: Notícias — 28 de setembro de 2013

Tweetar 48

+1 +2



Responda rápido: você prefere ter a casa limpa e arrumada ou sexo? De acordo com uma pesquisa encomendada pela fabricante de eletrodomésticos Beko, a escolha dos britânicos é o lar em ordem. Os dados são do jornal Daily Mail.

O levantamento apontou que 36% das pessoas entrevistadas disseram que casa arrumada é o maior prazer, em comparação com 34% que escolheram feriado, 18% sexo e 11% uma boa noite fora. Fora isso, constatou-se que bagunça é mais irritante que ficar preso no trânsito e ter de ouvir música de espera telefônica.

Mas enquanto toda a família desfruta da limpeza, o trabalho duro é principalmente das mulheres. Elas gastam, em média, seis horas a mais por semana com afazeres domésticos que os homens. São 17 horas por semana, mais de dois dias completos de trabalho. Como resultado, elas têm 23 horas de tempo livre por semana, oito horas a menos que os parceiros.

Fonte: [Terra](#)

Essa imagem é discutida a partir da perspectiva de que mulher sente prazer em ter a casa arrumada, e acaba reforçando a ideia de que a mulher gosta de realizar o trabalho doméstico.

ARÁBIA SAUDITA MULTA 6 HOMENS POR DEIXAREM MULHERES DIRIGIR

0

Por: Edu – Em: Notícias – 27 de setembro de 2013

Tweetar 43 Curtir 356 Enviar +1 +3



A polícia da Arábia Saudita multou nesta semana seis homens que permitiram que mulheres sob sua tutela dirigissem carros - o que viola as leis do país. A informação foi divulgada nesta quarta-feira pelo jornal *Al Sharq*. A Árabia Saudita é o único país do mundo que proíbe as mulheres de conduzirem veículos.

Segundo o *Al Sharq*, que citou como fonte um porta-voz da polícia, Mansur al Shagra, a maior parte das "infrações" foi registrada em praias e áreas desabitadas. Os homens multados terão que pagar 900 riais sauditas (aproximadamente 500 reais).

As multas foram impostas justamente quando um grupo de ativistas sauditas iniciou nesta semana uma campanha na internet para exigir que as mulheres do país possam dirigir. O grupo vem convocando mulheres para saírem às ruas com seus carros no dia 26 de outubro, como forma de desafiar a proibição, baseada numa "fatwa" (decreto religioso) emitida por uma autoridade do país nos anos 1990.

Segundo reportagem do jornal britânico *The Daily Telegraph*, integrantes da Majlis al-Ifta' al-A'ala, o mais alto conselho religioso do país, afirmaram em 2011 que o fim da restrição provocaria um surto de "prostituição, pornografia, homossexualidade e divórcio" no país.

Fonte: [Veja](#)

Esse *post* é uma crítica às mulheres que dirigem carro e traz à tona o discurso tradicional de que mulher não é boa motorista e que deve cuidar dos afazeres domésticos como "pilotar fogão", por exemplo.

Aqui faremos uma análise desses três *posts* juntos em uma mesma sessão, pois entendemos que se focam em uma mesma rede de estilizações de gênero a partir de

determinadas estratégias de polidez e operacionalizações ideológicas. As postagens não receberam comentário algum, por isso não teremos comentários para analisar. Partindo do **foco no argumento**, é interessante compreender como o discurso foi articulado para sustentar e apresentar como legítima a ideia de que lugar de mulher é em casa.

O *post* “Maioria das mulheres britânicas escolheria vida doméstica no lugar de carreira profissional” mostra uma pesquisa que foi realizada com 1.582 mulheres com mais de 25 anos, todas empregadas e engajadas em um relacionamento. Esses dados, de certa forma, conferem um certo grau de credibilidade para quem está lendo, afinal é uma mulher que interage entre os dois papéis: o de ser “dona de casa” e trabalhar fora. A operacionalização ideológica é claramente a da legitimação da ideologia patriarcal.

A postagem original, do *Daily mail*⁶⁰, se inicia com o questionamento “*Did the feminists burn their bras for nothing? Majority of British women would pick being a housewife over having a career*”. Questionar se as feministas queimaram o sutiã por nada coloca em questão as causas das origens do feminismo, como se o objetivo das mulheres daquela época fosse o arrependimento das de hoje. É notório que desde quando a mulher ganhou o direito de fazer parte do mercado de trabalho, em muitas situações, o resultado tem sido o acúmulo de funções, pois muitas precisam se desdobrar para dar conta de trabalho, casa, filhos e marido. Mesmo que hoje, dentro de casa, estejamos vivendo um processo de divisão de tarefas nas relações homem-mulher, ainda é, de forma geral, da mulher a maior responsabilidade de administrar uma casa. Por outro lado, as mulheres que são arrimo de família vivem com um rigor bem maior sobre as finanças e geralmente fazem jornada dupla, em casa e no trabalho.

Após essa contextualização, voltando ao *post* do *mail online*, temos a imagem de duas mulheres (ANEXO 3), uma ao lado da outra, a dona de casa e a médica, ambas focadas no mesmo ângulo, da cintura para cima, sorrindo e olhando para o leitor; por outro lado, no blog *Testosterona*, o ato imagético mostra uma enfermeira e uma empregada. A enfermeira está séria, foi focada em ângulo mais fechado e olha em ângulo oblíquo, ou seja, não olha diretamente para o leitor; já a empregada está sorrindo, foi focada em ângulo um pouco mais aberto, olha de forma sensual diretamente para o leitor, como se fizesse um convite com os olhos. É possível perceber que esta está de uniforme curto, mostrando suas pernas e silhueta.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2324926/Majority-British-women-pick-housewife-having-career.html?ITO=socialnet-facebook-dailymail>>. Acesso em: 30 set. 2013.

Na postagem original, a dona de casa está de unhas pintadas, usando batom, pulseira, brinco, cabelo preso, porém arrumado, está com roupa casual e de avental – um o perfil de dona de casa moderno, parecido com o que citamos acima, a dona de casa que se cuida.

Por outro lado, na imagem do blog, aparece uma empregada, e não uma dona de casa, devido ao uniforme, e é retratada de forma sensual, como aquela do sonho erótico de muitos homens, com uniforme curto e muito parecido como fantasia. No *post* original, a médica está de avental e estetoscópio pendurado no pescoço; no blog aparece a imagem de uma mulher fantasiada de enfermeira. No universo de “fantasia sexual”, essas duas personagens, a empregada e a enfermeira, são sempre cotadas pelos homens. Toda essa discussão pode nos levar a entender que o intuito do blog é colocar em evidência que dentro de casa é importante ser uma empregada sensual. Novamente, os corpos são usados como um espaço discursivo para que atos de fala produzam identidades de gênero estereotipadas, trazendo uma discursivização prévia para esses corpos domesticados, violentados pelo discurso.

No *post* “Casa arrumada dá mais prazer que sexo, diz pesquisa”, é também uma pesquisa originária do *Daily mail*, porém o blog retirou do site Terra⁶¹. Nesse site, a postagem aparece com a imagem de um casal na cozinha (ANEXO 4) em que a mulher está colocando um recipiente no forno e o homem limpando o balcão, ambos sorridentes. Nesse contexto, a satisfação da mulher pode estar além de uma casa arrumada, como na consideração de o companheiro contribuir com os afazeres domésticos. A imagem retratada pelo blog *Testosterona* é a de uma mulher na cozinha sozinha fazendo comida. A mulher está séria e parece estar focada em cortar os legumes.

O *post* “Arábia Saudita multa seis homens por deixar mulheres dirigir” foi compartilhado na íntegra do site da revista *Veja*⁶². Não há mudança de imagem, nem de texto.

Analisando a ideologia presente nos três *posts* dessa seção, é perceptível a estratégia de racionalização e universalização. A racionalização é demonstrada através dos fatos concretos e números de pesquisa. Nessa estratégia, o produtor do *post* constrói uma

⁶¹ Disponível em: <<http://mulher.terra.com.br/comportamento/casa-arrumada-da-mais-prazer-que-sexo-diz-pesquisa.61a9187232551410VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 30 set. 2013.

⁶² Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/autoridades-sauditas-multam-6-homens-por-permitiremquemulheresdirijam?utm_source=redesabril_veja&utm_medium=twitter&utm_campaign=redesabril_veja&utm_content=feed&> Acesso em: 30 set. 2013.

cadeia de raciocínio que procura defender e persuadir uma audiência de que é digno de apoio. Os dois *posts* que iniciam essa seção trabalham com a ideia de que a mulher pode ser feliz sendo uma dona de casa, porém sensual. O prática do sexo aparece aqui como convite implícito. Butler (1997) afirma que esses tipos de representações colocam em muitas situações a mulher como objeto de prazer, que pode significar um padrão de beleza idealizado e desejado socialmente. Nesse aspecto, a pornografia⁶³ aparece como uma sentença performativa sendo entendida não apenas como um “agir violento” sobre as mulheres, mas para representar a classe das mulheres como uma classe inferior (BUTLER, *ibidem*). O último *post* não trabalha com a questão sexual, mas trabalha com a questão da diferença de gêneros, constituída nos *posts* através de uma rede de estilizações que fundamentam oposições binárias. Se mudarmos o foco da lente para o **contexto histórico e social**, a estratégia de naturalização funciona mostrando que a ideia de que “o homem é mais competente no trânsito que a mulher” é tratada como um acontecimento natural. No contexto social, circula-se a representação da mulher como péssima motorista através do enunciado: “Só podia ser mulher mesmo...”.

A universalização aparece como um reforço à estratégia de naturalização, no sentido de que os interesses de alguns indivíduos são apresentados através de acordos como servindo aos interesses de todos. Em outras palavras, a mulher está entendendo que ela pode ser mais feliz sendo uma dona de casa; a mulher não é boa motorista; o homem é superior à mulher. A dominação masculina e o modo como é imposta são resultantes do que Bourdieu (2002) chama de “violência simbólica”, que é suave, invisível, insensível até mesmo às suas próprias vítimas. Configura-se pelas vias simbólicas da interação, do conhecimento, ou de forma mais específica do desconhecimento, reconhecimento e sentimento.

Há um esforço para repetir atos de fala iteráveis a partir do qual ideologias patriarcais são operacionalizadas, expressando as representações da mulher como a “rainha do lar”.

⁶³ SILVA, Sérgio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2010, vol.30, n.3, p. 556-571.

Post 3- (ANEXO 5):

Quantidade de comentários: 0 - Curtidas: 0

Data da postagem: 20 de setembro de 2013

Endereços: <<http://www.testosterona.blog.br/2013/09/20/10-fatos-que-provam-que-vivemos-numa-sociedade-matriarcal-opressora/>>

< <http://www.testosterona.blog.br/2013/05/02/violencia-domestica-contr-o-homem/> >

Acesso em 30/09/2013.

10 FATOS QUE PROVAM QUE VIVEMOS NUMA SOCIEDADE Matriarcal OPRESSORA



Por: Edu — Em: Destaques, Listas — 20 de setembro de 2013

Tweetar

31

Curtir

1,3 mil

Enviar

+1

+18



MAIORIA DOS SEGURANÇAS PARTICULARES SÃO HOMENS. POR QUE HOMENS PODEM ARRISCAR SUAS VIDAS E MULHERES NÃO? A VIDA DO HOMEM É DESCARTÁVEL?

MULHERES CONTROLAM 66% DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS.

A GRANDE MAIORIA DOS MORADORES DE RUA SÃO HOMENS.

NO BRASIL, UM HOMEM TEM TRÊS VEZES MAIS CHANCES DE SER ATINGIDO POR UM RAIO.

MULHERES VIRGENS SÃO CONSIDERADAS EXEMPLO PARA A SOCIEDADE, HOMENS VIRGENS SÃO MOTIVO DE PIADA.

EM UM IDIOMA SEXISTA COMO O PORTUGUÊS, O GÊNERO FEMININO É TRATADO DE FORMA EXCLUSIVA, ENQUANTO O MASCULINO DE FORMA GÊNÉRICA.

58% DOS FORMANDOS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS SÃO MULHERES.

MULHERES VIVEM OITO ANOS A MAIS DO QUE OS HOMENS, E SE APOSENTAM CINCO ANOS MAIS CÉDO.

UM LEVANTAMENTO SOBRE A VIOLÊNCIA AMOROSA ENTRE OS ADOLESCENTES BRASILEIROS REVELA QUE AS MENINAS AGRIDEM MAIS QUE OS MENINOS.

99% DAS DECISÕES DOS JUÍZES SOBRE A GUARDA DE FILHOS É A FAVOR DA MÃE.

ATÉ QUANDO VOCÊ VAI FECHAR OS OLHOS PARA ISSO?

www..com Fb.com/Homenismo

O *post* 3, “10 fatos que provam que vivemos em uma sociedade matriarcal opressora”, não recebeu comentários, por isso será analisada apenas a postagem inicial. A estratégia de polidez “Seja irônico” opera dentro da estratégia de tropo e do modo de dissimulação. **O foco aqui é no outro.** Munido dessas estratégias, é possível perceber durante o relato dos 10 fatos que há uma operação ideológica de legitimação, citando dados estatísticos em que o homem está em desvantagem em relação à mulher. Ele traz à tona a discussão sobre os conflitos de gênero, um embate entre a sociedade patriarcal e a matriarcal em uma correlação que vem da época da constituição da família na época patriarcal, em que a mulher era criada para ser mãe e o homem era ensinado para ser pai e chefe de família. Retextualizando para o contexto atual, a mulher para ser a “sensual rainha do lar” e o homem alguém bem assistido, em todos os sentidos, pela mulher.

A imagem mostra um homem cabisbaixo com as mãos na cabeça, como se estivesse sendo oprimido por alguém. A ironia está presente na utilização do léxico “opressora” (em vermelho) e na frase final “até quando você vai fechar os olhos para isso”. Nas lutas sociais, no contexto de violência contra as mulheres, ou contra algum grupo subalterno, esse discurso é utilizado como um motivador, incentivando os participantes a “lutar contra algo”. No rodapé direito da postagem, há um endereço do *Facebook* “Fb.com/hominismo⁶⁴”. Essa página do *Facebook* defende uma campanha pelos direitos dos homens. A ironia presente nessas construções discursivas pode desvirtuar o foco de uma luta que as mulheres estão enfrentando contra a violência que historicamente vem vitimizandando mulheres. A categoria de polidez contribui para que esse discurso seja considerado como “verdade” por meio de uma sequência de estratégias como: ele usa “contradições”, entre os gêneros, incluindo falante e ouvinte na mesma realidade, fornece razões para “minimizar” a ideia de imposição do homem sobre a mulher, inverte de forma irônica os papéis e insinua que o homem é vítima da opressão feminina. Nessa perspectiva, de que os direitos dos homens precisam ser defendidos, o blog *Testosterona* lidera um movimento contra a violência contra os homens, como nos *posts* abaixo.

Post 4: (ANEXO 6)

Quantidade de comentários do *post* violência doméstica contra o homem: 30 -
 Curtidas: 15
 Data da postagem: 02 de maio de 2013 e 10 de agosto de 2013
 Endereços: <<http://www.testosterona.blog.br/2013/05/02/violencia-domestica-contra-o-homem/>> Acesso em 30/09/2013
 < <http://www.testosterona.blog.br/2013/05/02/violencia-domestica-contra-o-homem/>
 > Acesso em 30/09/2013.

⁶⁴ As postagens dessa página são interessantes fontes de análise, porém ficarão para outro estudo.

VIOLÊNCIA CONTRA O HOMEM

0

Por: Edu — Em: *Imagens* — 10 de agosto de 2013

Tweetar 13 Curtir 453 Enviar +1 +8



strosyoutube.com

Cadê os direitos humanos?

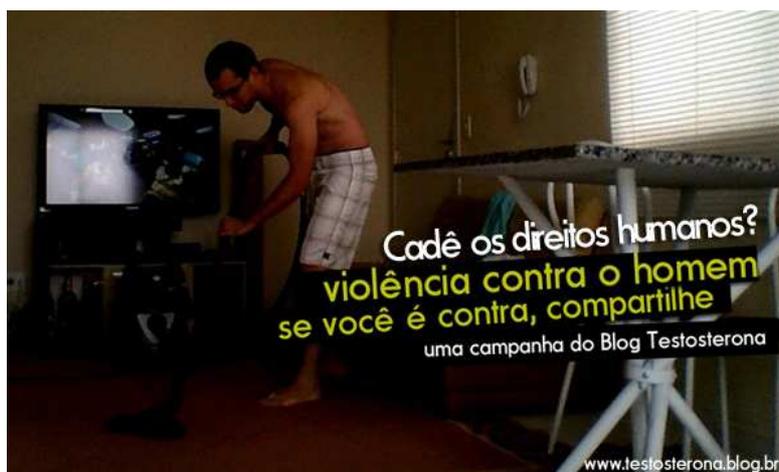
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA O HOMEM

30

Por: Edu — Em: *Mundo Macho* — 02 de maio de 2013

Tweetar 77 Curtir 1,3 mil Enviar +1 +7





As imagens acima, na mesma perspectiva do *post* analisado anteriormente, consideram o serviço doméstico como uma forma de violência contra o homem⁶⁵. Essas discussões são uma resposta às mudanças que estão acontecendo entre os papéis de homem e mulher na sociedade e economia familiar, situações em que a mulher vai para o mercado de trabalho e o homem⁶⁶ cuida da casa e dos filhos. Essas imagens foram enviadas por interagentes do blog *Testosterona*. Abaixo de cada imagem, há o nome e a cidade do homem que enviou a foto. Identificar os participantes e mostrar que eles vivem em diferentes regiões

⁶⁵ O blog está lançando uma campanha por meio de vídeo contra a violência doméstica masculina. Disponível em: <<http://www.testosterona.blog.br/2013/10/01/campanha-contr-a-violencia-domestica/>> Acesso em: 1º out. 2013.

⁶⁶ Uma estatística do governo inglês aponta que entre os formandos das universidades do país metade são mulheres, e que os homens representam apenas 30% dos que terminam um curso. Um porta-voz do governo concluiu, ao divulgar os dados, que as mulheres passarão a escolher parceiros menos qualificados e assumirão de vez o papel de chefes da família. Disponível em: <<http://mulher.terra.com.br/vida-a-dois/mulheres-querem-um-parceiro-que-seja-dono-de-casa-dizem-estudos,1148e4ddfce27310VgnCLD100000bbceeb0aRCRD.html>>. Acesso em: 30 set. 2013.

do Brasil é um modo de operação ideológica para mostrar que essa ‘luta’ é dos homens como um todo, e também para ganhar um certo tipo de aceitabilidade e adesão. As construções discursivas “basta; cadê os direitos humanos?”, “até quando?”, por exemplo, são estratégias *on-record* de polidez negativa, chamada “Questione”, pois de forma dissimulada, unificada, há uma tentativa de generalizar a ideia de que o trabalho doméstico é uma forma de violência doméstica contra o homem. O discurso é um forma de coação e convoca os direitos humanos para defender a categoria masculina dos homens. É um discurso dissimulado e irônico e coloca a mulher em uma posição não de vítima, mas de responsável por “esse tipo de violência”. Esses atos de fala proferidos se alinham com a visão de Saffioti (2002, p. 24), que citamos:

O sistema patriarcal para dar conta do sistema de dominação-exploração-opressão, nas relações de gênero, argumenta que esta categoria trata: de uma relação civil e não privada; possibilitada de direitos sexuais dos homens sobre as mulheres quase sem restrições; configura um tipo hierárquico de relação que aparece em todos os espaços da sociedade; tem uma base material; corporifica-se; representa uma estrutura de poder alicerçada tanto na ideologia quanto na violência.

A postagem resgata o machismo explícito da sociedade patriarcal, quando os serviços domésticos eram inerentes apenas às mulheres, como uma barreira que o homem não pudesse atravessar (COSTA, 2004), porém a sociedade mudou e a mulher passou a desempenhar funções que antes se destinavam apenas aos homens. Não estamos mais diante do mesmo quadro social, pois as constituições familiares são das mais diversas e não há espaço para as divisões rígidas de tarefas dentro de casa. A divisão de tarefas surgiu a partir da necessidade das famílias em se adaptarem à realidade econômica e social. Porém, esse discurso do *post* funciona como um “opositor” à luta das mulheres por direitos iguais.

A ironia, presente nos atos de fala, permeia dissimuladamente esse tipo de postagem, colocando a mulher como “vilã” e o homem como “vítima”. A luta de gêneros que se instaura nessa postagem é uma tentativa reducionista de criar uma fronteira entre os gêneros, através de estilizações que articulam os gêneros a partir das diferenças entre os sexos, estabelecendo relações de poder. Novamente essas estilizações operam estabelecendo identidades binárias do tipo homem/mulher, através de atos de fala violentos que circulam no terreno do jocoso.

Isso pode ser visto no comentário 1 (ANEXO 6), abaixo:

crime hediondo

Responder · Curtir · Seguir publicação · 2 de maio às 12:40

Basta!!

Responder · Curtir · Seguir publicação · 2 de maio às 11:59

SACANAGEM ISSO AI

Responder · Curtir · Seguir publicação · 2 de maio às 20:24

Triste... :(Teremos que rever essa lei Mario da Penha

Responder · Curtir · Seguir publicação · 3 de maio às 11:28

Isso sim, verdadeiro abuso contra os homens, abaixo a escravidão!

Responder · Curtir · Seguir publicação · 3 de maio às 14:28

já pras ruas lutar contra, essas arbitrariedades, já não se faz mulheres como nossas avós.greve geral de:sexo. COM UM SÓ GRITO A MACHAIADA UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA!!!!!!

Responder · Curtir · Seguir publicação · 4 de maio às 00:31

Violência doméstica contra o homem, #basta

Responder · Curtir · Seguir publicação · 4 de maio às 13:30

É triste ver que essas coisas ainda acontecem nos dias de hoje

Responder · Curtir · Seguir publicação · 8 de maio às 18:03

Mulher nao gosta de homem bom de pia.

Responder · Curtir · Seguir publicação · 19 de maio às 20:06

Todas essas postagens são produzidas por corpos identificados como “homens”, que concordam com a postagem e se posicionam positivamente a favor dos homens “vitimizados”. Há uma reprodução do discurso da postagem. Outro fator é que há a “representação” de que a realização de serviços domésticos diminuiria a dita “masculinidade” do homem. Como afirma o participante da última postagem: “mulher não gosta de homem bom de pia”. O comentário do participante, dizendo que “já não se faz mulheres como nossas avós. Greve geral de sexo”, é um tipo de apropriação discursiva irônica contra as mulheres, que se faz no intuito de “punir” o homem. Outras construções, como “crime hediondo”, “teremos que rever essa lei Mário da Penha” e “escravidão”, fazem alusão à Lei Maria da Penha e à concepção de crime hediondo⁶⁷. Aqui a sequência de comentários, embora o

⁶⁷ Crimes hediondos são os crimes entendidos pelo Poder Legislativo como os que merecem maior reprovação por parte do Estado. No Brasil, encontram-se expressamente previstos na Lei Nº 8.072 de 1990. Os crimes hediondos, do ponto de vista da criminologia sociológica, são os crimes que estão no topo da pirâmide de desvalorização axiológica criminal, devendo, portanto, ser entendidos como crimes mais graves, mais revoltantes, que causam maior aversão à coletividade.

FRANCO, Alberto Silva. Crimes hediondos. Crimes hediondos: notas sobre a Lei n. 8.072/1990. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994. Leia mais: <<http://jus.com.br/artigos/23842/inconstitucionalidade-do-art-2-1-da-lei-hedionda-lei-n-8-072-1990#ixzz2nIKtPZDQ>> Acesso em 11 nov. 2013.

discurso verse sobre estratégias de polidez *off-record* como “Seja irônico” – “violência doméstica contra o homem. Basta”, “Lei Maria da Penha x Lei Mário da Penha” –, “Faça insinuações” – “mulher não gosta de homem bom de pia” – “Use metáforas” – “sacanagem, isso aí” – e “Generalize” – “machaiada unida jamais será vencida” –, mostra que os atos de fala reiteradamente marcam estilizações de gênero. Tais estilizações se fundamentam na discursivização de corpos a partir de significados prévios (BUTLER, 1997), operando efeitos de sentido que opõem hierarquicamente o par homem/mulher. A linguagem aqui é uma forte ferramenta que combate de forma direta e irônica as mudanças de concepção sobre o papel da mulher na sociedade e dentro de casa. Tais mudanças indicam que dividir tarefas é uma forma justa de colocar o casal em um patamar de igualdade, porém esse tipo de postagem é uma articulação ideológico-discursiva para que essa “igualdade” não se efetive.

O IBGE⁶⁸ realizou uma pesquisa sobre o tempo que homens e mulheres gastam com serviços domésticos e constatou que a mulher gasta muito mais tempo que os homens. De acordo com a pesquisa, até mesmo quando o homem se propõe a ajudar, a responsabilidade de gerenciar esse serviço é geralmente das mulheres. Isso mostra que, no aspecto de divisão de tarefas domésticas e cuidado com os filhos, há um longo caminho que precisa ser percorrido, que não se refere apenas à mudança de cultura, mas à criação e gestão de políticas públicas. Esse aspecto não será discutido aqui nesse trabalho. Essas informações apenas contribuem para entender a operacionalização de ideologias que naturalizam a representação da mulher como a responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, mesmo desempenhando árduas jornadas de trabalho externas à casa.

A posição feminista é contestada em vários posts do blog *Acidez Feminina*, cuja autora identifica-se como “mulher”. Discutiremos abaixo um exemplo do blog:

Post 5 (ANEXO 7)

Quantidade de comentários: 28 - Curtidas: 75

Data da postagem: 27 de novembro de 2012

Endereços: <<http://acidezfeminina.com.br/diz-que-e-feminista/e-feminista-mas-esquece-disso-quando/>> Acesso em 01/10/2013

⁶⁸ Divisão de trabalho entre homens e mulheres. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/content/divisao-do-trabalho-entre-homens-e-mulheres>>. Acesso em: 18 out. 2013.

27/11/2012 em Diz que é feminista - por Acid Girl 28

é feminista, mas esquece disso quando...



Essa imagem faz parte de uma série de postagens do blog *Acidez Feminina*, chamada “Diz que é feminista...”, expressão essa que aparece como título. No rodapé da imagem, há sempre um “mas”, com críticas a alguma atitude das mulheres. O título funciona como uma estratégia de *output* de impolidez negativa: “Associe o outro com um aspecto negativo”, “Ridicularize”, “Enfatize seu poder relativo” “Seja desprezível”. Essas estratégias focam diretamente no interlocutor e é um tipo de discurso que desloca o sentido positivo do movimento feminista para um referente negativo, como se a mulher buscasse direitos e não deveres. A imagem selecionada para esse tipo de postagem é de “Rosie the Riveter⁶⁹”, a ícone feminista dos EUA no ano de 1942. A imagem dessa mulher associada ao discurso “*We Can Do It!*” incentivou milhares de mulheres a irem trabalhar nas fábricas, quando a maioria dos homens estavam defendendo os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. As condições de trabalho dessas mulheres eram precárias e o salário era inferior em relação ao dos homens de mesma posição. A luta das mulheres era para se ter os mesmos direitos dos homens, pois produziam da mesma forma que eles. Fairclough (2005) critica o discurso tradicional em circulação, segundo o qual a mulher na sociedade “pode fazer qualquer coisa que queira, porém continua sendo mulher”. Nesse discurso, percebe-se que as relações de gênero podem ser igualitárias, porém há a valorização dessas diferenças que não podem ser ocultadas nem serem consideradas como oposições em que uma só se constitua em função da outra. Em um

⁶⁹ Outras informações, disponível em: <<http://alemdogenero.wordpress.com/2008/03/05/rosie-icone-cultural-e-feminista-nos-eua/>> Acesso em: 1º out. 2013.

aspecto macro, pode-se dizer que em determinadas situações a posição social pode ser determinada a partir das questões de gênero.

Comentário 1 (ANEXO 7)

"O cavalheirismo é a parte do machismo que convém às mulheres."

Responder ·  14 · Curtir · Seguir publicação · 7 de dezembro de 2012 às 21:39

Nenhuma feminista exige servir obrigatoriamente às forças armadas. Entre outras coisas, como se aposentar mais cedo sem motivo.

Responder · Curtir · 21 de setembro às 23:19

Os comentários acima são proferidos por dois locutores identificados como “homens” e estabelecem relações conflituosas binárias entre o “machismo” e o “feminismo”. O cavalheirismo é citado como uma parte do machismo, o que seria uma contradição que mulheres exigissem essa postura dos homens. Também haveria a contestação de que, se as mulheres querem direitos iguais, por que não querem servir as forças armadas? A crítica desses participantes insinua ironicamente que as mulheres são feministas quando é conveniente para elas. A utilização dessa imagem, nesse contexto, tem sentido duplo. Na imagem original, esse movimento do braço denota a força física que as mulheres possuem para trabalhar nas fábricas; já no contexto do blog, pode significar “insulto” às feministas, como se estivesse falando: “olha aqui pra você”, típico gesto utilizado nas interações como desaprovação a algo que nos é solicitado. O insulto também pode ser percebido no comentário 2 (ANEXO 7) abaixo:

na hora d pagar a conta... na hora que o ingresso pras mulheres é mais barato...
uahuahuahuhu enfim, só é feminista qnd é pra trabalhar sas porra! →→

Responder ·  7 · Curtir · Seguir publicação · 18 de dezembro de 2012 às 11:32

O comentário dessa mulher verbaliza o que discutimos sobre o insulto explícito pela imagem, em que é notório o repúdio, a violência e a impolidez com que ela se refere ao feminismo. O termo de baixo calão “sas porra!” funciona como um ato de injúria à face feminina. Ainda sobre a discussão, se a mulher deve ou não pagar a conta o comentário 3 (ANEXO 7), abaixo se diz:

Nos comentários abaixo, aparece o embate entre interlocutoras identificadas como ‘mulheres’, que divergem de opinião sobre o feminismo. É interessante que a primeira interlocutora comenta contra o feminismo de forma impolida ao utilizar maiúsculas para se referir ao fato de que certas atitudes são “estúpidas”, proferindo, assim, um discurso machista. Aqui, entendemos que os atos de fala que são constantemente proferidos como “normais” podem naturalizar discursos e comportamentos. Em certos momentos, mesmo tendo suas faces expostas, as pessoas parecem que não se intimidam em dar sua opinião e utilizam estratégias de impolidez, como uma autodefesa. Comentário 4 (ANEXO 7)

Se feminismo fosse luta pelo direitos iguais, ele não teria esse nome... Mulher continua entrando FREE nas balada, o homem continua pagando a conta do restaurante, a mulher ainda tem que ser tratada como uma retardada incapacitada que nem consegue puxar a cadeira sozinha pra se sentar, ou fazer outra coisa sem o tal "cavalheirismo" (A COISA MAIS ESTUPIDA QUE JÁ VI NA MINHA VIDA). Como levar isso a serio?

Responder ·  10 · Curtir · Seguir publicação · 14 de fevereiro às 14:16

Como levar a sério seu direito de ler, escrever e se pronunciar? Não sei, difícil, já que é contra o feminismo, não deveria ter direito a nada disso =)

Responder ·  1 · Curtir · 21 de setembro às 21:23

O exemplo abaixo segue a mesma linha de raciocínio do exemplo anterior, porém essa postagem é um pouco mais contundente em relação ao dever da mulher em equiparação com o do homem. Como réplica, a interlocutora é questionada sobre quantas feministas ela conhece. A estratégia de polidez negativa *on-record*, “Questione”, mostra que o questionamento é uma maneira de colocar a face negativa do interlocutor em evidência. Nesse contexto, leva a entender que as críticas são infundadas, e essa questão é uma forma de minar a força desse discurso.

Comentário 5 (ANEXO 7)

Se esquecem também na hora de pagar o mesmo valor na balada, de fazer 18 e se alistar nas forças armadas, de se aposentar com o mesmo tempo de serviço/contribuição, de transar no primeiro encontro, de dar presente pro companheiro, de trocar pneu...

Responder ·  1 · Curtir · Seguir publicação · 18 de maio às 22:06

Sério mesmo que as feministas se esquecem disso? Me diz, quantas feministas você conhece?

Responder ·  2 · Curtir · 21 de setembro às 21:24

Sobre essa questão da luta entre gêneros em um ambiente virtual, os atos de fala, dependendo da forma que são performatizado,s provocam reações adversas e até agressivas. Queremos mostrar dois trechos de postagens diferentes. As postagens não serão analisadas,

pois se enquadram no mesmo contexto de acusação do “feminismo”. A postagem (ANEXO 8) mostra a mesma imagem que foi mostrada acima, porém o “mas” diz: “só namora se ele tiver carro”⁷⁰. A análise parte da postagem de uma jovem mulher que diz namorar se o rapaz possuir um carro. Esse ato de fala, da forma como foi proferido, provocou uma série de comentários ofensivos, e a moça ficou visivelmente exposta. Comentário 1 (ANEXO 8)

Qual o problema? --> eu tenho carro e só aceito quem tenha o mesmo poder aquisitivo que eu!

Responder · Curtir · Seguir publicação · 18 de dezembro de 2012 às 12:11

- Escola de Musica da UFRN

vc ta de carro?

Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 12:13

yes, sei dirigir mas a preguiça me impede de ir a uma autoescola! rsrs preciso tirar essa bagaça de carteira p não me cagar de medo numa blitz

Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 12:15

è um gol 2005, 4 portas

Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 12:16

As escolhas linguísticas, por palavras de conotação negativa (*output* de impolidez positiva), como, “preguiça”, e de baixo calão, como “bagaça” e “cagar”, além de causar no interlocutor um desconforto, abrem possibilidades para que o discurso aconteça no mesmo nível, como aconteceu. Comentário 2 (ANEXO 8):

aff... nem tem habilitação e ta achando que so pq tem um gol 2005, é grandes coisas!
Que tosca! Luiz Rocha, concordo com vc!

Responder · 5 · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 07:38

"yes, sei dirigir mas a preguiça me impede de ir a uma autoescola! rsrs preciso tirar essa bagaça de carteira p não me cagar de medo numa blitz"

Além de querer ser arrogante por que possui um carrinho popular pra lá de usado ainda dirige sem carteira? E pasmem, parece que é advogada.

Por isso que esse país ta nesse buraco sem fundo.

Responder · 11 · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 08:07

⁷⁰ Disponível em: <<http://acidezfeminina.com.br/diz-que-e-feminista/diz-que-e-feminista-mas-2/>>. Acesso em: 1º out. 2013.

Eu nã Coitada, deu dó agora... realmente Leo Santojo... parece ser advogada, mas de 5ª né?

Que podre você fia, vai fazer uma progressiva nessa sua juba primeiro ou de alto poder aquisitivo. Nem na Augusta você consegue alguém, por isso que esse mundo tá um lixo, gente podre que não é NADA, achando-se SUPERIOR. AHHHH maldita Ford e Volks que liberam carro em prestações feito a das Casas Bahia... consórcio maldito!

Responder ·  2 · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 17:37

As estratégias de *output* de impolidez positiva e negativa aparecem em diversos atos de fala, como “Que tosca”, “querer ser arrogante por que possui um carrinho popular pra lá de usado”, “pasmem, parece que é advogada”, “Que podre...vai fazer uma progressiva nessa sua juba”, “nem na Augusta você consegue alguém”, “por isso que esse mundo tá um lixo, gente podre que não é NADA”. Nessa sequência de comentários, classe e raça foram colocadas em evidência. A violência linguística performatizada pelos atos de fala impolidos causa ainda outras reações mais incisivas. Ela foi comparada a uma prostituta que faz programa na rua Augusta, no centro de São Paulo. A participante a agride violentamente, não mede palavras e não se importa se está expondo sua face e a face da outra participante. Como resposta, segue o comentário abaixo. Comentário 3 (ANEXO 8):

Minha juba é meu orgulho, sou neta de negros, sua racista. E, depois, nunca me faltou homem, mas com certa idade tem que ser mais seletiva. Porque dividir miséria, ninguém merece. Depois de ter duas graduações, me avisa, tá?

Responder ·  1 · Curtir · 20 de dezembro de 2012 às 16:45

Se direcionarmos o foco na relação social, é possível perceber o modo de operação que Thompson chama de fragmentação na estratégia ideológica de expurgo do outro. Deve-se ressaltar que as categorias de “raça” e “gênero”⁷¹ são articuladas com a categoria de “classe”, uma vez que questões socioeconômicas de desigualdade são trazidas à tona, mostrando que não se pode separar as categorias de classe, raça e gênero. Dentro desse escopo, as estratégias de impolidez negativa se articulam para envolver a construção de um inimigo que é retratado como “mau”. Dessa forma, pode-se dizer que houve um esforço coletivo não apenas para expurgá-la da interação, mas também para destratar sua face de forma violenta. Comentário 4 (ANEXO 8):

⁷¹ Para maiores informações sobre as questões de raça e gênero. Ver: GUIRALDELLI, Reginaldo; ENGLER, Helen Barbosa. As categorias gênero e raça/etnia como evidências da questão social: uma reflexão no âmbito do serviço social. Serviço Social & Realidade, Franca, v.17, n.1, p.248-267, 2008.

Depois, só pra constar o carro é a vista e depois decidi só tirar a carteira dps de comprar o carro, pois não tinha sentido saber dirigir enqto só andasse de ônibus (Autoescola é 2 meses de aula, 2 a 4h ao dia e custa 300 reais c/habilitação - eu não tinha TEMPO pra isso, 4h horas do dia de alguém é um expediente inteiro e eu trabalho). Depois, não vejo problema em ser seletiva - cada um com seus critérios - seleciono por caráter e inteligencia - o que ninguem aqui demonstrou, fuçaram meu perfil e a unica coisa que conseguiram criticar foi meu cabelo, hahaha. Já namorei gente simples e sempre tive que selecionar onde ia - pq o cara não se sentia a vontade de eu pagar ou rachar a conta. Prefiro namorar gente do mesmo nível social e não ter esse problema

Responder ·  2 · Curtir · 20 de dezembro de 2012 às 21:11

Vai acabar solteira e criando gatos em casa

Responder · Curtir · 24 de março às 23:28

Esse embate linguístico perdurou por três dias, e depois de todos os comentários, a interlocutora identificada como “Abigail” resolve se defender. A interagente também é impolida, apoiando-se em estratégias como “Busque discordar”, “Associar o outro a um aspecto negativo” e “Invada o espaço do outro”, quando acusa a outra participante de “racista”, para apagar a carga semântica negativa do termo predicativo racista “juba”. A interlocutora identificada como Abigail ainda acusa: “fuçaram meu perfil”. Ressaltamos esse ponto para mostrar que as interações, em um blog que utiliza o perfil da rede social *Facebook*, colocam as faces dos interagentes em um complexo bem mais exposto. Isso significa que qualquer participante tem acesso ao perfil do outro interagente. O grau de vulnerabilidade é alto e não é possível mensurar até que ponto essa dinâmica influencia cada interagente em suas escolhas de (im)polidez.

Para encerrar o discurso, um interlocutor identificado como “homem” comenta “vai acabar solteira e criando gatos”. Esse ato de fala também é impolido, pois ele expõe a face da locutora novamente tocando em um assunto delicado que é a solidão. Nem todas as pessoas superam a frustração e a culpa por não conseguirem manter um relacionamento afetivo. E essa questão pode, em alguns contextos, permitir que mulheres aceitem antes viver em situações de sofrimento e desconforto, do que viver sozinhas. Há uma ideia de “prestígio” social para alguém que está em um relacionamento, como se vê na postagem da Sandy e da Nicole Bahls, e na pesquisa sobre as mulheres preferirem ser donas de casa. Em algumas postagens, é creditado à mulher a responsabilidade de manter um relacionamento. Desse modo, percebemos que, como em comentários anteriores, essas interações conflituosas estabelecem práticas discursivas violentas de ordem interacional produzida/impostas para o gênero feminino.

As responsabilidades imputadas às mulheres não se referem apenas aos relacionamentos, mas também a problemas de ordem econômica e política. A presidente Dilma e outras mulheres que ocupam ou ocuparam cargos políticos serão em primeiro plano responsabilizadas por serem mulheres, como na postagem abaixo.

Post 6 (ANEXO 9)

Quantidade de comentários: 42 - Curtidas: 100

Data da postagem: 15 de agosto de 2012

Endereços: <<http://www.testosterona.blog.br/2012/08/15/dilma-pretende-gastar-mais-de-100mil-reais-para-renovar-a-cozinha-nao-e-piada/>> Acesso em 01/10/2013

DILMA PRETENDE GASTAR MAIS DE 100MIL REAIS PARA RENOVAR A COZINHA (NÃO É PIADA) 42

Por: Edu – Em: Notícias – 15 de agosto de 2012

[Tweeter](#) 112 [Curtir](#) 714 [Enviar](#) +18

A photograph showing two women in a kitchen. On the left, Dilma Rousseff, wearing a light blue blazer, is looking down at a white bowl. On the right, another woman with blonde hair, wearing a grey tank top, is looking towards Dilma. The kitchen has a stainless steel refrigerator and a wooden backsplash.

Depois de dar um trato nos espelhos de **Dilma Rousseff** no Palácio da Alvorada (leia mais em **Troca de espelhos**), chegou a vez de a Presidência da República renovar os utensílios de copa e cozinha do Planalto.

Uma licitação aberta recentemente pelo governo pretende gastar **103 000 reais** com diferentes itens (a lista completa tem 39 objetos) de cozinha, como **300 garfos** (10,60 reais cada), **300 facas** (31,40 reais), **600 xícaras de café** (7,20 reais) e... para os eventos étlicos do Planalto: 120 taças de champagne, sessenta taças de vinho Bordeaux, sessenta copos de uísque on the rocks e 720 taças de água (21,40 reais cada).

E é melhor os ministros – e convidados – tomarem cuidado para não quebrar nada: cada taça de vinho, por exemplo, sairá por 124,90 reais. As taças de champagne custarão 59,60 reais cada, e os copos de uísque, 86,40 reais.

Fonte: Veja

Isso que dá eleger mulher!

A imagem do *post* é proveniente da visita que a presidenta Dilma Rousseff fez à apresentadora Ana Maria Braga, no programa de televisão Mais Você, transmitido pela Rede Globo de Telecomunicações, indo ao ar dia 1º de março de 2011. A imagem, nesse contexto, aparece como mera ilustração à reportagem compartilhada da revista *Veja*⁷². A reportagem se refere a um investimento na copa e cozinha do planalto. A ênfase é sobre o valor de R\$ 103.000 em baixela e utensílios de mesa. O teor da reportagem no blog *Testosterona* tem uma conotação pejorativa pelo ato de fala no título “(NÃO É PIADA)” e no rodapé “Isso que dá eleger mulher!”. Essas construções linguísticas podem incentivar comentários que versam como apoio ou repúdio, como abaixo.

Comentário 1 (ANEXO 9)

Por mim tudo bem... Desde que ela fique o tempo todo na cozinha e não vá 'trabalhar' inventando mais leis para atrapalharem a vida da gente. No Planalto o prejuízo que ela causa por dia é muito maior. Inclusive pelo mesmo valor vale o mesmo raciocínio para deputados e senadores, quanto menos 'trabalharem' menos prejuízo dão pra gente 100 mil reais por dia é uma pechincha.

Responder · Curtir · Seguir publicação · 28 de agosto de 2012 às 00:21

⁷² Disponível em: < http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/governo/veja-quanto-dilma-vai-gastar-para-renovar-os-utensilios-de-cozinha-do-palacio/?utm_source=redesabril_veja&utm_medium=twitter&utm_campaign=redesabril_veja&utm_content=feed>. Acesso em: 1º out. 2013.

O bom é que em outra reportagem foi dito pela Dima Puta que os grevistas estavam pedindo demais e que o Governo tinha prioridades... Agora tá explicado, né? Nada mais justo do que renovar a cozinha e financiar estádios particulares invés de investir na Educação, Saúde e Segurança Pública.

Responder ·  28 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 14:46

Mas era preciso! Se os políticos não comerem direito, ficam sem forças pra roubar a gente.

Responder ·  4 · Curtir · 17 de agosto de 2012 às 21:18

Os três comentários acima são identificados como pertencentes a “homens”. O primeiro faz uso da estratégia *on-record* direcionada à face positiva “Acerte uma troca recíproca”. Ele concorda com o gasto desde que Dilma se ausente do Planalto. Embora essa estratégia seja direcionada à face positiva, é visível a ironia presente no discurso. Isso significa que a evidência é sobre a face negativa. No segundo comentário, o termo “Dima Puta” (sic) se enquadra na estratégia *off-record* “Seja ambíguo”. O termo “Putá”, da forma como foi construído, denota um duplo sentido (sentimento de raiva e prostituta). Na continuação do discurso, o participante é irônico, quando diz que “nada mais justo... invés de investir na Educação, Saúde e Segurança Pública”. O comentário do outro participante reforça o discurso irônico desse participante. É interessante perceber a articulação entre as estratégias de polidez e os modos de operação das ideologias de Thompson. Nesse caso, por exemplo, a utilização da ironia coaduna com a estratégia de construção simbólica de Tropo. A dissimulação presente nesse modo de operação mostra que nem sempre ser polido significa que se quer ser polido. A política é uma das instâncias sociais em que a dissimulação e a ironia caminham longas jornadas, principalmente pelas condições sociais do Brasil. As heranças históricas na formação de classes e divisão de trabalho entre homem e mulher, em algumas situações, são um fator que coloca a mulher em uma posição de desvantagem e construção identitária. “Ser mulher” é um dos principais motivos para ser ofendido por meio de atos misóginos. Comentário 2 (ANEXO 9):

Isso que dá eleger mulher coisíssima nenhuma!! Isso que dá eleger PETISTA.

Responder ·  14 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 16:24

Pior que votei nessa "coisa"... Mas o importante é aprender com os erros, não é? Não voto mais em candidato do PT nem pra eleição de síndico de prédio!!! rrsrs...

Responder ·  1 · Curtir · 15 de agosto de 2012 às 16:28

Aqui o ocorre o que Bourdieu chama de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2003, p.7-8).

Em postagens como essa, a diferença de gênero é explicitada de forma agressiva, para além do cargo público de Presidenta que Dilma exerce. A exposição de face dos interlocutores não foi um fator que impediu a opinião nesse contexto. Percebe-se assim que, na constituição de gênero nos blogs investigados, os corpos femininos estão submetidos às estratégias de impolidez linguística, operacionalizando ideologias que naturalizam a hierarquização de gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as relações sociais são instâncias dinâmicas e fluídas, no contexto virtual, tais relações são mais complexas, uma vez que se alocam em contextos efêmeros que se desdobram em percursos pluridirecionais. Isso significa mais diversidade, a tal ponto que o polido e o impolido podem aparecer em um mesmo discurso, em que o significado é apreendido dependendo do contexto, das práticas sociais e discursivas produtoras de significação. Discutir essas instâncias nos ajuda a compreender como as interações sociais são atravessadas por ideologias. Nas redes sociais, a semiose entre texto verbal e imagético trabalha no intuito de construir sentido. Em diferentes graus, todas as relações sociais são constitutivas de algum tipo de ideologia, que pode ser performadas em atos de fala polidos ou impolidos. Nesse trabalho, buscamos analisar de que forma as estratégias de polidez e os modos de operação da ideologia se articulam nas interações dos blogs analisados, bem como o seu modo de performatizar, através da linguagem verbal e imagética, a naturalização da violência linguística contra a mulher através das estilizações de gênero, questionando-lhes os efeitos hierarquizantes e produtores de relações assimétricas de gênero. Essa análise se orienta pela visão de linguagem defendida pela Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010).

As estratégias de polidez e os modos de operação da ideologia foram articuladas para facilitar as análises pragmático-discursivas neste trabalho. Ser polido ou impolido, em determinadas situações, não significa um comportamento constante ou um perfil estático de alguém. Ser polido ou impolido se refere às escolhas que cada interagente faz em determinadas situações a partir de uma posição conflituosa de sujeito que assume, posição sempre situada a partir de práticas históricas, culturais e sociais. O fato é que todo ser social transita por diferentes papéis e ser polido ou impolido pode ser um modo de ataque ou de defesa. Outra questão é que nem sempre uma estratégia polida significa uma atitude polida e vice-versa. O grau de proximidade, a intenção de ser irônica(o), a necessidade de proteger a face, entre outros, podem possibilitar que a tênue fronteira do polido e impolido seja extrapolada.

Nessa perspectiva, procuramos responder às seguintes questões: como a articulação das categorias de polidez de Brown e Levinson (1987) com as categorias de

impolidez de Culpeper (1996) e os modos gerais e as estratégias de construção simbólica da ideologia de Thompson (2009) podem ser vistas no uso da linguagem pelos interagentes dos blogs para reforçar a estilização bipolar e hierarquizante de gênero e naturalizar a violência linguística virtual contra a mulher em blogs? Como o princípio da ironia é utilizado pelos interagentes dos blogs como forma de violência linguística contra a mulher?

Partimos das suposições de que o princípio da ironia é utilizado pelos interagentes dos blogs como forma de violência linguística contra a mulher. Os modos de enunciação da polidez linguística e as categorias da ideologia de Thompson se articulam naturalizando ideologias patriarcais e colonizadoras sobre a mulher. Percebemos que nos blogs investigados ainda são hegemônicas as ideologias que apregoam a submissão feminina e a partir das quais a identidade “mulher” é estilizada, a partir do binarismo heterossexual homem/mulher, normatizando o corpo feminino, por impedir as formas plurais de significação para o “ser mulher”.

Nesse contexto, os corpos femininos são discursivizados, sofrendo discriminação e violência linguística, mesmo que de forma “camuflada”, porém não menos cruel. Diante de tudo que foi discutido, é notório salientar que os modos de enunciação da polidez e impolidez funcionam como formas de estilizações performáticas dessas identidades femininas, em sua articulação com o gênero, a partir de diferenças biológicas, significadas previamente, portanto, tomadas como pressupostos ontológicos nos atos de fala investidos de ideologias.

Os modos de enunciação (*on-record*, *off-record* e *bald-on-record*) são utilizados pelos interagentes dos blogs como forma de reforçar o sentido hegemônico binário e hierarquizante, que funciona como uma violência linguística contra a mulher. A ação linguística violenta aqui é legitimada pela provável permissão para a injúria, concedida pelo estilo piadístico assumido pelo(a) produtor/produtora dos blogs analisados. Essa suposição se confirma no trecho (ANEXO 1): “[...] não é te tirando, mas você entra num blog intitulado ‘testosterona’ e acha ruim um poster machista?? hueheuheue”.

O princípio da ironia é utilizado pelos interagentes dos blogs como forma de violência linguística contra a mulher. Essa suposição se confirma, também, por meio do discurso que se organiza em torno do corpo e das diferenças sexuais. Comentários sobre sexo e práticas sexuais são constantes. Essa utilização recorrente de expressões sexualizadas

produz estilizações de gênero que significam, a partir do biológico, corpos dicotomizados e hierarquizados, naturalizando, por seu conteúdo sexual, relações assimétricas de gênero.

No que diz respeito às relações econômicas que também situam os dizeres e as ações produzidas nas postagens e nos comentários, é válido lembrar que o blog é mantido por grandes empresas. Infelizmente, as postagens escancaradamente misóginas dão audiência e retorno financeiro aos produtores/produtoras dos blogs. Como já dissemos, é importante considerar que o discurso da violência, nesse contexto, é, em muitas situações, mascarado pelo “discurso do humor”. É de suma importância considerar que os atos irônicos/sarcásticos, mesmo que proferidos de forma jocosa, não são isentos de serem impolidos ou até ofensivos/violentos.

As estratégias de polidez e impolidez linguística e as categorias da ideologia de Thompson se articularam naturalizando sentidos sexistas e misóginos, sentidos que acabam contaminando os discursos de interlocutores que se identificam como homens e mulheres que fazem circular “representações” objetivas degradantes na construção de gênero “mulher”, em oposição binária ao gênero “homem”. Tanto na análise das categorias da ideologia quanto nos modos de enunciação da polidez linguística, foi possível observar um esforço para a naturalização desse discurso dicotômico e hegemônico no sentido de colonizar e submeter a mulher às estilizações de gênero hierarquizadas e naturalizadas, a partir da ênfase sobre a anatomia, uma vez que o corpo, nessas produções, é constantemente utilizado como um modo de naturalizar as estilizações de gênero assimétricas. Há, contudo, resistências e fluxos inesperados nas interações investigadas, o que aponta para a possibilidade de uma reconfiguração nas estilizações linguísticas de gênero, a partir de fatores sociais, culturais e políticos que pretendem superar o argumento do biológico, como algo pré-determinado.

O blog *Sub judice*⁷³ levanta uma discussão interessante sobre o sexo no blog *Testosterona* e deixa claro que há uma apologia à violência. O fato de o blog ter grande audiência e o apoio de empresas importantes dificulta uma ação judicial para conter esse tipo de postagem. A administradora do blog *Sub judice* alega que o fato de o blog ser de caráter humorístico termina por impedir que seja acionado pela justiça.

73

Disponível: <https://www.facebook.com/OMachismoNossoDeCadaDia/posts/460757640611222?comment_id=5431102&offset=1&total_comments=18>. Acesso em: 5 out. 2013.

É importante ainda considerar que esse trabalho não esgota os estudos nessa área, pelo contrário é um passo inicial para outros estudos, para até mesmo contribuir para que a violência linguística seja contemplada de forma real em algum artigo de Lei, pois consideramos que os atos de fala proferidos ferem e, dependendo da situação, deixam marcas profundas e difíceis de tratar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. Alguém para odiar. In: BLAYA, Maria da Graça (org). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2010, p.16-31.
- ARBLASTER, Anthony Violência. In: OUTHWAITE, W; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Ed.Jorge Zahar, 1996.
- ATTARDO, S. Irony. In: MEY, Jacob. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 405-407.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford: University Press, 1975.
- BAZERMAN, Charles. The Life of Genre, the life in the classroom. In: BISHOP, W; W; OSTROM, H. (orgs). **Genre and Writing: Issues, Arguments, alternatives**. Portsmouth: Heinemann, p. 19 a 26, 1997.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval** e a invenção do amor romântico ocidental. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOUSFIELD, Derek. **Impoliteness and interaction**. Amsterdã: Jonhs benjamins publishing, 2008. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=-g77VIACA1cC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 20 dez. 2012.
- BOUTONNET, Josiane. Irony: Stylistic Approaches. In: MEY, Jacob. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 408-411.
- BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997.
- _____. **Feminismo(s) contemporâneo(s): Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. Cadernos Pagu, Campinas, n.11, p.11-42, 1998.
- _____. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity**". 2ª ed. New York: Routledge, 1999.
- BROWN, Penelope. LEVINSON, Stephen. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- _____. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.
- CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A ortografia no Gênero Weblog: Entre a escrita digital e a Escrita escolar. In: ARAUJO, Júlio César. (org) **Internet & Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 35-47.
- CELMER, Elisa Girotti. Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 72-88.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CULPEPER, Jonathan. **Towards an anatomy of impoliteness**. Journal of Pragmatics n.25, p. 349-367, 1996.

CULPEPER, Jonathan; BOUSFIEL, Derek; WICHMANN, Anne. **Impoliteness revisited: with special reference to dynamic and prosodic aspects**. Journal of Pragmatics, n. 35, p. 1545-1579, 2003.

DANTAS, Daniel; GOMES, Adriano Lopes. Questões de Letramento e de gênero do discurso em blogs. In: **Revista Gatilho**, UFJF, ano IV, (online) 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/ARTIGO1.-Questes-de-letramento.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo. Alguns temas wittgensteinianos. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 14, n. 90, p. 31- 42, Jun. 1999.

FABRÍCIO, Branca Falabella. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **O português no século XXI**. São Paulo: Parábola, 2013. p.144 a 168.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Unb, 2005.

FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de . **Contexto considerando Ad Infinitum**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 13 (1), p. 187 a 201, 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/viewFile/7144/5644>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

GRICE, Herbert. Paul. Logic and Conversation. In. P. COLE: J. L. MORGAN. (eds.) **Syntax and Semantics 3: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1983. p. 41- 58.

HEILBORN, Maria Luiza. **Usos e abusos da categoria gênero**. Rio de Janeiro: s.n., 1990. In: SIMPÓSIO GÊNERO E CLASSES NA AMÉRICA LATINA. São Paulo, 1990.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KANTARA, Argyro. **Impoliteness strategies in ‘House M.D’**. Lodz Papers in Pragmatics. Volume 6, Issue 2, Pages 305–339, ISSN (Online) 1898-4436. February 2011. Disponível em: <<http://www.degruyter.com/view/j/lpp.2010.6.issue-2/v10016-010-0015-9/v10016-010-0015-9.xml>>. Acesso em: 19 set. 2013.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

LEECH, Geoffrey.Neil. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

_____. Politeness: is there an east-west divide? **Journal of foreign languages**. General Serial n. 160. V. 6, November 2005 (online). Disponível em: <http://www.lancs.ac.uk/fass/doc_library/linguistics/leechg/leech_2007_politeness.pdf>. Acesso em 16 fev. 2013.

LEVISKY, David Léo. Uma gota de esperança (Prefácio). In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 6-12.

LOBO, Elisabeth Souza. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MACEDO, Goiacira Nascimento Segurado. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional**. Dissertação de mestrado. Goiás, 2013. Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira_ConstrucaoRelacaoGeneroHomemMulher.pdf>. Acesso em: 08 out. 2013.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. O blog como um hipergênero constelar. In: **Linguasagem**. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao15/002.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONDES, Danilo. **A pragmática na Filosofia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATOS, Marlene Alexandre Veloso. **Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica da mulher**. Tese de doutorado em Psicologia. Portugal, 2006. Universidade do Minho.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo da. (org). **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NEUMAN, Andrés. **La VL (violencia de género/violencia lingüística, y II)**. Disponível em: <file:///C:/Users/PARTICULAR/Desktop/leituras%20disserta%C3%A7%C3%A3o/violencia%20neuman.htm>. Acesso em 15 dez. 2012.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

OTTONI, Paulo. **Visão Performativa da Linguagem**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa. **A polidez linguística em sala de aula de bate-papo na internet**. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Fortaleza, 2008. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará (UFC). 2008.

PENYCOOK, Alastair. **Global Englishes and transcultural flows**. USA: Routledge, 2007.

PICKERING, Viviane Leal. “Prisão violência”. Uma análise do aprisionamento do sujeito contemporâneo. In: ALMEIDA, Maria da Graça (org). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 99-110.

PINTO, Joana Plaza. **Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades**. In: DELTA, v.23, n.1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502007000100001&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 out. 2013.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Comunidades de blogs e espaços conversacionais**. Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella. **Blogs: Mapeando um objeto**. Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia, no GT História da Mídia Digital. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the political economy of sex. In: REITER, R(ed.). **Toward an anthropology, monthly review press**. New York, London: s.n., 1975.

ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero e Patriarcado**. [SL e s.n], 2002, p. 1-34. [Mimeo].

SCOTT, Joan. Wallach. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. In: **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec., 1986.

SHAH, Nishant. PlayBlog: **Pornography, performance and cyberspace**. Cut-up.com Magazine. Holanda, v.2, n.42, Sep., 2005. Disponível em: <<http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413>>. Acesso em 20 dez. 2012.

SILVA, Daniel do Nascimento. **Pragmática da violência o nordeste na mídia brasileira**. Tese de doutorado. Campinas, 2010. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2010.

SANTOS, Karla Cristina dos. **A problemática da ofensa no ato de insultar**. Campinas, 2012. Tese de Doutorado. Coordenadoria de Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8ª edição, Petrópolis: Vozes, 2009.

WATTS, Richard. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Col. Os Pensadores – trad.: José Carlos Bruni), 2000.

ZALUAR, A. M. **O contexto social e institucional da violência**. Rio de Janeiro: In: ed.), p. 8, 2003.

ANEXOS

Anexo 1

//MUNDO MACHO

O QUE AS MULHERES PRECISAM SABER SOBRE RELACIONAMENTOS

87

Por: Edu — Em: Mundo Macho — 23 de outubro de 2012

[Twitter](#) 85 [Curtir](#) 2,4 mil [Enviar](#) [+1](#) +22

caixapretta.com.br apresenta:

O QUE AS MULHERES PRECISAM SABER SOBRE CASAMENTO



- Uma das mulheres acima faz sexo anal.
- A outra não.
- Uma delas tem um casamento estável e feliz.
- A outra reclama que está solteira.

Vi no Caixa Pretta

87 DEIXE SEU COMENTARIO

87 comentários ▾

Comentar



Jéssica Costa · [★ Quem mais comentou](#) · Juiz de Fora

Essa dica aí eu posso atestar que é fato!

Responder · [👍 58](#) · Curtir · Seguir publicação · 30 de outubro de 2012 às 13:51



Polyana Martins · UniBH

Aaaaah tá ... vão comer c' de viado então

Responder · [👍 19](#) · Curtir · Seguir publicação · 6 de novembro de 2012 às 21:42



Tayara Marques

MOrri de rir de vc Poooly, saudade de suas loucuras!!

Responder · [👍 3](#) · Curtir · 6 de novembro de 2012 às 22:00



Daniel Santos · [📧 Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Trabalha na empresa INPE Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

Contra fatos não há argumentos.

Responder · [👍 14](#) · Curtir · Seguir publicação · 26 de outubro de 2012 às 14:37



Emerson Vieira · Quem mais comentou · Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Outro dia vi uma reportagem da Nicole falando que não libera o bumbum.. com o pandeiro desse tamanho todo! Agora a Sandy, toda "franzininha" libera. A vida como ela é!

Responder · 10 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 13:39



Guilherme Carvalho Rocha · Seguir · Quem mais comentou · Fesurv ·

Universidade de Rio Verde

vdd

Responder · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 13:39



Rafael Rodrigues · Seguir · Quem mais comentou · Personal Training na empresa

Professor De Educação Física

Fez sentido!

kkkkkkkkkkkkkkkk

Responder · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 13:44



Fernando De Melo Lima · Seguir · Quem mais comentou

HAHAHAHAHAHAHA

Verdade seja dita...Não se esqueça do boquete a moda SASHA GRAY!!!!

Responder · 8 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 14:23



Nelson Damasceno · Quem mais comentou · Faculdade Bezerra de Araújo

It is testosterona bitch!Kkkk

Responder · 2 · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 14:52



Elves André · Seguir · Quem mais comentou · Agente Administrativo na empresa

Prefeitura Municipal de Quipapá · 378 assinantes

Naidson If you now what i mean

Responder · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 15:01



Tadeu Ferreira · Quem mais comentou · Escola Secundária Afonso Lopes Vieira

Hahaha, Epic Win

Responder · Curtir · Seguir publicação · 23 de outubro de 2012 às 16:26



Rogerclaudio Wodson · Seguir · Militar na empresa CENTRO DE INSTRUÇÃO E ADAPTAÇÃO DA AERONÁUTICA - CIAAR

só pra esclarecer a sandy é quem esta casada e feliz.

Responder · 4 · Curtir · Seguir publicação · 25 de outubro de 2012 às 17:20

**Rafael Goes**

sandy e o tiro por trás

Responder · Curtir · Seguir publicação · 26 de outubro de 2012 às 21:20

**Fernando Pinheiro** · ★ Quem mais comentou · Piloto na empresa N.A.S.A.

kkkkk

Responder · Curtir · Seguir publicação · 26 de outubro de 2012 às 22:03

**MonaMi Ribeiro** · ★ Quem mais comentou

Fiquem a vontade garotos, há muitos "homens" por aí que adorariam dar esse presentinho pra vocês...rsrsrsrs

Responder · Curtir · Seguir publicação · 27 de outubro de 2012 às 18:43

**Adriano Sousa** · Trabalha na empresa Concessionária Bahia Norte S/A · Invepar / Odebrecht

Transport

Verdade...

Responder · Curtir · Seguir publicação · 27 de outubro de 2012 às 14:26

**Diego Furtado** · ★ Quem mais comentou · Systems Analyst na empresa Spread IT Systems

comparação da Sandy que faz sexo anal e da Nicole que diz que nao faz anal

Responder · Curtir · Seguir publicação · 29 de outubro de 2012 às 09:36

**Tharlen Nascimento** · Seguir · Trabalha na empresa Chamber of DeputiesA mulher que faz tudo na cama ta casada e a que quer ser santa ta chupando o dedo
KKKKKKKKK

Responder · Curtir · Seguir publicação · 29 de outubro de 2012 às 10:47

**Diego Furtado** · ★ Quem mais comentou · Systems Analyst na empresa Spread IT Systems

Acima de tudo tem que ser boa de "cama"...

Responder · Curtir · Seguir publicação · 29 de outubro de 2012 às 14:38

**Gabriel Broering Rohden** · Seguir · ★ Quem mais comentou · Universidade do Estado de Santa Catarina

true story!

Responder · 4 · Curtir · 6 de novembro de 2012 às 21:05

**Paulo Roberto** · Aparecida de Goiânia

Realment que BOSTA...

Responder · Curtir · 6 de novembro de 2012 às 21:06



Sérgio Pedro Da Silva · ★ Quem mais comentou · Unicsul - Universidade Cruzeiro do Sul

Vai botando fé... acho q as duas fazem de tudo!!!

Responder · Curtir · 6 de novembro de 2012 às 21:21

Ver mais 6 »



Elias Blade · ★ Quem mais comentou

A gata q nega o brioco nunca sera feliz..teje dito

Responder · Curtir · Seguir publicação · 30 de outubro de 2012 às 11:30



Jessica Tonial · ★ Quem mais comentou · ETEC Trajano Camargo

juro que eu não entendo como um orificio cheio de merda é atraente pra um homem, haha, mas, cada qual com seu cada um..

Responder · Curtir · Seguir publicação · 31 de outubro de 2012 às 19:34



Fernanda Baracho · ★ Quem mais comentou · DIREITO UNISANTOS

o outono é sempre igual,as folhas caem no quintal...

Responder · Curtir · 2 · 31 de outubro de 2012 às 19:36



Luciano Quinsan · ★ Quem mais comentou · Faculdade da Vida

Pense assim: A maioria tem pau pequeno e morre de inveja dos atores pornos... ele vê no "orificio cheio de merda" a oportunidade de sentir-se poderoso pela primeira vez na vida. Eu vejo dor e desconforto... mas não nego que goste de assistir videos em sites adultos. Outra explicação: Os homens são mandados pelas mulheres desde que nascem, por mais machão que cresça ele está 80% do tempo pensando em mulheres (é questão hormonal, incontrolável)... Botar atrás é uma forma de domínio completo, é como ter conseguido subjugar ao máximo possível... uma vingança, por assim dizer, que não muda nada, pois volta tudo ao seu normal no dia seguinte (vocês no comando). Já o Freud diria pode ser homossexualismo enrustido, vai saber...

Vão me chamar de viado, eu sei, mas só explicando: Tenho um relacionamento estável de 8 anos, heterossexual, ehehehehe, e estou firme,

Responder · Curtir · 7 de novembro de 2012 às 04:02



Ana Cavalcante · Seguir · Rio de Janeiro, Rio de Janeiro · 1.266 assinantes

UAHUAHAUUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAH Oh God!

Responder · Curtir · Seguir publicação · 11 de novembro de 2012 às 10:17

Anexo 2

//NOTÍCIAS

MAIORIA DAS MULHERES BRITÂNICAS ESCOLHERIA VIDA DOMÉSTICA NO LUGAR DE CARREIRA PROFISSIONAL

0

Por: Eda — Em: Notícias — 08 de Junho de 2013

[Twitter](#) 13
 [Facebook](#) 273
 [Google+](#) 43



Depois de décadas lutando pela igualdade nos locais de trabalho, muitas mulheres Britânicas admitem agora que colocariam a carreira profissional de lado em favor da vida doméstica, e que não têm problemas algum em ser uma "mulher guardada" (inglês: "kept woman"), ou seja: do lar. Mas de acordo a pesquisa, as mulheres guardam o seu desejo (de serem domésticas e não executivas) dentro de si uma vez que se sentem pressionadas a viver uma vida independente.

Numa pesquisa recente realizada com 1.582 com mulheres com mais de 25 anos, todas empregadas e num relacionamento, 63% delas admitiu secretamente que prefeririam ser donas de casa e não mulheres com uma carreira profissional. Foi perguntado às inquiridas se se identificavam como "mulheres independentes", e 65% delas disse que sim. Além disso, foi perguntado às mulheres que haviam respondido com um "Sim" se sentiam algum tipo de pressão (por parte de outras mulheres) para serem independentes, e 74% disse que sim.

Mais de metade das mulheres (57%) questionadas pelo site de moda mycelebrityfashion.co.uk admitiu que aspiravam por um estilo de vida mais relaxante, confessando que prefeririam ser domésticas e não empresárias. Quando lhes foi perguntado sobre a independência financeira, 73% das mulheres afirmou que não se importaria de depender financeiramente do parceiro.

Fonte: [Daily Mail](#)

CASA ARRUMADA DÁ MAIS PRAZER QUE SEXO, DIZ PESQUISA

0

Por: Edu – Em: Notícias – 26 de setembro de 2013

 Tweetar 48

 Curtir 293

 Enviar  +1 -2



Responda rápido: você prefere ter a casa limpa e arrumada ou sexo? De acordo com uma pesquisa encomendada pela fabricante de eletrodomésticos Beko, a escolha dos britânicos é o lar em ordem. Os dados são do jornal Daily Mail.

O levantamento apontou que 36% das pessoas entrevistadas disseram que casa arrumada é o maior prazer, em comparação com 34% que escolheram feriado, 18% sexo e 11% uma boa noite fora. Fora isso, constatou-se que bagunça é mais irritante que ficar preso no trânsito e ter de ouvir música de espera telefônica.

Mas enquanto toda a família desfruta da limpeza, o trabalho duro é principalmente das mulheres. Elas gastam, em média, seis horas a mais por semana com afazeres domésticos que os homens. São 17 horas por semana, mais de dois dias completos de trabalho. Como resultado, elas têm 23 horas de tempo livre por semana, oito horas a menos que os parceiros.

Fonte: [Terra](#)

ARÁBIA SAUDITA MULTA 6 HOMENS POR DEIXAREM MULHERES DIRIGIR



Por: Eda – Em: Notícias – 27 de setembro de 2013

[Twitter](#)
[Facebook](#)
[Google+](#)
[LinkedIn](#)
[Print](#)



A polícia da Arábia Saudita multou nesta semana seis homens que permitiram que mulheres sob sua tutela dirigissem carros – o que viola as leis do país. A informação foi divulgada nesta quarta-feira pelo jornal *Al-Sharq*. A Arábia Saudita é o único país do mundo que proíbe as mulheres de conduzirem veículos.

Segundo o *Al-Sharq*, que citou como fonte um porta-voz da polícia, Mansur al-Shagra, a maior parte das “infrações” foi registrada em praias e áreas desabitadas. Os homens multados terão que pagar 900 rials sauditas (aproximadamente 500 reais).

As multas foram impostas justamente quando um grupo de ativistas sauditas iniciou nesta semana uma campanha na internet para exigir que as mulheres do país possam dirigir. O grupo vem convocando mulheres para saírem às ruas com seus carros no dia 26 de outubro, como forma de desafiar a proibição, baseada numa “fatwa” (decreto religioso) emitida por uma autoridade do país nos anos 1990.

Segundo reportagem do jornal britânico *The Daily Telegraph*, integrantes da Majlis al-Itta’ al-Ahli, o mais alto conselho religioso do país, afirmaram em 2011 que o fim da restrição provocaria um surto de “prostituição, pornografia, homossexualidade e divórcio” no país.

Fonte: [Veja](#)

Anexo 3

Did the feminists burn their bras for nothing? Majority of British women would pick being a housewife over having a career

- Women aged 25 plus in a relationship and full time jobs were polled
- 62% admitted they 'secretly' wished to be a housewife
- 74% said they felt pressure from other women to be independent
- 78% said they wouldn't mind being financially dependent on their partner

By LUCY WATERLOW

PUBLISHED: 14:28 GMT, 15 May 2013 | UPDATED: 14:48 GMT, 15 May 2013

[f Share](#)
[Tweet](#)
[g+1](#)
[Share](#)

2,061 shares

320 [View comments](#)

After decades of striving for equality in the workplace, many British women have now admitted they would rather be a housewife than have a career - and have no qualms about being a 'kept woman.'

But according to the research, women keep their desire to stay at home secret because they feel under pressure from other women to live an independent lifestyle.

In a recent poll of 1,582 women aged 25 and over, all of whom were in a relationship and in full time employment, 62 per cent admitted they secretly wished to be a housewife rather than have a career.



Anexo 4

COMPORTAMENTO

25 de Setembro de 2013 • 09h47

Casa arrumada dá mais prazer que sexo, diz pesquisa

Pesquisa mostra que 36% dos entrevistados acham que casa limpa é o maior prazer, contra 18% que votaram em sexo



Responda rápido: você prefere ter a casa limpa e arrumada ou sexo? De acordo com uma pesquisa encomendada pela fabricante de eletrodomésticos Beko, a escolha dos britânicos é o lar em ordem. Os dados são do jornal Daily Mail.

O levantamento apontou que



A bagunça é mais irritante que ficar preso no trânsito e ter de ouvir música de espera telefônica

Fonte: Getty Images

36% das pessoas

entrevistadas disseram que

casa arrumada é o maior prazer, em comparação com 34% que escolheram feriado, 18% sexo e 11% uma boa noite fora. Fora isso, constatou-se que bagunça é mais irritante que ficar preso no trânsito e ter de ouvir música de espera telefônica.

Mas enquanto toda a família desfruta da limpeza, o trabalho duro é principalmente das mulheres. Elas gastam, em média, seis horas a mais por semana com afazeres domésticos que os homens. São 17 horas por semana, mais de dois dias completos de trabalho. Como resultado, elas têm 23 horas de tempo livre por semana, oito horas a menos que os parceiros.

Anexo 5

10 FATOS QUE PROVAM QUE VIVEMOS NUMA SOCIEDADE MatriARCAL OPRESSORA

Por: Edu — Em: Destaques, Listas — 20 de setembro de 2013

Tweetar 32 Curtir 1,6 mil Enviar +18



MAIORIA DOS SEGURANÇAS PARTICULARES SÃO HOMENS. POR QUE HOMENS PODEM ARRISCAR SUAS VIDAS E MULHERES NÃO? A VIDA DO HOMEM É DESCARTÁVEL?

MULHERES CONTROLAM 66% DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS.

A GRANDE MAIORIA DOS MORADORES DE RUA SÃO HOMENS.

NO BRASIL, UM HOMEM TEM TRÊS VEZES MAIS CHANCES DE SER ATINGIDO POR UM RAIO.

MULHERES VIRGENS SÃO CONSIDERADAS EXEMPLO PARA A SOCIEDADE, HOMENS VIRGENS SÃO MOTIVO DE PIADA.

EM UM IDIOMA SEXISTA COMO O PORTUGUÊS, O GÊNERO FEMININO É TRATADO DE FORMA EXCLUSIVA, ENQUANTO O MASCULINO DE FORMA GÊNICA.

58% DOS FORMANDOS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS SÃO MULHERES.

MULHERES VIVEM OITO ANOS A MAIS DO QUE OS HOMENS, E SE APOSENTAM CINCO ANOS MAIS Cedo.

UM LEVANTAMENTO SOBRE A VIOLÊNCIA AMOROSA ENTRE OS ADOLESCENTES BRASILEIROS REVELA QUE AS MENINAS AGRIDEM MAIS QUE OS MENINOS.

99% DAS DECISÕES DOS JUÍZES SOBRE A GUARDA DE FILHOS É A FAVOR DA MÃE.

ATÉ QUANDO VOCÊ VAI FECHAR OS OLHOS PARA ISSO?

www..com

Fb.com/Homenismo

Anexo 6

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA O HOMEM

30

Por: Edu – Em: Mundo Macho – 02 de maio de 2013

Tweetar 77 Curtir 1.3 mil Enviar +1 +7



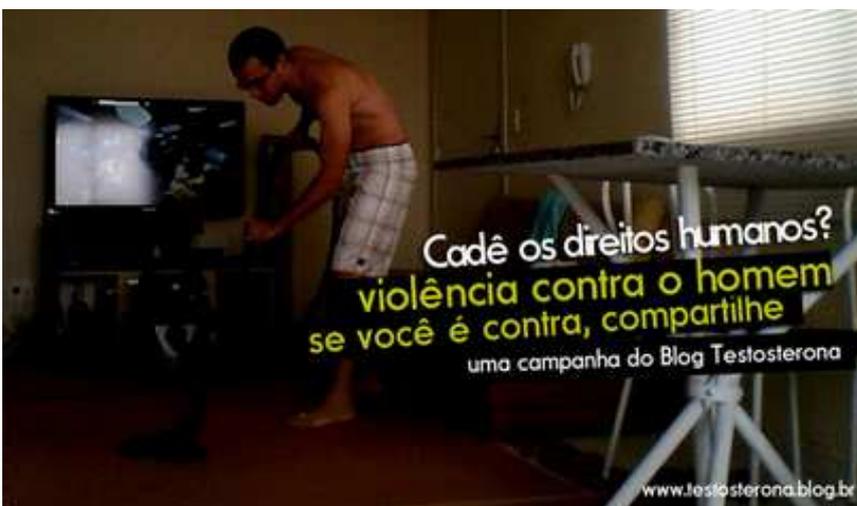
Kaique Lopes – Belo Horizonte – MG



Anderson Silva de Sá – Manaus – Amazonas



Paulo Pimenta – Maringá – Paraná



Vanderlei Gugel – Posse – Goiás



Gutto Hoffmann e Matheus Niehues – São Ludgero – SC

VIOLÊNCIA CONTRA O HOMEM

0

Por: Edu – Em: Imagens – 10 de agosto de 2013

Tweetar 13 Curtir 482 Enviar +6



Cadê os direitos humanos?

Anexo 7

27/11/2012 em: Diz que é feminista - por Acid Girl

é feminista, mas esquece disso quando...



28 comentários

Comentar



Walter Wagner · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Trabalha na empresa IMEB · 414 assinantes

"O cavalheirismo é a parte do machismo que convém às mulheres."

Responder · [👍 14](#) · Curtir · [Seguir publicação](#) · 7 de dezembro de 2012 às 21:39



Filipe Amaral · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Caetano de Campos

Nenhuma feminista exige servir obrigatoriamente às forças armadas. Entre outras coisas, como se aposentar mais cedo sem motivo.

Responder · Curtir · 21 de setembro às 23:19



Marcela Rodrigues · [★ Quem mais comentou](#) · Balneário Camboriú, Santa Catarina

haha virou seção mesmo, adore!!!

Responder · Curtir · [Seguir publicação](#) · 2 de dezembro de 2012 às 22:16



Bruna Lopes · [★ Quem mais comentou](#) · Escola Contec - Unidade Vila Velha

na hora d pagar a conta... na hora que o ingresso pras mulheres é mais barato... uahuahuhuhu enfim, só é feminista qnd é pra trabalhar sas porra! ~-~"

Responder · [👍 7](#) · Curtir · [Seguir publicação](#) · 18 de dezembro de 2012 às 11:32



Emanuel Lobato · [Seguir](#) · Bolsista na empresa Ifam

isso elas nao comentam nel ahhaah

Responder · [👍 1](#) · Curtir · [Seguir publicação](#) · 10 de dezembro de 2012 às 16:50



Patricia Alves · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Suporte Técnico em TI na empresa Tecimob - Gerenciador e site Imobiliário

Eu não me importo de pagar a conta se eu convido o cara e ele me fala que não tem grana.. acho q quem tem mais grana pode fazer isso sim.. independente de ser o homem ou a mulher, mas quando saio com um cara que tem grana gosto que ele se ofereça pra pagar, mesmo geralmente não aceitando..

Responder · Curtir · [Seguir publicação](#) · 19 de dezembro de 2012 às 17:45



Camila Carneiro · [Seguir](#) · Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Pronto... O movimento com milhões de causas, ai postam esse "detalhe" que os homens adoram né?

Responder · [👍 4](#) · Curtir · [Seguir publicação](#) · 12 de janeiro às 02:04



Walter Wagner · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Trabalha na empresa IMEB · 414 assinantes

Ok, pia tá acumulando louça!

Responder · [👍 5](#) · Curtir · 12 de janeiro às 02:15



Helton Tomazin · Colégio Eniac

falta de informação: algumas correntes do feminismo são contra o cavalheirismo também...

Responder · Curtir · 22 de setembro às 00:30



Aleciano Júnior · ★ Quem mais comentou · Tecladista na empresa Brain Damage - Pink Floyd
Cover

Nunca vi feministas lutarem por valores de ingressos iguais nas entradas de eventos. u.u

Responder · 👍 3 · Curtir · Seguir publicação · 3 de maio às 14:07



Drika Bienevuth · Seguir · Fotografa na empresa Drika Bienevuth · 110 assinantes

Acho que quem deveria lutar por isso são os homens, que pagam mais caro. Ninguém vai lutar pra pagar mais caro, precisa explicar o porquê? As mulheres tem as suas próprias lutas, arregace suas mangas se quiser esse direito ;)

Responder · 👍 8 · Curtir · 21 de setembro às 21:21



Aleciano Júnior · ★ Quem mais comentou · Tecladista na empresa Brain Damage - Pink Floyd
Cover

Ainda bem que minha namorada paga a conta também.

Responder · 👍 3 · Curtir · Seguir publicação · 3 de maio às 14:06



Fernanda Duarte · ★ Quem mais comentou

Se esquecem também na hora de pagar o mesmo valor na balada, de fazer 18 e se alistar nas forças armadas, de se aposentar com o mesmo tempo de serviço/contribuição, de transar no primeiro encontro, de dar presente pro companheiro, de trocar pneu...

Responder · 👍 1 · Curtir · Seguir publicação · 18 de maio às 22:06



Drika Bienevuth · Seguir · Fotografa na empresa Drika Bienevuth · 110 assinantes

Sério mesmo que as feministas se esquecem disso? Me diz, quantas feministas você conhece?

Responder · 👍 2 · Curtir · 21 de setembro às 21:24



Paulinha Maia · Seguir · ★ Quem mais comentou

Eu prefiro dividir a conta,mas acho que isso é uma gentileza que é conveniente pra algumas garotas.

Responder · 👍 2 · Curtir · Seguir publicação · 21 de setembro às 21:57



William Mesquita Guarany Kaiowa Mesquita · UNISUAM

dividir a conta é legal, rs

Responder · 👍 1 · Curtir · 21 de setembro às 22:14



Paulinha Maia · Seguir · ★ Quem mais comentou

William Mesquita Guarany Kaiowa Mesquita tbm acho..e prefirolahaha

Responder · Curtir · 21 de setembro às 22:15



Vinicius Andrade · ★ Quem mais comentou · Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Feminismo atualmente = "Queremos os direitos até então reservados aos homens, mas não os deveres."

Responder · Curtir · Seguir publicação · 21 de setembro às 21:42

Anexo 8

18/12/2012 em: Diz que é feminista - por Acid Girl 31

diz que é feminista, mas...



Diz que é
FEMINISTA
 mas só **namora**
 se **ELE** tiver
 www.acidezfeminina.com.br
CARRO



Rodrigo Mateus · ★ Quem mais comentou · Colegio Santa Doroteia _ Manaus,Am
 Fusca é carro !?
 Responder · 2 · Curtir · Seguir publicação · 18 de dezembro de 2012 às 12:38



Leo Santojo · ★ Quem mais comentou
 Se fossem só as feministas tava bom.
 Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 19 de dezembro de 2012 às 09:07



Abigail De Souza Pereira · Seguir · ★ Quem mais comentou · Lawyer na empresa Autônoma
 Qual o problema? -> eu tenho carro e só aceito quem tenha o mesmo poder aquisitivo que eu!
 Responder · Curtir · Seguir publicação · 18 de dezembro de 2012 às 13:11



Gicélio Cassiano de Figueiredo · ★ Quem mais comentou · Trabalha na empresa EMUFRN - Escola de Musica da UFRN
 vo ta de carro?
 Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 13:13



Gicélio Cassiano de Figueiredo · ★ Quem mais comentou · Trabalha na empresa EMUFRN - Escola de Musica da UFRN
 :p
 Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 13:13



Abigail De Souza Pereira · Seguir · ★ Quem mais comentou · Lawyer na empresa Autônoma
 yes, sei dirigir mas a preguiça me impede de ir a uma autoescola! rsrs preciso tirar essa bagaça de carteira p não me cagar de medo numa blitz.
 Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 13:15



Abigail De Souza Pereira · Seguir · ★ Quem mais comentou · Lawyer na empresa Autônoma
 é um gol 2005, 4 portas
 Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 13:16



Lanna Medeiros · ★ Quem mais comentou
 aff... nem tem habilitação e ta achando que so pq tem um gol 2005, é grandes coisas!
 Que tosca! Luiz Rocha, concordo com vo!
 Responder · 5 · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 08:38



Leo Santojo - ★ Quem mais comentou

'yes, sei dirigir mas a preguiça me impede de ir a uma autoescola! rsrs preciso tirar essa bagaça de carteira p não me cagar de medo numa blitz'

Além de querer ser arrogante por que possui um carrinho popular pra lá de usado ainda dirige sem carteira? E pasmem, parece que é advogada.

Por isso que esse país tá nesse buraco sem fundo.

Responder · 👍 11 · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 09:07



Patrícia Lima - 📧 Seguir - ★ Quem mais comentou · Rio Claro, Sao Paulo

Eu ri! Coitada, deu dó agora... realmente Leo Santojo... parece ser advogada, mas de 5º né?

Que podre você fia, vai fazer uma progressiva nessa sua juba primeiro ou de alto poder aquisitivo. Nem na Augusta você consegue alguém, por isso que esse mundo tá um lixo, gente podre que não é NADA, achando-se SUPERIOR. AHHHH maldita Ford e Volks que liberam carro em prestações feito a das Casas Bahia... consórcio maldito!

Responder · 👍 2 · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 18:37



Denise Neves (signed in using Hotmail)

Patrícia Lima, estou em dúvida entre quem é mais arrogante, se é você ou a Abigail.

Responder · 👍 5 · Curtir · 20 de dezembro de 2012 às 05:47



Abigail De Souza Pereira - 📧 Seguir - ★ Quem mais comentou · Lawyer na empresa Autônoma

Minha juba é meu orgulho, sou neta de negros, sua racista. E, depois, nunca me faltou homem, mas com certa idade tem que ser mais seletiva. Porque dividir miséria, ninguém merece. Depois de ter duas graduações, me avisa, tá?

Responder · 👍 1 · Curtir · 20 de dezembro de 2012 às 17:45



Abigail De Souza Pereira - 📧 Seguir - ★ Quem mais comentou · Lawyer na empresa Autônoma

Depois, só pra constar o carro é a vista e depois decidi só tirar a carteira dps de comprar o carro, pois não tinha sentido saber dirigir enqto só andasse de ônibus (Autoescola é 2 meses de aula, 2 a 4h ao dia e custa 300 reais c/habilitação - eu não tinha TEMPO pra isso, 4h horas do dia de alguém é um expediente inteiro e eu trabalho). Depois, não vejo problema em ser seletiva - cada um com seus critérios - seleciono por caráter e inteligência - o que ninguém aqui demonstrou, fuçaram meu perfil e a única coisa que conseguiram criticar foi meu cabelo, hahaha. Já namorei gente simples e sempre tive que selecionar onde ia - pq o cara não se sentia a vontade de eu pagar ou rachar a conta. Prefiro namorar gente do mesmo nível social e não ter esse problema

Responder · 👍 2 · Curtir · 20 de dezembro de 2012 às 22:11

-  **Pedro Larquer** · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Trabalha na empresa São Paulo Previdência
Vai acabar solteira e oriando gatos em casa
Responder · Curtir · 25 de março às 00:28
-
-  **Jéssica Sant'Ana** · Fisk ingles
Prefiro ter o meu!! foda-se ele.
Responder · Curtir · 18 de dezembro de 2012 às 16:25
-
-  **Glevson Cloves Rosendo** · [Seguir](#) · Trabalha na empresa Alcides Barreto Advocacia e Assessoria Jurídica
Deixa o Carro em casa é Vamos Caminha Jéssica Sant'
Responder · Curtir · 21 de dezembro de 2012 às 09:04
-
-  **Jonatan Amâncio** · [★ Quem mais comentou](#) · CEFET-BA
Valorizo. As garotas que soma com seu parceiro.
Responder · Curtir · 4 de maio às 00:12
-
-  **Adauto Pereira** · [★ Quem mais comentou](#) · Campinas, Sao Paulo
e blá blá "amor verdadeiro", "blá blá"
Responder · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 22:44
-
-  **Ana Beatriz Santos** · [Seguir](#) · Jovem Aprendiz na empresa Grupo 4 Mares
Acho que não tem nada ver isso se gosta mesmo de verdade não interessa se a pessoa tem carro ou não, já namorei uma pessoa inferior a minha posição social e nem por isso morre foi mt bom!
Responder · Curtir · 19 de dezembro de 2012 às 19:58
-
-  **Abigail De Souza Pereira** · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Lawyer na empresa Autônoma
Tb namorei, mas acho a pessoa tem que ser muito boa pra compensar esse tipo de diferença, pq querendo ou não pesa.
Responder · Curtir · 20 de dezembro de 2012 às 22:13
-
-  **Vinicius Anselmo** · [★ Quem mais comentou](#)
mas pra vos ele tem q ser superior e vos n querem compensar né?
Responder · Curtir · 21 de abril às 04:16
-
-  **Chen Koyen** · UERJ/FEBF
hipocrisia eh o mal de muitos movimentos, principalmente os populares
Responder · Curtir · 28 de dezembro de 2012 às 11:35
-
-  **Eita Mano**
Pra muitas o importante é não voltar a pé pra casa, se puder não ser em um carro popular melhor ainda... a preferência é pelos importados...
www.eitamano.com
Responder · Curtir · Seguir publicação · 20 de dezembro de 2012 às 16:55
-
-  **Juan Alonso** · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Belo Horizonte, Brazil
Hahaha me lembrou vo Tati Braga
Responder · Curtir · Seguir publicação · 25 de março às 01:28
-
-  **Érica Felício** · Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brazil
Por favor, interesse. Praticamente tudo que fizemos hoje em dia é por interesse. Não falo aquele interesse de "usar e depois largar", porque eu por exemplo, tenho amigos com interesses em comum, ando com pessoas que podem me ajudar em alguns pontos, mais por uma troca do que só me aproveitar. Por mais fútil que pareça ser, cara. Uma feminista quiçá namoraria um cara por causa do carro, mas ela continuaria com ele por causa de fatores que vão bem além dessa superficialidade toda.

Mas mulher independente é sexy, fica a dica. (Falo por meus amigos, que concordam plenamente).
Responder · Curtir · Seguir publicação · 21 de abril às 04:16
-
-  **Jonatan Amâncio** · [★ Quem mais comentou](#) · CEFET-BA
super sexy e desafiadoras...
Responder · Curtir · 4 de maio às 00:13
-
-  **Jonatan Amâncio** · [★ Quem mais comentou](#) · CEFET-BA
O problema é que as pessoas só se engajam em algo, com objetivo de ganhar algo em caráter individual. Então entra o conceito de que venha os benefícios e fiquem com os malefícios.
Responder · Curtir · Seguir publicação · 4 de maio às 00:19
-
-  **Paola Chaves** · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Assistente Técnico Educacional na empresa Secretaria da Educação de Lages
Então eu definitivamente, sou feminista. =)
Responder · Curtir · Seguir publicação · 4 de maio às 00:12

Anexo 9

DILMA PRETENDE GASTAR MAIS DE 100MIL REAIS PARA RENOVAR A COZINHA (NÃO É PIADA)

42

Por: Edu – Em: Notícias – 15 de agosto de 2012

[Twitter](#) 113
 [Facebook](#) 714
 [Google+](#) 418



Depois de dar um trato nos espelhos de Dilma Rousseff no Palácio da Alvorada (leia mais em [Troca de espelhos](#)), chegou a vez de a Presidência da República renovar os utensílios de copa e cozinha do Planalto.

Lima licitação aberta recentemente pelo governo pretende gastar 103 000 reais com diferentes itens (a lista completa tem 39 objetos) de cozinha, como 300 garfos (10,60 reais cada), 300 facas (31,40 reais), 600 xícaras de café (7,20 reais) e... para os eventos oficiais do Planalto: 120 taças de champagne, sessenta taças de vinho Bordeaux, sessenta copos de uísque on the rocks e 720 taças de água (21,40 reais cada).

E é melhor os ministros – e convidados – tomarem cuidado para não quebrar nada: cada taça de vinho, por exemplo, sairá por 124,90 reais. As taças de champagne custarão 59,60 reais cada, e os copos de uísque, 66,40 reais.

Fonte: [Veja](#)

Isso que dá eleger mulher!



Humberto Costa · [★ Quem mais comentou](#) · Brasília, Brazil

Por mim tudo bem... Desde que ela fique o tempo todo na cozinha e não vá 'trabalhar' inventando mais leis para atrapalharem a vida da gente. No Planalto o prejuízo que ela causa por dia é muito maior. Inclusive pelo mesmo valor vale o mesmo raciocínio para deputados e senadores, quanto menos 'trabalharem' menos prejuízo dão pra gente 100 mil reais por dia é uma pechincha.

Responder · 28 · Curtir · Seguir publicação · 28 de agosto de 2012 às 01:21



Danillo Rodrigues · Campina Grande

O bom é que em outra reportagem foi dito pela Dima Puta que os grevistas estavam pedindo demais e que o Governo tinha prioridades... Agora tá explicado, né? Nada mais justo do que renovar a cozinha e financiar estádios particulares invés de investir na Educação, Saúde e Segurança Pública.

Responder · 28 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 15:46



Felipe Felix Braga · [★ Quem mais comentou](#)

Mas era preciso! Se os políticos não comerem direito, ficam sem forças pra roubar a gente.

Responder · 4 · Curtir · 17 de agosto de 2012 às 22:18



Ângela Cabral

Isso que dá eleger mulher coisíssima nenhuma!! Isso que dá eleger PETISTA.

Responder · 14 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 17:24



Ana Paula Albuquerque · Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Pior que votei nessa "coisa"... Mas o importante é aprender com os erros, não é? Não voto mais em candidato do PT nem pra eleição de síndico de prédio!!! rrsrrs...

Responder · 1 · Curtir · 15 de agosto de 2012 às 17:28



Ângela Cabral

E eu também torci por essa cidadã até o momento em que ela tomou posse e deu continuidade as porcarias comunistas do PT. Só faz besteira. Eu também hahahaha!! Não voto de foocooorma alguma.

Responder · 1 · Curtir · 15 de agosto de 2012 às 17:32



Fernando Balbino de Araújo · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#) · Assessor de secretaria na empresa Prefeitura Municipal de Cafelândia · 209 assinantes

Realmente não existe comentário melhor. "Isso que dá eleger mulher!"

Responder · 8 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 16:04



Mariane Trevisoli

pior é o Lula q fez a gente pagar estádio pro corinthians =(

Responder · 10 · Curtir · 15 de agosto de 2012 às 16:58



Rafael Marques · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#)

...mas o estádio ainda vai trazer dinheiro de volta, com os ingressos e publicidade

Responder · 1 · Curtir · 15 de agosto de 2012 às 17:38



Juliano Xavier Lacerda · Seguir · Assessor de Desenvolvimento em São Mateus na empresa Junior ES

Afinal, que mal tem né?! O país nem ta quase parando em greves, o governo pode muito bem reformar todo o planalto! Podemos reservar quase 2 bilhões do orçamento do país para a copa de 2014, fora o que vamos gastar depois sediando as olimpiadas, porque se me lembro bem, na candidatura do rio tinha uma previsão de mais de 20 bilhões. Mas o que é isso para um país tão rico quanto o nosso né?!

Responder · 3 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 23:21



Plinio R C Junior · Seguir

É complicado tudo isso, o governo não ajuda e só ferra com todo mundo, aqui tudo é mais caro ! E ainda ficamos nessa esperança que pode melhorar, e também fica a duvida..... ó duvida cruel !!! sera que algum faria alguma coisa diferente ?

Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 15:55



Felipe Soares · Seguir · Quem mais comentou · Trabalha na empresa Marinha do Brasil (Oficial)

viva o governo rico, e o povo pobre! :)

Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 19:31



Fabio Abibi · Quem mais comentou

Como assim "não é piada"??? O cara posta matéria da VEJA e diz que não é piada? pfff

Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 16 de agosto de 2012 às 09:08



Danillo Rodrigues · Campina Grande

Isso é falta de sexo com sexo oposto.

Responder · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 15:43



Johnny De Souza Ramos · Utfpr

oq fazer com 103 mi reais?
reforma cozinha lógico!!!
só p kra dela mesmo...rrr

Responder · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 19:04



Gabriel Dutra · Quem mais comentou

Eu rio de alguns comentários, eu sou bissexual e acesso o site. E ainda acho engraçado.

Responder · Curtir · Seguir publicação · 15 de agosto de 2012 às 19:46



Rafaela Santos · Rio Branco

É A VEZ DA MULHER!!!(ROUBAR!)

Responder · Curtir · Seguir publicação · 18 de agosto de 2012 às 10:10



Cleblio Dias · Seguir · Universidade Federal do Ceará - UFC

Se fosse homem, ia comprar tudo em bebida e mandar todo mundo beber na boca da garrafa..

Responder · Curtir · Seguir publicação · 19 de agosto de 2012 às 17:24